

Rodrigo Lopes Miranda  
Millene Soares Cardoso  
Gabriela Pereira da Silva  
Ana Camila Marcelo  
Jaqueline de Andrade Torres  
Renan da Cunha Soares Junior.  
[Organizadores]

# HISTÓRIA E MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA PSICOLOGIA NO MATO GROSSO DO SUL



Conselho  
Regional de  
Psicologia

14ª região • MS



Conselho  
Federal de  
Psicologia

**VOLUME 2**

**Coleção: História e Memória  
Institucional da Psicologia  
no Mato Grosso do Sul**



## CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA

### CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 14ª REGIÃO - MATO GROSSO DO SUL

#### **X PLENÁRIO (2022-2025) - Psicologias, territórios e identidades: diálogos democráticos, garantia de direitos e equidade**

##### **Presidência**

Renan da Cunha Soares Junior

##### **Tesouraria**

Paulo Godofredo barbosa de Carvalho

##### **Secretaria**

Walkes Jacques Vargas

##### **Conselheiras(os) Efetivos**

Bárbara Marques Rodrigues  
Camilla Fernandes Marques  
Elizete de Souza Moraes  
João Fernando dos Santos Vilela  
Jucimara Zacarias Martins  
Paulo Godofredo Barbosa de Carvalho  
Renan da Cunha Soares Júnior  
Vanessa Silva de Souza  
Walkes Jacques Vargas

##### **Conselheiras(os) Suplentes**

Flávia Pedrosa Camargo  
Jacqueline de Campos Rojas  
João Paulo Ribeiro  
Leandro Batista de Castro  
Paola Nogueira Lopes  
Vanete Almeida Vaz

#### **XI PLENÁRIO (2025-2028) - Psicologia com Compromisso Ético-Político no Cuidar da Profissão**

##### **Presidência**

Camilla Fernandes Marques

##### **Vice-presidência**

Bárbara Marques Rodrigues

##### **Tesouraria**

Norma Celiane Cosmo

##### **Secretaria**

João Fernando dos Santos Vilela

##### **Conselheiras(os) Efetivos**

Bárbara Marques Rodrigues  
Camilla Fernandes Marques  
Jassonia Lima Vasconcelos Paccini  
João Fernando dos Santos Vilela  
Jucimara Zacarias Martins  
Norma Celiane Cosmo  
Paola Nogueira Lopes  
Tathiane Auxiliadora Ramos Cortez  
Valquíria Rédua da Silva

##### **Conselheiras(os) Suplentes**

Clariane Siqueira Bispo  
Wounosocky  
Flavia Pedrosa de Camargo  
Jackson da Silva Rocha  
Marelja Zanforlin Magdalena  
Pablo Cardoso de Souza  
Tálisson Pereira Martins  
Vanilce Farias Gomes  
Wagner Vilas Bôas de Moraes  
William Isaías Carvalho Souza



# HISTÓRIA E MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA PSICOLOGIA NO MATO GROSSO DO SUL

**VOLUME 2**

Rodrigo Lopes Miranda  
Millene Soares Cardoso  
Gabriela Pereira da Silva  
Ana Camila Marcelo  
Jaqueline de Andrade Torres  
Renan da Cunha Soares Junior.  
[Organizadores]

Campo Grande  
2026

© 2026 Conselho Regional de Psicologia do Mato Grosso do Sul

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

**Preparação de texto**

Carlos Otávio Flexa

**Revisão de normatização**

Kdu Sena

**Projeto gráfico**

MC&G Editorial

**Diagramação e capa**

Glauco Coelho

**Imagem de capa**

capa elaborada sobre imagem  
CRP-MS

Esta obra foi composta com  
as famílias tipográficas  
Niramit e RTCO Flinton

**A presente obra foi publicada com recursos do Edital nº 01/2024  
do Conselho Federal de Psicologia**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

H673 História e memória institucional da psicologia no Mato Grosso do Sul :  
volume 2. [Recurso eletrônico] / organização Rodrigo Lopes Miranda  
... [et al.] – 1. ed. , 2026.  
Dados eletrônicos (pdf)

Inclbibliografia  
ISBN: 978-65-6511-136-8

1. Psicologia - Mato Grosso do Sul - História. 2. Psicólogos - Mato  
Grosso do Sul - História. 3. Memória coletiva. I. Miranda, Rodrigo Lopes..

CDD 23 : 150.9

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Direitos desta edição cedidos à  
Endereço: Av. Fernando Corrêa da Costa, 2044 - Bairro Joselito.  
Campo Grande/MS - Brasil  
CEP: 79004-311  
Tel: [+55] (67) 3382-4801 | [+55] (67) 999123-7759  
www.crpms.org.br

# SUMÁRIO

	<b>REFLEXÕES PRELIMINARES</b>	<b>7</b>
	<i>Rodrigo Lopes Miranda • Millene Soares Cardoso • Gabriela Pereira da Silva Ana Camila Marcelo • Jaqueline de Andrade Torres • Renan da Cunha Soares Junior</i>	
	<b>PREFÁCIO</b>	<b>13</b>
	<i>Raquel Martins de Assis</i>	
<b>1</b>	<b>ALEXANDRA AYACH ANACHE</b>	<b>17</b>
	<i>Alexandra Ayach Anache • Marcella Medeiros da Cunha</i>	
<b>2</b>	<b>CARLOS AFONSO MARCONDES MEDEIROS</b>	<b>29</b>
	<i>Carlos Afonso Marcondes Medeiros • Laura Santos Belchior Vicente Renan da Cunha Soares Júnior</i>	
<b>3</b>	<b>CELI CORRÊA NERES</b>	<b>43</b>
	<i>Celi Corrêa Neres • Laura Santos Belchior Vicente</i>	
<b>4</b>	<b>IRMA MACÁRIO</b>	<b>53</b>
	<i>Ana Beatriz Torres Mujica de Kamis</i>	
<b>5</b>	<b>ANTÔNIO JOSÉ ÂNGELO MOTTI</b>	<b>61</b>
	<i>Antônio José Ângelo Motti • Gabriel Pinheiro Barata de Macedo</i>	
<b>6</b>	<b>NORMA COSMO</b>	<b>79</b>
	<i>Norma Celiane Cosmo • Gabriel Pinheiro Barata de Macedo</i>	
<b>7</b>	<b>PAULO GODOFREDO</b>	<b>89</b>
	<i>Paulo Godofredo Barbosa de Carvalho • Marcella Medeiros da Cunha</i>	
<b>8</b>	<b>RÔMULO SAID...</b>	<b>99</b>
	<i>Rômulo Said • Ana Beatriz Torres Mujica de Kamis</i>	
	<b>SOBRE ORGANIZADORES E AUTORES</b>	<b>105</b>



# REFLEXÕES PRELIMINARES

Rodrigo Lopes Miranda  
Millene Soares Cardoso  
Gabriela Pereira da Silva  
Ana Camila Marcelo  
Jaqueline de Andrade Torres  
Renan da Cunha Soares Junior

Nas últimas décadas, tanto na História (Ardigó, 2011) quanto na História da Psicologia (Brock, 2014; Dagfal, 2004; Pickren, 2009) tem-se discutido aspectos sobre a compreensão da história na relação entre aspectos globais e locais. Isso implica em refletirmos sobre o fato de que há características gerais que nos auxiliam a pensar os processos históricos em diferentes contextos como conectados ou, ao menos, inseridos em um horizonte social comum. Por exemplo, temos a conformação da subjetividade privatizada como vivência e categoria social, tanto no Oeste Europeu quanto no Brasil, entre os séculos XVI e XVIII (Figueiredo, Santi, 2008). Isso nos permite considerar que tais séculos foram importantes para o estabelecimento dessa experiência eminentemente moderna. Todavia, as condições de produção da subjetividade privatizada europeia estavam atravessadas pelo estabelecimento do mercantilismo, enquanto, no Brasil, vivíamos a faceta dos processos de exploração. Portanto, compreender os fenômenos humanos ao longo do tempo — objetivo da pessoa envolvida com a História (Bloch, 1949/1962)<sup>1</sup> —, requer uma dupla dimensão: uma mirada global e outra, concomitante, local.

De acordo com Cavalcanti (2018), a noção de local pressupõe uma etimologia polissêmica, uma vez que deriva do termo latino *localis*. Desde já, assume-se que aquilo que é local incorpora uma ideia de espaço que, por sua vez, convida à ideia de um lugar de sociabilidades em um recorte sócio-histórico. Logo, no exemplo aludido, precisaríamos pensar como a constituição dos Saberes Psicológicos no Brasil Colônia se deveu às “zonas de contato” (RAJ, 2007) entre povos ibéricos e nativo-americanos (Massi-

---

<sup>1</sup> A primeira data se refere à publicação original, enquanto a segunda, da edição consultada.

mi, 2023). Ao mesmo tempo, nos perguntaríamos se as controvérsias entre europeus e as diferentes etnias indígenas, nos diferentes territórios brasileiros, teriam sido as mesmas, no processo de conformação da subjetividade “à brasileira”. Assim, o interesse local estabelece para o(a) historiador(a) certos horizontes de inteligibilidade que também influenciam aquelas que, assim como nós, se interessam pela História da Psicologia.

Em concordância com Corsi (2011), considera-se que os campos científico-profissionais têm contornos geográficos específicos. No Brasil, já encontramos diversas investigações que analisam as características próprias das psicologias brasileiras (Campos, 2001; Jacó-Vilela, 2014; Miranda et al., 2020). Entretanto, ao considerarmos a noção de local como polissêmica, temos de conceber que um local se determina em contraposição a outro, logo, o local é relativo a outro lugar. Portanto, frequentemente, vem sendo delimitado como local, por grande parte da Historiografia da Psicologia Brasileira, aquilo que coincide com o eixo Sul-Sudeste e delega, à margem, como “outro lugar”, as demais regiões brasileiras. Neste bojo, tem crescido o interesse sobre estados “marginais” na história da Psicologia, ou seja, aqueles personagens e acontecimentos que não se deram nas regiões Sul e Sudeste do país (Cara et al., 2018; Carvalho, Seixas, Yamamoto, 2002). Aqui se insere este segundo volume da série História e Memória Institucional da Psicologia em Mato Grosso do Sul.

No primeiro volume, percorremos a história de diferentes cursos de graduação em Psicologia e, alguns poucos de pós-graduação (Mestrado e Doutorado), a fim de preservar memórias institucionais de Instituições de Ensino Superior (IES) que tiveram – e ainda têm – impacto na formação de psicólogas(os) em Mato Grosso do Sul (MS). Neste segundo volume, nos ocupamos de dar voz a personagens que construíram – e ainda constroem – a história da Psicologia em nossa região.

É importante deixar explícitos três elementos procedimentais que subjazem a esta obra. Primeiramente, os registros aqui apresentados compõem um corpus de entrevistas com pioneiras(os) da Psicologia em MS que tem sido construído a partir da investigação História e Memória da Psicologia no Brasil: Uma história das margens (1967–2007). Esta pesquisa conta com subvenção do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT). Nela, a partir de um viés da História Oral (Thompson, 1992), provocamos a produção de fontes históricas que nos permitam acessar tanto à memória pessoal de tais pioneiras(os) quanto articular uma memória coletiva da Psicologia na região (Sá, 2012).

Em segundo lugar, as entrevistas aqui apresentadas foram selecionadas pelo (1) reconhecimento público das personagens como atores importantes na história da Psicologia sul-mato-grossense, (2) pela participação de todos eles no Sistema Conselhos (i.e., Conselho Regional de Psicologia ou Conselho

Federal de Psicologia) e (3) pela disponibilidade de atender ao convite de entrevista e a permissão de torná-la pública, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da referida pesquisa. Logo, fica patente que vários outros personagens que compõem tal história, poderiam estar aqui apresentados e, oxalá, ainda serão em um próximo volume de nossa coleção.

Em terceiro lugar, todas as entrevistas foram realizadas por quatro estudantes de iniciação científica da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) que, como se verá nos capítulos vindouros, aparecem como coautores dos capítulos. Esta decisão foi tomada para dar crédito tanto ao personagem da história quanto ao neófito que o entrevistou, haja vista que tal trabalho foi indispensável para a conservação das memórias pessoais aqui apresentadas. Por fim, todas as entrevistas foram lidas e editadas pelos organizadores do volume de forma que preservássemos tanto o conteúdo quanto o tom de informalidade do relato. Entretanto, houve edições para (1) tornar as categorias analíticas mais homogêneas e (2) reduzir as cacofonias e demais maneirismos da linguagem coloquial.

Antes de darmos início à leitura dos ricos relatos de nossas(os) entrevistadas(os), ainda nos parece relevante agradecer às(aos) colegas da Comissão de Memória da Psicologia do Conselho Regional de Psicologia 14ª região (CRP-14) haja visto que foram elas(es) que acolheram o projeto anteriormente mencionado como parte das ações da Comissão. Ademais, agradecemos ao Conselho Federal de Psicologia (CFP) que, por meio de seu Edital n. 01/2024, concedeu verbas necessárias para a consecução deste segundo volume.

Esperamos que você tenha uma ótima experiência ao acompanhar a memória de pioneiras(os) da Psicologia em MS e que, em breve, possamos partilhar de mais memórias desta história!

## REFERÊNCIAS

ARDIGÓ, F. (org.). **Histórias de uma Ciência Regional: cientistas e suas instituições no Paraná**. São Paulo: Contexto, 2011.

BLOCH, M. **The Historian's Craft**, 4. ed. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1962. Originalmente publicado em 1949.

BROCK, A. What is polycentric history of psychology? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 646-659, 2014.

CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff (1892-1974): A synthesis of Swiss and Soviet psychology in the context of Brazilian education. **History of Psychology**, Washington, v. 4, n. 2, p. 133-158, 2001.

CARA, B. S.; DELMONDES, G. F. S.; BATISTA, R. L. L.; MIRANDA, R. L. Universidade e Psicologia no Diário da Serra: alguns apontamentos para uma história da Psicologia em

Campo Grande. In: JACÓ-VILELA, A. M.; DEGANI-CARNEIRO, F.; ARAÚJO, J. H. Q. (Orgs.). **Clío-Psyché – Saberes Psi: novos sujeitos, outras histórias**. Curitiba: Juruá, 2018. p. 83-93.

CARVALHO, D. B.; SEIXAS, P. S.; YAMAMOTO, O. H. Modernização urbana e a consolidação da psicologia em Natal – Rio Grande do Norte. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 131-141, 2002.

CAVALCANTI, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **História Hoje**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 272-292, 2018.

DAGFAL, A. Para una “estética de la recepción” de las ideas psicológicas. **Frenia**, Barcelona, v. 4, n. 2, p. 07-16, 2004.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. **Psicologia: uma (nova) introdução**. São Paulo: EDUC, 2008.

JACÓ-VILELA, A. M. Psychological measurement in Brazil in the 1920s and 1930s. **History of Psychology**, Washington, v. 17, n. 3, p. 237-248, 2014.

MASSIMI, M. **História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2023.

MIRANDA, R. L.; TORRES, J. A.; Alves, R. G.; Cirino, S. D. Indigenization of behavior analysis in Brazil. **Oxford Research Encyclopedia of Psychology**. Disponível em: <https://oxfordre.com/psychology/view/10.1093/acrefore/9780190236557.001.0001/acrefore-9780190236557-e-688>. Acesso em: 21 mar. 2022.

PICKREN, W. E. Indigenization and the history of psychology. **Psychological Studies**, Nova Deli, v. 54, n. 2, p. 87-95, 2009.

RAJ, K. **Relocating Modern Science: Circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007.

SÁ, M. L. **Memória Social: entre a história e a psicologia**. Rio de Janeiro: Ed. Sena, 2012.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. In: ARDIGÓ, M. **História e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BLOCH, M. Apologia da História, ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 1949/1962.

BROCK, A. C. (Org.). **Internationalizing the history of psychology**. Nova York: New York University Press, 2014.

CAMPOS, R. H. F. A história da psicologia no Brasil: o percurso de uma especialidade de pesquisa. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v. 2, p. 71-84, 2001.

CARA, D. C. et al. Psicologia no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil: Marginalização e Resistência. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 1-10, 2018.

CARVALHO, A. M. A.; SEIXAS, P. E.; YAMAMOTO, O. H. Psicologia nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil: Contextos e perspectivas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 72-81, 2002.

CORSI, P. História das Ciências e das Técnicas: Novos objetos, novas abordagens. **Ciência & Sociedade**, Lisboa, v. 1, n. 2, p. 215-230, 2011.

CAVALCANTI, M. A. M. **A construção social do espaço: território, identidade e cidadania**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DAGFAL, A. História da psicologia: da tradição filosófica à cultura científica moderna. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 535–546, 2004.

FIGUEIREDO, L. C.; SANTI, L. A história da subjetividade no Ocidente: rupturas e continuidades. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 58, n. 128, p. 1–17, 2008.

JACÓ-VILELA, A. M. Historiografia da Psicologia no Brasil: avanços e desafios. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 7–12, 2014.

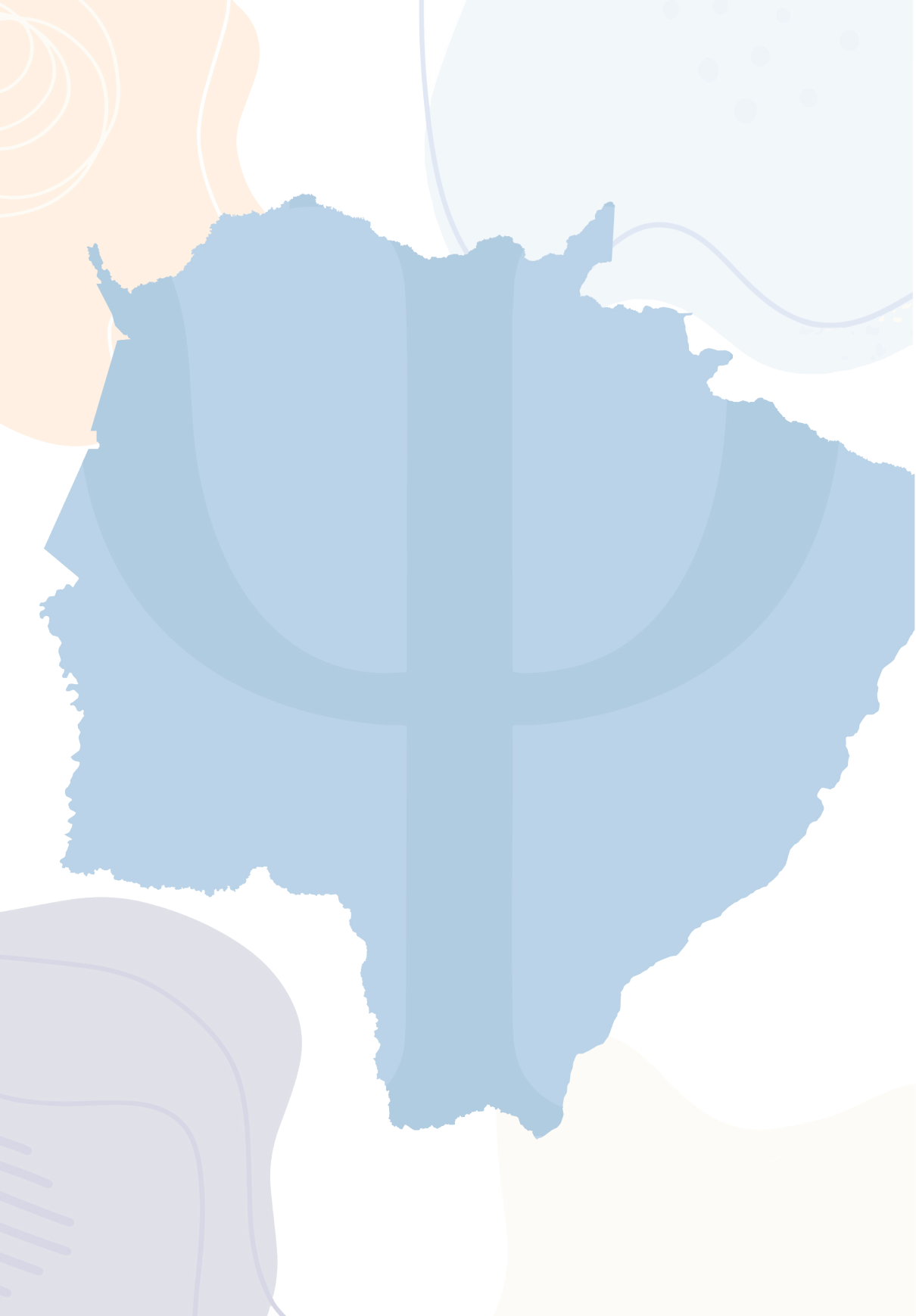
MASSIMI, M. **Psicologia e culturas indígenas no Brasil: novas perspectivas históricas**. São Paulo: EdUSP, 2023.

MIRANDA, L. et al. Psicologias brasileiras: percursos históricos, debates contemporâneos. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, e215777, 2020.

PICKREN, W. E. Liberating the history of psychology. **Society for the History of Psychology Newsletter**, Washington, n. 27, p. 1–5, 2009.

RAJ, K. **Relocating modern science: circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650–1900**. Londres: Palgrave Macmillan, 2007.

SÁ, C. P. Memória coletiva e identidade social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 37–44, 2012.



# PREFÁCIO

Raquel Martins de Assis

Com prazer, recebi o convite para escrever o Prefácio ao Volume 2 da Coleção História e Memória Institucional da Psicologia em Mato Grosso do Sul. A publicação dessa Coleção é bem-vinda por evidenciar a importância de conhecermos a constituição da Psicologia, como campo de pesquisa e de atuação profissional, ocorrida em outras regiões que não apenas o Sul e o Sudeste brasileiro, onde se concentram a maior parte dos estudos em História da Psicologia. Apesar dos esforços em formar pesquisadores interessados em estudos históricos, ainda temos dificuldade de encontrar pesquisas que nos mostrem diferentes processos de constituição da Psicologia como ciência e profissão considerando a diversidade de culturas e de processos de ocupação dos territórios nas diferentes regiões do Brasil. Desse modo, a constituição da Psicologia não pode ser vista como um bloco homogêneo de experiências semelhantes vividas em todo o país, sendo preciso ocupar-se das especificidades de cada região e do entendimento das demandas a que a Psicologia foi chamada a responder em cada local. Nesse texto, emerge um momento histórico importante, isto é, as trajetórias dos psicólogos e psicólogas aqui retratados iniciaram-se na década de 1980, quando se deu o fim da Ditadura no Brasil e a abertura para um processo democrático que permitiu a emergência de saberes e práticas em Psicologia, enfrentadas com maior liberdade de expressão.

O prazer da escrita do Prefácio, deve-se também ao fato de ver crescer o trabalho de pesquisa em História da Psicologia no Centro-Oeste, levado adiante por Rodrigo Lopes Miranda e seus colaboradores, profissionais e alunos de Graduação e de Pós-Graduação interessados pelos estudos históricos. O lançamento desse livro ilumina o esforço dessa equipe de pesquisa e de um professor que aposta em dar expressão a seus alunos na composição de um trabalho conjunto.

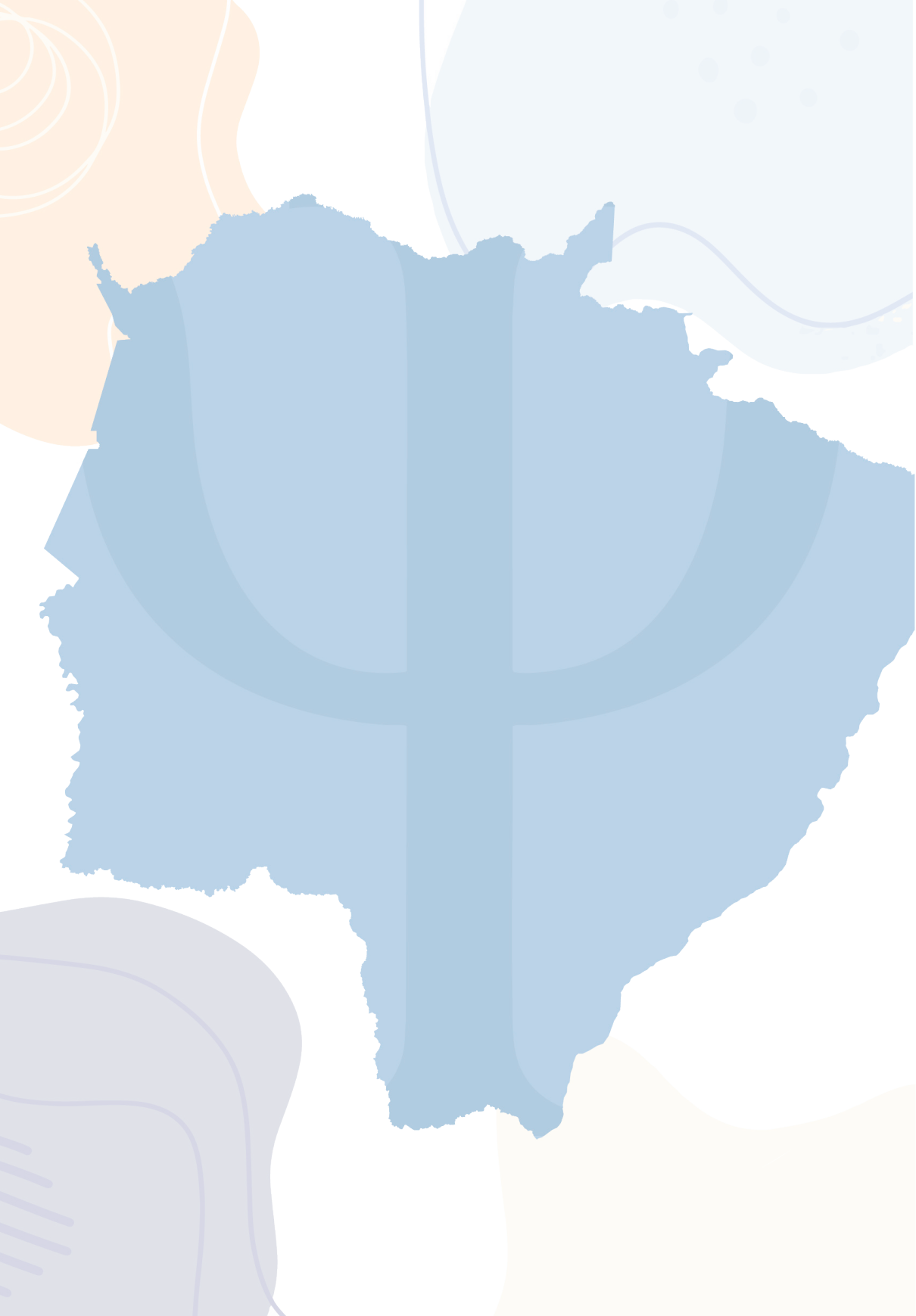
Neste segundo volume, são apresentados, aos leitores, profissionais que construíram – e ainda constroem – a história da Psicologia no Mato Grosso do Sul, considerados como pioneiros em suas áreas de atuação. O

Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil define como pioneiros “aqueles que iniciaram ou propiciaram oportunidades de realização de trabalhos relevantes na área da Psicologia, ou que produziram contribuições originais em continuidade ao trabalho de outros” (Campos, 2001, p. 21). As entrevistas foram apresentadas de forma biográfica, sendo que o entrevistado participa da composição do texto. A narrativa biográfica confere uma leveza ao texto e a possibilidade de compreender como cada profissional entrevistado, por meio de sua memória, relata sua formação e atuação na Psicologia. Da memória, surge a evocação das experiências vividas como o testemunho da “terapia do cabide” proposta pelo renomado psicólogo e psiquiatra José Ângelo Gaiarsa ou a entrevista a Fernando Henrique Cardoso, das quais participaram Carlos Afonso Marcondes Medeiros. Assim, por meio da leitura dos capítulos, vamos compreendendo como cada um dos entrevistados foi original em sua área de atuação, organizando, com a colaboração de outros, serviços psicológicos relevantes em diversas instituições e participando da construção de políticas como as que se desenvolveram em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Um aspecto interessante das narrativas é que todos os entrevistados tratam da importância de seus professores presentes nos primeiros cursos de Psicologia que, como afirma Alexandra Anache, esforçavam-se para oferecer “o melhor ensino” em um momento em que os cursos de formação de psicólogos ainda estavam se organizando na região. Destaca-se o importante papel do curso de Psicologia das Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso (FUCMT)– atual Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) – para a história da constituição da profissão de psicólogo em Campo Grande e no estado em geral. Todos os entrevistados foram formados, tiveram passagens ou se tornaram professores da FUCMT, pois era a primeira Faculdade a ter Psicologia na região, levando-nos a considerar a contribuição e o pioneirismo dos Salesianos na Psicologia Brasileira. Também emerge, nas páginas do livro, a proposição do curso de Psicologia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, além dos cursos de Pós-graduação em que os entrevistados foram os primeiros alunos.

As biografias nos relatam um período de lutas pelo reconhecimento da importância da atuação dos psicólogos em diversos contextos, quando a Psicologia ainda buscava se inserir em espaços profissionais como os Serviços Públicos de Saúde e de Assistência Social e as redes escolares e educacionais. Nesse âmbito, um tema importante tratado em todas as narrativas é a Organização do 14º Conselho Regional de Psicologia, onde se realizavam reuniões mensais para discussão dos temas da profissão com o lema “ciência e profissão”. Todos os entrevistados estiveram presentes, de algum modo, como representantes desse Conselho, contribuindo para as discussões sobre a formação e atuação dos psicólogos, bem como para a promoção da ética profissional. O livro, portanto, acaba por contar a história do 14º Conselho por meio dos profissionais que o habitaram.

Para finalizar esse Prefácio, tomamos a liberdade de citar um trecho da entrevista de Motti: “Naquela época, a Psicologia ainda era uma área incipiente, tendo sido institucionalizada na primeira metade dos anos 1960, o que significava que contávamos com apenas 20 a 25 anos de prática profissional. Não havia um caminho claro para a ciência e tínhamos mais incertezas do que certezas”. De fato, na época em os profissionais, entrevistados neste livro, atuavam profissionalmente, a Psicologia estava se formando e lutando por ter seu lugar reconhecido como ciência e profissão. Certezas e incertezas foram construídas nesse processo e muitas delas terão que ser revistas ao longo do tempo. Esperamos que os estudos em História da Psicologia, dos quais esse livro é uma contribuição, possa auxiliar na construção e reconstrução de uma Psicologia sempre atenta aos problemas contemporâneos.



# ALEXANDRA AYACH ANACHE

Alexandra Ayach Anache  
Marcella Medeiros da Cunha

Nasci em 15 de abril de 1962, em Aquidauana, cidade do interior do estado de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. Entre 1976 e 1978, realizei o magistério que posteriormente permitiu a minha atuação como professora do ensino infantil. No ano de 1979 me mudei para Campo Grande – capital de MS – com o objetivo de ingressar no Ensino Superior. Iniciei a graduação em Psicologia nas Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso (FUCMT) – atual Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) –, no ano de 1980, e concluí minha licenciatura e bacharelado nos anos de 1983 e 1984, respectivamente. Em 1985, assumi o cargo de professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na área de licenciatura (e.g., Letras, Biologia, História e outros), e em meados de 2000 tive a chance de colaborar na construção do curso de graduação em Psicologia na mesma Universidade. No ano de 1987, concluí minha especialização em Métodos e Técnicas de Ensino pela mesma instituição. Em 1991 me tornei Mestre em Educação pela UFMS. Em 1994, iniciei meu doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP), concluindo-o no ano de 1997. No ano de 2007 concluí meu pós-doutorado em Educação, com ênfase em Educação Especial, pela Universidade de Brasília (UnB). Em 2020 concluí outro pós-doutorado, em Educação Especial, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente sigo como professora titular da UFMS, lecionando na graduação em Psicologia desde 2000; nos cursos de Pós-graduação, Mestrado e Doutorado em Educação desde 1989; e no Mestrado em Psicologia desde 2011.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Durante o meu Ensino Médio, pude realizar o magistério, cuja proposta era oferecer um curso técnico profissionalizante de nível médio que formassem professores para lecionarem na Educação Básica. Conheci a Psicologia na

grade curricular do magistério, e comecei a me interessar pela área, percebi que com o auxílio da Psicologia eu poderia assistir o ensino de crianças com dificuldades escolares, e assim decidi iniciar a minha graduação na área.

Ao iniciar a graduação em Psicologia na FUCMT, na quinta turma do curso, no ano de 1980, tive de conciliar os estudos com o trabalho, pois não dispunha de subsídio financeiro para me manter somente na graduação. Com o magistério tive a chance de realizar um concurso para lecionar em escolas do estado, dando aula para o ensino fundamental, no qual passei e pude me dedicar no período vespertino, tendo em vista que naquela época o curso de Psicologia ocorria tanto no período matutino quanto no noturno.

Percebo o quanto o curso de graduação em Psicologia era diverso e difícil, tínhamos de estar na faculdade em dois períodos e nos dedicar de forma distinta, de acordo com nossas realidades individuais. Na minha formação, pude escolher se eu me formaria em Licenciatura em Psicologia, Bacharelado em Psicologia ou em Licenciatura e Bacharelado em Psicologia. A Licenciatura permitia que pudéssemos atuar como professores no Ensino Fundamental ou Médio em nossa área de formação enquanto o Bacharelado possibilitava a nossa atuação como profissionais psicólogas. Optei por me graduar nas duas modalidades, o que impactava tanto na grande quanto no tempo de duração do curso.

Nossa grade era composta por diferentes disciplinas, tendo como ênfase uma base biologicista, no qual estudávamos: Fisiologia, Imunologia, Neurofisiologia e outros. Além disso, também tivemos aulas de Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Trânsito, Psicologia Escolar, Técnicas de Exame Psicológico, Psicopatologia, Psicologia Experimental etc. Ao final do quarto ano, concluí minha Licenciatura em Psicologia, e então fiz mais um ano para concluir o Bacharelado. No que se refere a tais modalidades, as disciplinas da Licenciatura aconteciam ao longo do terceiro e quarto ano do curso, abrangendo temáticas voltadas para didática, metodologia de ensino, práticas de ensino etc. O quinto ano do curso contemplava o Bacharelado, em que tínhamos a possibilidade de conhecer e atuar em diferentes campos de estágio — clínica, organizacional, social e outros —, sendo obrigatórios em nossa formação. Acredito que essa experiência nos permitiu conhecer, explorar e aprofundar em áreas que em dado momento não consideramos, permitindo que desvendássemos o que nos era desconhecido, e assim fizéssemos as escolhas mais assertivas com relação a nossa trajetória profissional.

Não há como falar da minha graduação sem rememorar e reconhecer o corpo docente que compunha o curso de graduação em Psicologia da FUCMT. Tive o privilégio de ser instruída por grandes profissionais, como: Luiz

Salvador de Miranda Sá Junior;<sup>1</sup> Maria Solange Félix Pereira<sup>2</sup>; Sonia Grubits<sup>3</sup>; e outros, que se disponibilizaram e dedicaram a estar em constante processo de aprendizagem para também nos ofertar o melhor ensino. Além disso, nossas professoras eram solícitas e acessíveis viabilizando trocas pessoais. Ademais, é importante ressaltar que naquele cenário, a Psicologia há pouco havia sido regulamentada (ver Lei n.º 4.119 de 1962), ou seja, os campos de atuação não eram tão abrangentes quanto atualmente, então nossas professoras novamente nos auxiliavam.

Durante a graduação também fomos apresentados às abordagens teóricas, na qual tivemos acesso a Psicanálise, Gestalt-terapia, Análise do Comportamento etc. Me recordo que fui monitora de Psicologia Experimental, na linha de Análise do Comportamento, sendo essa minha primeira experiência com uma abordagem da Psicologia. Outrora, também estudamos diferentes pensadores como Freud<sup>4</sup>, Piaget<sup>5</sup>, Erikson<sup>6</sup>, Gesell<sup>7</sup>, entre outros, buscando compreender suas contribuições e os impactos dessas em nossa área. Éramos incentivadas pelos nossos professores a transitar entre estas para que fizéssemos a escolha mais consciente para a nossa atuação e assim eu o fiz.

Durante a graduação e quando estava trabalhando na Pestalozzi<sup>8</sup> entrei em contato com a teoria piagetiana. Por ter realizado o curso em um período que estávamos saindo da ditadura militar, pensadores como Jean Piaget, eram pouco estudados, tanto que durante a faculdade não tivemos contato com a teoria de Lev Vygotsky<sup>9</sup> pois era proibido estudá-lo por ser um autor com fundamentos marxistas. Em minha experiência, conheci a teoria de Vygotsky

---

**1** Luiz Salvador de Miranda Sá Junior (1938-2022) foi um renomado médico psiquiatra brasileiro, com atuação destacada em Mato Grosso do Sul - fundador do serviço de Psiquiatria da Santa Casa de Misericórdia de Campo Grande - MS.

**2** Maria Solange Félix Pereira (1953-2009), foi professora e psicóloga, pioneira na construção da Psicologia em Mato Grosso do Sul e na criação de novos modelos de educação para o trânsito. Ver Homenageada (2010).

**3** Sonia Grubits, primeira psicóloga do estado uno de Mato Grosso e fundadora do primeiro curso graduação em Psicologia de Campo Grande, em 1975. Também criou o primeiro mestrado (1997) e doutorado (2012) na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

**4** Sigmund Freud (1856-1939), foi um médico neurologista austríaco, fundador da Psicanálise.

**5** Jean William Fritz Piaget (1896-1980), foi um psicólogo suíço, fundador da teoria dos Estágios do Desenvolvimento Cognitivo e da Epistemologia Genética.

**6** Erik Homburger Erikson (1902-1994), foi um psicólogo, conhecido pela teoria dos estágios psicossociais, que descreve o desenvolvimento humano ao longo da vida.

**7** Arnold Gesell (1880-1961) foi um psicólogo e pediatra americano, pioneiro nos estudos sobre o desenvolvimento infantil e fundador da teoria do desenvolvimento maturacional.

**8** Associação Pestalozzi de Campo Grande: Instituição que atua nas áreas de educação, saúde e assistência social, voltada para pessoas com diversidades funcionais significativas e com diagnóstico clínico de deficiência intelectual e múltipla.

**9** Lev Semionovitch Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo bielorrusso, fundador da Psicologia Histórico-Cultural e pioneiro nos estudos sobre o papel das interações sociais no desenvolvimento cognitivo.

depois de formada a partir dos congressos que frequentava, de conversas com os colegas da profissão. No curso de Metodologia da Educação Superior que realizei também pude ter contato com esses materiais; e desde então me identifiquei e trabalho com a teoria Histórico-Cultural.

Penso que o curso da FUCMT era muito bom, não perdíamos para nenhuma instituição de fora da cidade. Na época, eram poucos os estágios e principalmente os remunerados, então fazíamos estágios voluntários oferecidos pelos nossos professores, e com essas oportunidades tivemos a chance de atuar no estágio na Santa Casa<sup>10</sup>. Por fazer parte da quinta turma da universidade, acredito que participei diretamente do processo de construção de um estágio de Psicologia Hospitalar. Como eu estudava pela manhã, trabalhava à tarde e estudava pela noite, todas as minhas horas vagas e os meus finais de semana foram dedicados aos estágios voluntários, um dos estágios em que mais me dediquei foi o da Santa Casa. Naquele período, era considerada uma área recente da Psicologia, e com isso eu tive a oportunidade de participar do primeiro congresso de Psicologia Hospitalar do Brasil, realizado no Hospital das Clínicas em São Paulo.

Nosso principal objetivo dentro do ambiente hospitalar era o de acompanhar e dar apoio para as pessoas em situação de sofrimento, realizando intervenções em crises. Realizamos atividades na área de Psiquiatria e outros espaços, fazíamos anamnese, estudos de caso, avaliação, realizados em conjunto com os residentes de medicina. Durante o estágio, tivemos contato direto com os pacientes, os familiares, sempre com supervisão direta dos professores encarregados. Também tivemos a oportunidade de atuar em escolas, no Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), e na Clínica Escola da FUCMT.

Nas escolas, participamos de algumas atividades no planejamento dos professores, realizamos orientação profissional – com o ensino médio – orientação das famílias, participamos das reuniões de pais. Além dessas atividades, também realizamos a escuta das crianças e adolescentes que lá estudavam, identificando suas necessidades. No DETRAN atuamos com avaliação para habilitação da carteira de motorista, ou seja, aplicamos os testes, corrigimos e auxiliamos na construção dos laudos, supervisionados pelas professoras Solange Félix e Sonia Grubits. Na Clínica Escola, realizamos um de nossos estágios obrigatórios, em que podíamos escolher o público que iríamos atender (i.e., crianças, adultos ou idosos). Eu optei pelo atendimento infantil, pois sempre gostei de atender crianças; desse modo, o público infantil – na clínica – foi o único que tive contato durante a graduação.

Nós trabalhamos bastante para realizar os eventos, tínhamos comissões de acadêmicos, sendo assim, a sala se organizava em comissões dependendo do que era necessário, ou seja, uma comissão era responsável pela forma-

---

**10** Santa Casa de Campo Grande - MS: principal hospital de Mato Grosso do Sul, atua como referência no atendimento à saúde, proporcionando serviços públicos e privados em diversas especialidades médicas.

tura, outra organizava atividades, viagens para congressos. Eu participei da organização de alguns eventos acadêmicos, como por exemplo a Semana da Psicologia. Neste evento, os professores ficaram encarregados de entrar em contato com os palestrantes – que decidimos em conjunto das comissões, assim como os temas a serem tratados, buscando sempre temas de interesse dos alunos – e nós, acadêmicos, ficamos responsáveis pela parte de organização do evento, buscamos patrocínios, organização do local. Com isso, tivemos o privilégio de conhecer Joel Martins<sup>11</sup>, Stanislaw Krinski<sup>12</sup> e Silvia Lane<sup>13</sup>.

Como eu sempre gostei da área da Educação, percebia que naquele período a Psicologia Educacional não era uma área muito valorizada pela falta de campo de trabalho visto que não era obrigatório a psicologia nas escolas, mas atualmente percebo que essa concepção mudou. Naquele período, muitos profissionais iniciaram suas carreiras pela Educação Especial, sendo a porta de entrada para o trabalho; por exemplo, é comum no início irem para Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)<sup>14</sup> ou Pestalozzi, eu mesma comecei pela Pestalozzi. Então percebo que é uma área aberta e que abriga muito, está na base da história da Psicologia no Brasil. Com o tempo, o campo de atuação foi se ampliando, os profissionais conseguiram abrir caminhos e hoje é possível observar que a psicologia já está inserida em diversas áreas.

Percebo que desde a minha formação a Psicologia conquistou visibilidade e espaços dos quais eu sequer conhecia, naquele período – e ainda hoje – tivemos de lutar pela inserção da profissão para além do consultório clínico. Vejo que, durante a graduação e o exercício profissional naquele período, realizamos o trabalho de desbravar o desconhecido. Tivemos de lutar para enfatizar que a Psicologia pode ocupar diferentes espaços. Como docente, reconheço a necessidade de cuidarmos da nossa formação e conseqüentemente da nossa atuação, para continuarmos construindo uma ciência e profissão que alcance mais espaços, com menos estigma e com valorização.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Eu sempre trabalhei como professora durante a graduação, então saí da faculdade já empregada por conta do concurso. Com o tempo, fui cedida pelo

---

**11** Joel Martins (1920-1993) graduou-se em pedagogia e filosofia pela Universidade de São Paulo, onde também obteve seu doutorado em Psicologia da Educação. Atuou como professor na rede pública do estado de São Paulo e dedicou-se ao estudo das obras de autores ligados ao Existencialismo e à Fenomenologia.

**12** Stanislaw Krinski é considerado o “pai da psiquiatria moderna no Brasil” (CAIADO, 2007, p. 146). Tem estudos nas áreas de Serviço Social e Pedagogia, acerca de pessoas com necessidades especiais.

**13** Silvia Tatiana Maurer Lane (1993-2006) foi uma psicóloga brasileira, pioneira na Psicologia Social Crítica no Brasil. Sua obra destacou a importância dos contextos históricos e sociais na formação da subjetividade e no desenvolvimento das práticas psicológicas.

**14** A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) é uma entidade civil, filantrópica, cultural, educacional e assistencial, voltada ao atendimento de pessoas com deficiência.

estado para o Instituto dos Cegos, ou seja, era contratada como professora, porém realizava o trabalho de psicóloga, visto que naquela época não existia a carreira de psicólogo educacional no MS, nem na saúde, por exemplo nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS). A Psicologia ainda não estava inserida nesses espaços. Contudo, no ano de 1986 a UFMS abriu um concurso na área da docência, no qual eu me inscrevi, fui aprovada e no mesmo ano fui convocada. Sempre tive como projeto de vida seguir a área acadêmica, me lembro que durante a graduação, os professores da FUCMT também atuavam como docentes na UFMS, então eu conversava bastante com eles em relação a vida na docência, e me interessava muito. Esse desejo manifestou-se durante o curso, quando fui monitora do Professor Salvador, ajudava os alunos que reprovaram na matéria dele e a maioria deles foi aprovado na disciplina após as aulas, então sempre foi um trabalho que gostei de realizar. Gostava muito de estudar, me lembro que na juventude quando ainda morava no interior, passava o meu tempo livre na biblioteca lendo, pois os livros eram muito caros para comprar.

Quando eu entrei na UFMS percebi quão desconhecida a Psicologia ainda era, as universidades se dedicavam a outros cursos, como Medicina, Odontologia, Engenharia, Educação Física. O curso de graduação em Psicologia na UFMS ainda não existia. No início dei aula para a área de licenciatura (e.g., letras, biologia, história e outros), depois passei a dar aulas para o curso de Pedagogia, e me dediquei também à formação de professores. Após um período como docente na universidade iniciei o meu mestrado em Educação, no ano de 1988, e acredito que o mestrado e doutorado é para nos formarmos como pesquisador, cientista e como docente da educação superior, e ao estarmos atuando dentro na universidade é necessário uma formação contínua. Ao escolher começar o mestrado, iniciei primeiramente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), permanecendo por seis meses, nesse período não residia em São Paulo, apenas ia semanalmente para realizar as aulas e retornava para Campo Grande. Porém o custo era muito alto, não tinha financiamento, além do desgaste de percorrer a distância entre as cidades, sendo assim, logo a UFMS abriu o mestrado em Campo Grande ligado à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e então decidi continuar o mestrado aqui, diante dos desafios de viajar para São Paulo. Desse modo, eu fiz parte da primeira turma de mestrado em Educação da UFMS.

No ano de 1994, iniciei meu Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, na Universidade de São Paulo (USP). No primeiro ano de doutorado foi necessário passar mais tempo em São Paulo, porém viajava para Campo Grande recorrentemente para ver a família e filhos. Para realizar o doutorado, me ausentei das obrigações da docência por um período de três anos e meio, até completar o doutorado, além disso, também recebi bolsa de estudo. Realizar o doutorado foi muito diferente do mestrado, visto que durante este último lidei com todos os custos e continuei trabalhando, sem afastamento.

No ano de 2000, iniciamos a implementação do curso de graduação em Psicologia na UFMS e foi um processo desafiador. Naquela época, a universidade não tinha a infraestrutura necessária, então foi preciso criar e desenvolver a infraestrutura. Iniciamos esse projeto da criação do curso pois era um momento de transição de uma administração para outra, além de ser um momento em que o país queria ampliar os cursos na área da educação superior, pois existia uma crítica de que as universidades públicas eram apenas para a elite. Dessa forma, com a ampliação, instituíram o curso de graduação em Psicologia visto que existia apenas o da FUCMT e o de Corumbá<sup>15</sup>. Para a implementação do curso, foi necessária a participação de professores de diversas áreas, como biológicas, filosofia, estatística, sociologia e antropologia, visto a importância do trabalho multidisciplinar. A primeira turma formou-se no ano de 2005.

Pensando ainda na importância da formação continuada, em 2005, iniciei meu pós-doutorado na UnB; e mais recentemente, no ano de 2020 finalizei outro pós-doutorado na UFSCar, no campo de Educação Especial. Durante a realização dos dois pós-doutorados continuei trabalhando e me deslocava para as cidades para realizar as aulas. Enxergo o pós-doutorado como um aperfeiçoamento da formação continuada, com a função de me vincular a outros programas, colegas que estão pesquisando assuntos similares e diferentes para que possamos aprender com eles, expandir nosso conhecimento e ampliar o campo de atuação. Sendo assim, realizei o pós-doutorado em períodos diferentes, em locais diferentes. Penso que, cada lugar tem sua peculiaridade e diferenças, entretanto a forma em si se mantém a mesma, ou seja, os trabalhos que devemos realizar e a estrutura do pós-doutorado não mudou, era necessário realizar participação em grupos, dar aulas, fazer o projeto de extensão, participar das atividades acadêmicas, fazer a pesquisa e publicar, entre outras atividades.

Me dedico à docência desde 1986, atualmente dou aula nos primeiros semestres da graduação em Psicologia, com o objetivo de cooperar na formação das futuras psicólogas do país. Também faço parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Educação, atuando no Mestrado em Psicologia, pois ainda não temos o Doutorado na área. E no campo da Educação, atuo no Doutorado. Auxílio também meus colegas na Residência Clínica no qual os professores trabalham com diferentes assuntos, como por exemplo, no campo do atendimento à queixa escolar; atendimento dos acadêmicos; eu tenho um grupo que trabalha comigo no atendimento aos problemas de aprendizagem, pessoas com deficiência, entre outros. O mestrado em Psicologia iniciou-se na UFMS no ano de 2011, e desde as primeiras turmas eu atuo como professora. O mestrado possui uma formação gene-

---

<sup>15</sup> Curso de graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), Campus em Corumbá estabelecido em 1967.

ralista, e os professores trabalham com o foco em diferentes áreas, como social, comunitária, educação, relações de gênero, questões étnicas raciais, preconceito, saúde coletiva.

## SISTEMA CONSELHOS DE PSICOLOGIA

Iniciei minha jornada no Conselho Federal de Psicologia (CFP) por meio das eleições, na qual fui convidada a participar de uma chapa por uma colega da UFMS após ela ver os trabalhos que eu estava produzindo, discutindo sobre os processos de avaliação, os instrumentos utilizados, uma política dos cuidados com a avaliação psicológica, assuntos esses que estavam sendo colocados como pauta na época. Durante minha carreira, trabalhei com a avaliação psicológica em instituições e escolas, e na área da pesquisa; entendo a avaliação como parte do processo do nosso trabalho, como uma disciplina integradora. Sendo assim, decidi me candidatar pois entendo que todo trabalho de pesquisa necessita ter uma função social e percebi que o trabalho que eu estava desenvolvendo poderia ser proveitoso e levado a um público maior. Antes de ser convidada a participar da chapa e concorrer às eleições, já havia pensado e planejado me candidatar outras vezes, ao entender que nós profissionais precisamos estar inserido neste movimento, principalmente em um momento de críticas à avaliação. Críticas essas que diziam sobre os testes, no qual eles não eram validados para a realidade brasileira; avaliações baseadas em julgamentos frágeis, ou seja, observava-se que os laudos e relatórios, em sua maior parte, eram mais baseados em comportamentos e interpretações destituídas de fundamentação teórica, conclusões destoantes dos resultados dos testes.

Desse modo, entrei no CFP no ano de 2005 e como atribuições precisávamos estar presentes uma vez por mês para os plenários no qual tínhamos uma pauta com diversos temas a serem tratados, no meu caso, junto com a profissional Acácia Aparecida Angeli dos Santos<sup>16</sup>, abordamos sobre a avaliação psicológica. Desde o ano de 2002 e 2003 iniciou-se um movimento e uma atenção voltada para a área de avaliação, diversos testes haviam sido retirados de circulação e, diante do cenário da época, começaram a desenvolver o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), com a Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica (CCAP), desse modo, eu entrei no Conselho durante a consolidação do sistema, o que me possibilitou atuar diretamente em sua construção.

---

<sup>16</sup> Acácia Aparecida Angeli dos Santos: psicóloga e professora brasileira reconhecida por suas contribuições nas áreas de psicologia educacional e de avaliação psicológica (ver OLIVEIRA, 2018).

O SATEPSI tem como principal objetivo o controle dos testes disponíveis no mercado com rigor acadêmico e científico e do uso dos instrumentos. Diante da criação de tal sistema, tínhamos obrigações como avaliar instrumentos e pareceres de colegas, escrever cartilhas e livros relacionados à pauta de avaliação, desenvolver critérios de validação, entre outros. A criação deste Sistema foi muito importante para a área de avaliação no Brasil diante do aumento da quantidade de instrumentos validados para a população brasileira. Atualmente, o SATEPSI é um sistema completo que além de guiar a prática profissional do psicólogo na escolha de testes validados, protege o mesmo de denúncias e mantém uma atuação ética. Percebo que o trabalho que fizemos no CFP foi um trabalho conquistado aos poucos, pela demanda e pela complexidade do tema que estávamos tratando.

Além da avaliação psicológica, durante o meu período no Conselho trabalhamos também com a pauta da educação, pautas essas que estavam sempre renegadas para o segundo plano. Trabalhamos com a Lei Seca, participei de comissões relacionadas aos direitos humanos, processos éticos, trabalhei em pareceres da revista. Era uma demanda de trabalho alta, sendo necessário diversas viagens para representar o CFP ao redor do Brasil, encontros mensais em Brasília. Ao fazer parte do Conselho, existe a possibilidade de se ausentar alguns dias do trabalho e a maioria das atividades e eventos eram realizadas aos finais de semana, desse modo nosso trabalho não era prejudicado.

Pensando no meu papel durante as duas gestões que permaneci no CFP, acredito que minhas principais contribuições foram com a criação e desenvolvimento do SATEPSI; e com as pautas da educação. No ano de 2010, encerrei minha atuação no Conselho, após dois mandatos, e de uma forma muito natural, fui assumindo lugares nas comissões do Conselho Regional de Psicologia (CRP), com o intuito de sustentar uma política e uma ação. Desse modo, comecei a participar como contribuidora sobre pautas que eu já estava trabalhando no CFP. Nunca participei da gestão do conselho regional devido à falta de tempo e à alta carga de trabalho, que exigem viagens, redação e elaboração de documentos. Assim, por esses motivos minha participação se limitou a comissões e eventos. Ademais, desde o ano de 2017, participo da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE), que demanda muito trabalho e por esse motivo também não tive interesse em participar da gestão do CRP.

Fiz parte da comissão de ética, pois a maioria dos processos éticos estão ligados com a avaliação, já apresentei também palestras sobre o assunto. Nessa comissão temos o papel de emitir pareceres diante de processos por falta ética do profissional, ou seja, chegam processos que são demandados por pessoas que se sentiram lesadas durante a atuação do profissional de psicologia e então nós fazemos uma análise para entender se foi uma falta técnica ou ética, em qual inciso o psicólogo feriu a norma etc.

Ouvimos as partes para compreender a situação e emitir o parecer, caso as partes se sintam insatisfeitas com a decisão do CRP, é possível entrar com recurso e então o processo é encaminhado para o CFP. Por eu não fazer parte da gestão, eu era chamada como um parecerista externo, desse modo, eu realizava uma leitura do que aquele processo estava demandando e emitia meu parecer.

Há aproximadamente de três gestões do CRP, estou participando da comissão de educação, composta por cerca de 17 pessoas, na qual estamos trabalhando na regulamentação da Lei n. 13.935,<sup>17</sup> e para isso entramos em contato com nossos governantes, os gestores das secretarias e tentamos abordar a pauta da lei com eles e ressaltar a importância do psicólogo escolar, realizamos eventos, formação profissional, participamos de debates e audiências públicas, discutimos com gestores sobre uma pauta salarial. É um trabalho feito aos poucos no qual devemos colocar a mão na massa e ir atrás para ampliar o espaço da Psicologia nas escolas. Realizamos também encontros mensais, às vezes até quinzenais, para discutir as demandas da comissão, sendo que atualmente a Lei é o principal projeto que estamos atuando. Ademais, recentemente, na semana do dia do psicólogo, realizamos um seminário sobre os desafios e perspectivas da psicologia na educação, sendo que temos realizado esses eventos periodicamente com o intuito de propagar o papel da psicologia escolar.

Iniciei na comissão de educação pois fui chamada para fazer parte e desde então decidi continuar nela, acredito ser importante a pauta da educação, precisamos consolidar a área. No meu ponto de vista, acredito que o profissional inserido nas escolas precisa entender qual o papel que exerce naquela função, ele não está lá para avaliar e separar as crianças, nosso trabalho deve contribuir para que os processos inclusivos ocorram, temos um compromisso com a aprendizagem dos estudante promovendo condições para que ele permaneça no ambiente escolar e tenha êxito no processo. É necessário darmos suporte para a escola discutir as melhores metodologias, o sistema de gestão, a organização do trabalho didático, as relações pedagógicas, as dimensões subjetivas, o tipo de linguagem a ser utilizado dentro das escolas. Sendo assim, entendo que é um profissional que pode contribuir com orientações aos pais, um trabalho de suporte junto com a assistência social e a equipe pedagógica. Desse modo, cabe ressaltar aqui mais uma vez que produzimos diversos materiais que buscaram ajudar a propagar a psicologia e guiar a atuação do psicólogo.

---

<sup>17</sup> A Lei Federal n. 13.935/2019 determina que as escolas públicas de ensino básico no Brasil devem ter psicólogos e assistentes sociais em seu quadro de colaboradores (Brasil, 2019).

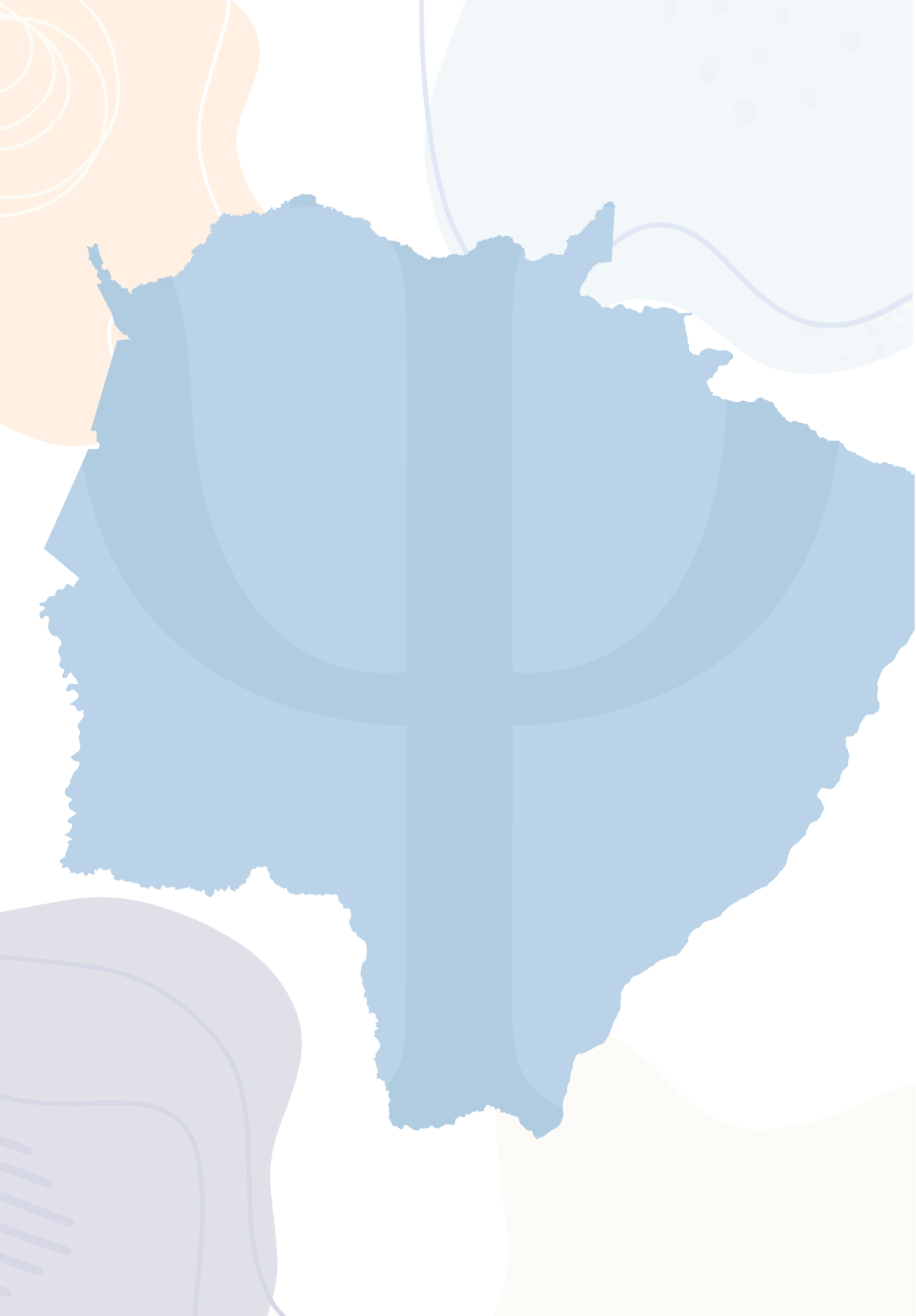
## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 12 dez. 2019.

CAIADO, K. R. M. Entrevista: Educação especial, pesquisa e histórias de vida. **Ponto de Vista**, n. 9, p. 145–148, 2007. Florianópolis.

ENTREVISTA COM EDITORES da revista Psicologia: Ciência e Profissão. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. spe., p. 444, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Jc9SPHtvSH33y3y6rMqDzgD/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2025.

OLIVEIRA, K. L. de. Homenagem à Acácia Aparecida Angeli dos Santos – Universidade São Francisco. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. spe., p. 167–174, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000211947>.



# CARLOS AFONSO MARCONDES MEDEIROS

Carlos Afonso Marcondes Medeiros  
Laura Santos Belchior Vicente  
Renan da Cunha Soares Júnior

Nasci em 26 de outubro de 1952, em Nioaque, cidade do interior do estado de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. Por meu cunhado se mudar para Bragança Paulista, também fui morar lá, além de ser influenciado por ele a fazer Psicologia. Com isso, no ano de 1972 prestei vestibular para o curso de graduação em Psicologia da Universidade de São Marcos, em São Paulo, conseguindo ser aprovado. Pouco tempo depois, chamado pelo próprio reitor da Universidade de Bragança Paulista, fiz parte de um inovador curso de Medicina Psicossomática, não aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), logo, mantendo-se como curso de graduação em Psicologia. Com minha graduação no ano de 1977, juntamente com colegas, abrimos nossa primeira clínica em São Paulo. Em 1978, entrei no mestrado em Campinas, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em Filosofia Social, que foi concluído em 1980. Nessa trajetória do final de meu curso de Mestrado, tive de me mudar para Campo Grande (MS), por questões familiares. Assim, de 1981 a 1985, atuei como professor nos cursos de graduação em Psicologia, Filosofia, Letras e Pedagogia das Faculdades Unidas Católica de Mato Grosso (FUCMT), atualmente Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Em 1986, fui coordenador de ensino e professor na Academia Estadual de Segurança Pública de MS (AESP), e de 1986 a 1992 Diretor da Diretoria Técnica do Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN). Atuei de 1992 a 2000, como psicólogo clínico e coordenador do Serviço de Atendimento Psicológico da Previdência do Estado de MS (PREVISUL). Logo em seguida, de 2002 a 2016, fui psicólogo clínico e coordenador da

Coordenadoria de Atendimento Psicossocial da Polícia Civil/MS (CEAPOC3). No decorrer do meu desenvolvimento profissional, fiz parte da história do desmembramento da psicologia de Mato Grosso do Sul / Mato Grosso (MS/MT) com o 6º Conselho Regional de Psicologia (CRP-6), vinculado a São Paulo, com cargo de delegado, exigindo uma cadeira no plenário e, mais tarde, atuando como conselheiro suplente em 1983. Fui Presidente do Conselho Regional de Psicologia 14ª Região (CRP-14), no período 2007 a 2013. Assim, em 2016 com aposentadoria do serviço público estadual, e, atuando como especialista em Psicologia Clínica e em Psicopatologia Forense, me encontro até hoje atendendo na Clínica Médica Mendes e Medeiros.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Iniciei a graduação em Psicologia no ano de 1972, pela Universidade de São Marcos em São Paulo (SP), escolhi a Psicologia influenciado por meu cunhado, grande médico Helvio Guimarães Loureiro, e sua motivação acerca de como era um ótimo curso, o que me gerou bastante interesse sobre. Fiz apenas um semestre de graduação na Universidade de São Marcos, sem me adentrar muito, e era um curso básico com disciplinas introdutórias ao curso de graduação em Psicologia (e.g., a Filosofia, Biologia, Metodologia Científica, Sociologia etc.). Não tinha nada mais aprofundado. Foi quando eu me transferi de São Paulo para Itatiba.

Ainda no ano de 1972, Miguel João Cocicov<sup>1</sup> – amigo do meu cunhado e reitor da Universidade de Bragança – na cidade de Bragança Paulista (SP), me incentivou a ingressar no curso de graduação em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itatiba/SP – Casa da Nossa Senhora da Paz – Ação Social Franciscana (hoje Universidade São Francisco). Ele tinha um projeto de um curso superior de Medicina Psicossomática<sup>2</sup>, mas o projeto não foi aprovado pelo Ministério da Educação (MEC). Esse curso de Itatiba foi muito diferente do usual dos cursos de graduação em Psicologia, ele tinha um foco mais na Psicologia Clínica. O curso teve início no segundo semestre de 1972, fazendo parte da primeira turma, que concluiu em 1977. O curso inteiro focava mais na área clínica e uma carga horária muito grande em Anatomia, Fisiologia, Neurofisiologia, matérias que mais tem a ver com a parte orgânica do corpo, porque ele pretendia que fosse um curso de Medicina Psicossomática e, como havia em Bragança Paulista a universidade de Medicina, a universidade era uma só, Bragança e Itatiba. No campus de Bragança, ficava Medicina e outros cursos.

<sup>1</sup> Miguel João Cocicov: era empresário e o reitor da Universidade de Bragança Paulista.

<sup>2</sup> Medicina Psicossomática: área da medicina que estuda a relação entre fatores psicológicos e sociais e o funcionamento do corpo.

O campus de Itatiba tinha Psicologia, Engenharia e outros cursos. Aca-bei morando em sete repúblicas. O reitor queria que os alunos que não pas-sassem em Medicina fizessem Psicologia como segunda opção, com o foco em Medicina Psicossomática. Praticamente 60% dos alunos haviam prestado vestibular para Medicina, mas não passaram e colocaram Psicologia como segunda opção. Além disso, minha sala era composta 80% por homens e 20% por mulheres. O curso era período integral, manhã e tarde, e os acadêmicos usavam roupas brancas, sem um uniforme específico, mas com a necessida-de de ser roupa branca e um jaleco que só era usado em laboratório. Tudo isso servia como um chamariz para o aluno que estava buscando Medicina. Itatiba hoje em dia com 122.424 habitantes, segundo o Censo 2022, em média; nos anos 1970 tinha em média quarenta, cinquenta mil habitantes, ou seja, uma cidade pequena, mas muito próxima de Campinas que é uma cidade grande próxima de São Paulo. Em relação a estágios, quando nós fomos iniciá-los, o curso já havia sido desvinculado da ideia da Medicina Psicossomática e o curso passara a ser Psicologia mesmo, por isso todos os estágios que nós fizemos não eram remunerados, eram obrigatórios e era a faculdade quem articulava os convênios.

Por exemplo, eu fiz estágio em um hospital psiquiátrico já mais para o final do curso em Itapira, uma cidade próxima e que, na época, era chamada de “Cidade dos Loucos”, por conta de três hospitais psiquiátricos que ali existiam. Um dos hospitais era uma comunidade terapêutica, coisa que na época era muita novidade, muito interessante, e o dono era chamado Hélio Amâncio de Camargo<sup>3</sup> havia estudado na Inglaterra com Ronald Laing<sup>4</sup>, uma sumidade em psicopatologia. Hélio trouxe, à época, para o Brasil, o modelo de comunidade terapêutica. Era um hospital aberto, se o paciente quisesse sair, não tinha mu-ros, não tinha trancas, não tinha nada trancado, era tudo aberto. Eu participava do grupo das pacientes que faziam porta. Para mim, hoje, ainda é considerado um hospital moderno. Lembro que em todas as sextas feiras, tínhamos um baile em que dançávamos com os pacientes psiquiátricos, entre eles psicóticos, que lá estavam internados. O que tem de comunidade terapêutica hoje é mais na questão das drogas, principalmente as comunidades evangélicas, mas naquela época, era um hospital psiquiátrico: Unidade Terapêutica Santa Fé. Quem esco-lhia os estágios era a universidade e a gente ia para lá, um grupo de estudantes com professor e a gente fazia o estágio lá. Além disso, também fiz um estágio em São Paulo em outra comunidade terapêutica para usuários dependentes, fiz muita coisa nessa época, trabalhando com usuários de drogas, na área escolar, muita coisa que me deu conhecimento, uma bagagem, é muita história.

---

3 Hélio Amâncio de Camargo, médico Psiquiatra.

4 Ronald David Laing (1927-1989) foi um médico escocês, criador da antipsiquiatria, movimento conhecido por rejeitar os conceitos tradicionais de doença mental, normalidade e cura. Professor da Universidade de Glasgow (1956), desenvolveu pesquisas sobre as causas da esquizofrenia.

Para mim, como profissional, foi muito rico, procuro até hoje nos tratamentos, ter relação profissional com outros psiquiatras, manter um trabalho multiprofissional, porque eu aprendi muito e é uma coisa que o estudante de psicologia não aprende muito sobre o adoecimento mental e tratamento junto com psiquiatra, medicamentos etc. Então, naquela época, eu aprendi muito com esse estágio, por exemplo. Não só o estágio, mas o curso em si continha muito o foco na área orgânica, então acabamos por aprender muito sobre a questão das psicopatologias, no aspecto físico e seus tratamentos não só psicoterapêuticos como psiquiátricos. A parte de psicologia educacional, na época chamada de Psicologia Escolar, era a própria universidade que escolhia os locais, como no outro caso. Estagiei em escolas de Itatiba, mas o estágio na área mais clínica, de adoecimento mental, foi nesse Hospital em Itapira. Além disso, lá tinham outros Hospitais que eram fechados, tinha dois famosos hospitais que não sei mais se existem, o Americo Bairral<sup>5</sup> que era sistema tradicional, tudo fechado semelhante ao Nosso Lar<sup>6</sup> aqui de Campo Grande, e a Comunidade Terapêutica Santa Fé, não tinha muros, totalmente aberto. Acontecia frequentemente de pacientes saírem, fugirem, e tinham uma equipe que ia e buscava, quando não era uma alta voluntária. Eu aprendi muito nessa relação com a psiquiatria, nesse hospital mais aberto.

Minha relação com os professores era maravilhosa, apenas com atrito em relação à parte de avaliação psicológica. Lembro até mesmo de discussões com o professor de avaliação psicológica na época, que era excelente, porém era o seguinte: os testes eram todos importados, baseados em uma população, pessoas de outros países, isso naquela época, não tinha coisa brasileira, como iríamos avaliar o Brasil com métricas diferentes. Batia o pé, nós contestamos muito utilizar um teste importado com brasileiros, e querer um resultado desses testes, sem considerar a parte da cultura, da história do povo, comportamentos, costumes, hábitos, modo de ser. Acabamos por ter atritos e nessa época também, já tive opção de focar na clínica e na Psicanálise. Reconheço que na época fui equivocado pela necessidade de aprender sobre testes, tivemos um embate com o professor, e acabamos não nos dedicando tanto a essa disciplina como deveríamos. Sempre digo: particularmente não tenho experiência nenhuma de avaliação psicológica, na parte de testes. Com a criação do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), em 2001, tudo é muito diferente de antigamente, agora com testes regulamentados, adequados. Assim, acabou gerando na época um transtorno entre nós, com um professor duro, querendo ensinar e nós

---

<sup>5</sup> Hospital Americo Bairral, atualmente conhecido como Instituto Bairral de Psiquiatria, é um hospital psiquiátrico localizado em Itapira, interior de São Paulo, considerada a maior clínica psiquiátrica da América Latina.

<sup>6</sup> O Hospital Nosso Lar é uma instituição psiquiátrica localizada em Campo Grande, dedicada ao tratamento e reabilitação de pacientes com transtornos mentais. Reconhecido por sua atuação na área de saúde mental, oferece atendimento especializado e programas terapêuticos voltados para a recuperação e inclusão social dos pacientes.

objetando. Reconheço como isso acabou por me prejudicar na época, por reconhecer a importância dos testes e saber aplicá-los, mas existiam como esses exemplos, alguns atritos no curso.

À época, era tudo muito puxado para a psicologia estadunidense, com tudo muito importado. Felizmente puxei para a área da Psicanálise, o que achei muito legal para minha formação, por buscarmos outros modelos, modelos europeus, Freud,<sup>7</sup> Lacan,<sup>8</sup> então eu e esse meu grupo de colegas, muito ligados, caminhando juntos, compartilhamos essa história juntos. Com isso, acabei por me afastar da avaliação psicológica e incrivelmente hoje, a Universidade de São Francisco (USF), o foco dela é de avaliação psicológica, onde tem os melhores mestres de avaliação, Ana Paula Porto Noronha,<sup>9</sup> e outros. Então, nossa relação com professores, pelo menos meu grupo de colegas, estudávamos bastante e nos dedicamos muito, tendo muito contato com os professores, principalmente na área de teorias e técnicas psicoterápicas e psicanálise, já mais no final do curso.

Tinham professores que encontrávamos em São Paulo, por morarem lá, participando de workshops que não estavam dentro da programação da universidade, não eram curriculares, mas às vezes os professores realizavam esses eventos em São Paulo, chamando meu grupo e eu. Geralmente esses eventos eram feitos em área rural, palestras, tinham muitas atividades experimentais, de vivência. Ou seja, tinham muitas práticas terapêuticas para que o aluno pudesse entender melhor o paciente, o tipo de transtorno mental. Um dos professores que já tive lá foi José Ângelo Gaiarsa<sup>10</sup>, um professor bastante eclético em termos de técnicas, mais voltado para área de Gestalt-terapia e as técnicas humanistas. Nisso, fiz terapia com o Gaiarsa, em grupo, era tudo muito avançado. A sala de terapia desse professor era semelhante a um estúdio de academia, sem a parte dos aparelhos, mas sim por colchonetes por assim dizer, que eram instalados de forma que subia e descia. Nosso grupo entrava, todos descalços, e a interação era muito na linha da Gestalt-terapia e outras técnicas que Gaiarsa abordava, humanistas.

O que ocorreria nesse encontro do grupo era chamado de “terapia do cabide”, com os seguintes passos: todo mundo chegava, tirava a roupa e entrava para o grupo do cabide. Então era assim, uma coisa de louco, para o encerramento desse grupo. Gaiarsa era um cara genial, era psicólogo e psiquiatra, “louco”, muito avançado para sua época, com programa televisivo até. Tive a honra de fazer terapia com ele, não só foi muito bom para mi e meu processo

---

7 Sigmund Freud (1856 - 1939) foi um médico neurologista austríaco, fundador da Psicanálise.

8 Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) foi um médico francês, psicanalista renomado, e um dos principais intérpretes de Freud.

9 Ana Paula Porto Noronha é psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

10 José Ângelo Gaiarsa (1920-2010) foi um psiquiatra brasileiro. Conferir em Borges (2020).

terapêutico, como aprendi muito com ele. As técnicas que ele utilizava eram muito avançadas, então ele era professor e foi meu terapeuta. E outros casos eram assim também, tivemos vários casos de psiquiatras e psicólogos, era uma equipe de professores de alto padrão que na área da Psicanálise, que me identifiquei mais, trabalhando nessa área até hoje, foi surpreendente. Naquela época, nos anos 1970 até começo de 1980, tivemos um grupo Lacaniano que veio da Argentina para o Brasil, devido a questões políticas em seu país. Lacan naquela época era desconhecido por aqui e mediante presença dos professores argentinos que trouxeram os ideais de Lacan, vi uma grande oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em Psicanálise, mesmo que não tenha completado uma formação formal em Lacan, conhecendo grandes colegas argentinos como Oscar Angel Cesarotto<sup>11</sup> que, inclusive, me acompanhava nos estudos e workshops que tínhamos em São Paulo.

No fim, era um curso muito atípico, diferente, em aulas vivíamos situações inusitadas, como a convivência em repúblicas e até eventos decorrentes de práticas experimentais do curso, incluindo experiências com hipnose. Por exemplo, houve um episódio em que deixaram um colega em um estado hipnótico, sem conseguir tirá-lo e por conta disso, precisamos ir lá em São Paulo trazer o professor para poder tirar esse colega desse estado. Vejo esse curso como algo muito avançado, realmente, algo que não vejo tanto nos cursos de graduação em Psicologia atualmente, essa parte de Anatomia, Neurofisiologia, Neuroanatomia, os psicólogos não têm o conhecimento do corpo humano, não é aprofundado, muito superficial. Vejo essas matérias que tive como algo muito importante. Vejo os psicólogos hoje, desde a época que fui professor, muitos psicólogos rejeitando os psiquiatras, os medicamentos, focando apenas na psicoterapia. Tem pacientes que precisam de medicamento, transtornos e casos que não podem receber auxílio ou progressão sem medicamento, é a realidade organiza de uma pessoa, sem um medicamento você não consegue encontrar esse equilíbrio do paciente. Com tamanhas experiências que tive, ao finalizar meu curso já me sentia preparado, bagagem ampla, já praticamente pronto para o exercício profissional, que já estava bem definido, eu sabia o que queria como profissional.

Com minha formação em 1977, na graduação no curso de Psicologia da Universidade de São Francisco na cidade de Itatiba (SP), em 1978, entrei no mestrado em Campinas, na PUC–Campinas, em Filosofia Social. Ao longo do Mestrado, foi muito interessante, professores de alto nível, com um professor me pedindo para fazer um estudo sobre a vida e obra de Fernando Henrique Cardoso<sup>12</sup>, e fui na casa de Fernando Henrique, entrevistá-lo. Na época ele

---

<sup>11</sup> Oscar Angel Cesarotto é um psicólogo argentino formado pela Facultad de Filosofía & Letras de La Universidad de Buenos Aires (1977), com doutorado em Comunicação & Semiótica.

<sup>12</sup> Fernando Henrique Cardoso é professor, sociólogo, cientista político, escritor e político brasileiro. Foi o 34.º presidente da República Federativa do Brasil, entre 1995 e 2003.

era professor, tinha sido exilado, professor na Universidade de São Paulo (USP) e sociólogo, um ponto bastante importante na minha história de formação. Por questões familiares e com o fim da clínica que tinha na época, com meus amigos, vim para Campo Grande em 1980, nesse ano, concluí os créditos do mestrado, antes de vir para cá, faltando apenas a dissertação.

Pela dificuldade na época, por não existir essa facilidade do celular e internet ainda, pensava na possibilidade de viajar para Campinas. Todavia, além de ser uma dificuldade essa mobilidade havia a junção do meu novo cargo de professor da FUCMT – o curso era integral –, e o falecimento do meu orientador Jefferson da Silva<sup>13</sup> por volta de 1981, que era de São Paulo. Ainda, sim, tive uma experiência muito boa. Para quem é da área da Psicologia entende como é importante o entendimento da Filosofia Social para a nossa formação. Uma parte envolvendo a visão do corpo, orgânica do ser-humano, a parte de Anatomia, Neuroanatomia, Fisiologia, Neurofisiologia, e o outro lado, que é da Filosofia Social.

Na atualidade, percebo a grande diferença de antigamente, pela parte da tecnologia. Hoje temos muita fonte de pesquisa nas mãos, algo que não era simples em minha época. Para procurar algo, era manualmente, na biblioteca, ir atrás do conhecimento, procurar uma aproximação dos professores, essa era nossa maior fonte. A tecnologia acaba por gerar um esforço muito menor pelo conhecimento, e, ao mesmo tempo, permite essa disseminação maior de informações. Além disso, o espaço que a Psicologia vem ocupando com os anos é algo surpreendente, por comparar antes, com uma Psicologia tão pequena não tanto tempo atrás. Veio a quebra de estigmas, além disso. A sociedade hoje reconhece mais os profissionais da Psicologia inseridos na área de Saúde. É excepcional o poder que a Psicologia tem, ela revitaliza, muda, mudou minha vida, lembrando isso tudo agora, estando com 71 anos. Já tive amigos que perguntaram como estou com essa vitalidade e minha resposta sempre foi a mesma, confirmo agora lembrando de tudo: Fui feliz!

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Logo após a minha coleção de grau e formatura em 1977, mudei para a capital paulista, a fim de abrir uma clínica psicoterápica com José Carvalho de Godoy Filho<sup>14</sup> e Antonio Carlos Romancini Wood<sup>15</sup> – meu grupo próximo de amigos da graduação de Bragança – em que trabalhávamos com diferentes abordagens (e.g., Psicanálise, Gestalt-terapia), atendendo crianças, adolescentes e adultos. Como éramos muito ligados, tínhamos um colega chamado Paulo Souza que tinha uma casa em São Paulo, na Vila Mariana,

<sup>13</sup> Não foram encontradas informações sobre Jefferson da Silva.

<sup>14</sup> Não foram encontradas informações sobre José Carvalho de Godoy Filho.

<sup>15</sup> Não foram encontradas informações sobre Antonio Carlos Romancini Wood.

nos ofereceu de montar uma clínica lá. Já terminando a faculdade, montamos a clínica. Dávamos diversas palestras, estudando muito, isso tudo em 1980. Fomos até convidados pelos alunos de psicologia da FUCMT para dar uma palestra sobre psicanálise lacaniana, foi muito interessante. Fazíamos grupos de estudos em nossa clínica, dando supervisão para alunos, acadêmicos. Então, fazíamos não só a clínica como a parte de formação. Essa trajetória da clínica durou mais ou menos seis meses, criada em 1979 e com seu fim no final de 1980, por problemas com um colega dessa própria clínica que abrimos e sua saúde mental, como por conta de problemas familiares que envolveram o adoecimento de minha mãe e minha irmã. Por elas serem de Campo Grande, vim para cá junto com minha esposa Fátima, ajudar a família, em 1980. Após o fechamento dessa nossa clínica, no entanto, tive um consultório nos meados desse ano, na esquina da Avenida Paulista com a Augusta, no Conjunto Nacional com uma sala, no Instituto Paulista de Psicanálise. Algo muito interessante dos antigos cartões que distribuíamos à época, colocávamos “Psicoterapeuta”, sem colocar Psicólogo, por não haver a obrigatoriedade, hoje, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) exige que se colocar como psicólogo, deve-se colocar seu número de CRP. Na época eu achava mais interessante colocar “Psicoterapeuta”. No final dos anos 1980, eu tinha esse consultório. Além disso, antes de 1980, em 1979, fui supervisor na clínica do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus (FAFIL) na cidade de Bauru, SP. Eu comecei a dar aula em Bauru. E o mestrado, naquela época, já era para ir para a área de ensino, não só clínico, mas também para a área de ensino. Em Bauru, na verdade, era só supervisão, não era aula. Eu gostei bastante da experiência que eu tive lá, foram seis meses só, mas foi muito legal.

Quando eu cheguei aqui em Campo Grande, estava desempregado. Eu precisava trabalhar e, quando você abre um consultório, se você é desconhecido, era necessário no mínimo seis meses para ter um paciente. Eu cheguei aqui, a minha esposa era médica, hoje ela é falecida, e nós montamos um consultório particular de Medicina e Psicologia, que era uma sala no Edifício Rachid Neder, na Rua Barão do Rio Branco. Ela fazia parte da clínica médica e eu fazia parte da clínica de Psicologia. Desde o primeiro ano, nós já montamos escritório, mas eu precisava ter um ganho, sobreviver, meu primeiro filho nasceu em 1981 e, ainda em 1981, eu comecei a dar aula e foi muito legal. Para nos estabelecer em Campo Grande, procurei pela FUCMT, e quem me atendeu foi a vice-diretora Aurenice Rodrigues Pinheiro<sup>16</sup>. Ela viu meu currículo e já afirmou meu começo de carreira como professor já iniciando no outro dia, já em janeiro de 1981. Tive muita sorte porque a demanda de professor era grande. Foi fantástico! Dei aula na segunda turma do curso de Psicologia, no

---

**16** Aurenice Rodrigues Pinheiro foi coordenadora do Centro de Ciências Humanas da FADAF/FUCMT e foi uma das responsáveis pela criação do curso de Psicologia nessa instituição, que começou a funcionar em 1975.

curso de Pedagogia, Filosofia, Letras, além de dar supervisão na clínica de Psicologia. Além disso, tinha meu consultório nos períodos da tarde.

Nesse processo, fui chefe de departamento entre 1982 e 1983. Tornei-me chefe do Departamento de Psicologia por escolha dos professores, em uma espécie de eleição interna. Para um professor que veio de fora — pois todos os demais eram daqui —, minha chegada, vinda de São Paulo, trouxe ideias novas. Eu estava cursando mestrado em Filosofia e trazendo muitas novidades. Por exemplo, Lacan: ninguém aqui sabia o que era, e fui eu quem o introduziu no curso de Psicologia, na disciplina de Teorias e Técnicas Psicoterápicas. Você não estuda Lacan, você estuda Freud. Lacan é uma consequência. Primeiro, você estuda Freud. Depois você estuda Freud e Lacan. Lacan é muito complexo e você tem que ter conhecimento de Linguística, Fenomenologia e Psicanálise Freudiana. E, para ser chefe de departamento, essa condição de um professor vir de fora, ter novas ideias, acabou sendo um motivo para eu ser eleito. Foi minha sorte, foi muito bom, fiquei muito contente de ter sido chefe de departamento. Esse cargo me proporcionou uma experiência incrível, no curso de Psicologia, tínhamos alguns grupos, o Luiz Salvador de Miranda Sá Júnior,<sup>17</sup> psiquiatra, representava um grupo, a Maria da Glória de Sá Rosa<sup>18</sup>, da Maria Solange Félix Pereira<sup>19</sup>, outro grupo, um grupo da Sonia Grubits<sup>20</sup>, além dos membros do clero. Padre Guillermo Morales Velazquez<sup>21</sup>, que era psicólogo, foi coordenador do curso de Psicologia. Então assim, tinham grupos de professores que eram mais afinados entre eles, nisso, o chefe de departamento tinha de agrupar, fazer uma política de jogo de cintura para conseguir integrar aquilo. Eu não fui parte de nenhum grupo, porém fazia parte de todos. Foi muito interessante praticar esse jogo de cintura. Era notável dentro do curso também, como eram importantes as experiências adquiridas pelos alunos em seus estágios, como por exemplo na Santa Casa.

Quanto às políticas públicas, como Conselho Regional de Psicologia (CRP), a gente participava bastante das políticas públicas em outros Conse-

---

**17** Luiz Salvador de Miranda Sá Júnior (1938-2022) foi um renomado médico psiquiatra brasileiro, com atuação destacada em Mato Grosso do Sul - fundador do serviço de Psiquiatria da Santa Casa de Misericórdia de Campo Grande - MS.

**18** Maria da Glória de Sá Rosa (1927-2016) foi uma professora e escritora com título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2007, e pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em 2012.

**19** Maria Solange Félix Pereira (1953-2009) foi professora e psicóloga, pioneira na construção da Psicologia em Mato Grosso do Sul e na criação de novos modelos de educação para o trânsito. Ver Homenageada (2010).

**20** Sonia Grubits, primeira psicóloga do estado uno de Mato Grosso e fundadora do primeiro curso graduação em Psicologia de Campo Grande, em 1975. Também criou o primeiro mestrado (1997) e doutorado (2012) na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

**21** Guillermo Morales Velazquez: graduado em Psicologia, Letras, Teologia, Filosofia e Pedagogia, além de um mestrado em Educação, foi diretor do curso de Psicologia na UCDB.

lhós. Por exemplo, Conselho Estadual Antidrogas, um nome que eu nem gosto, deveria ser Conselho Estadual sobre Drogas, no qual fiz parte por bastante tempo. No Conselho Estadual de Saúde, fiz parte também por pouco tempo representando o CRP. Na Polícia Civil, eu não vou dizer que foi uma política pública, mas é uma instituição pública e tem ainda um trabalho interessante na área de atendimento psicossocial, hoje, é psicossocial e religioso aos policiais. Também quando tive a oportunidade de estar na Polícia Militar, tinha um setor lá que também fazia atendimento psicossocial, eu participei como psicólogo. Eu atendi policiais militares na época em que eu estava no DETRAN e a gente foi de “castigo” para a Polícia Militar.

Eu tinha um amigo chamado Raimundo Nonato<sup>22</sup> que ocupava, no DETRAN, o cargo de Diretor de Educação de Trânsito e ele passou a ser o Diretor Geral do DETRAN e me convidou para ocupar o cargo dele e era um trabalho na área de educação de trânsito, sem muita ligação com a Psicologia diretamente, indiretamente sim, porque é comportamento humano. Eu entrei no DETRAN em 1986. Havia duas unidades, uma na Avenida Tamandaré e outra na esquina da Tamandaré com a Avenida Júlio de Castilho. O Raimundo Nonato me chamou para assumir esse cargo de diretor. Foi incrível, não me recordo se eu ainda dava aula nessa época, mas foi uma experiência incrível. Eu entrei no DETRAN e, para você entrar num órgão público, você tem duas formas: uma é concurso público e a outra é cargo comissionado. Eu entrei no DETRAN com cargo comissionado como Diretor, aí comecei e foi uma experiência incrível para mim. O Raimundo, que era diretor, além de ser meu amigo, era professor também da FUCMT. Eu dava aula ainda. Em 1995, eu prestei concurso público como psicólogo, mas eu ainda estava nesse cargo. Passei no concurso público como psicólogo e continuei nesse cargo como diretor por vários anos. Participei inclusive da pedra fundamental do DETRAN, hoje, na saída para o município de Rochedo. Aquela área é um comodato com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a condição do comodato era que o DETRAN tinha um prazo para construir. O meu amigo deixou de ser diretor e entrou outro diretor chamado Franklin Rodrigues Masruha<sup>23</sup> e eu continuei como diretor. Quando mudou para o DETRAN novo, mudou a nomenclatura do cargo de Diretor de Educação de Trânsito passou a ser Diretoria Técnica, porque envolvia a área da engenharia também, ou seja, não só a educação, mas a parte de engenharia de trânsito. E eu permaneci como diretor até o final do mandato do Franklin. Com isso, veio um novo Diretor e eu continuei como psicólogo, mas não na área de avaliação psicológica, continuei como psicólogo em outros setores do DETRAN, até 2005.

---

**22** Raimundo Nonato: graduado em Ciências pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Lorena (1969), participante e ex-presidente do Conselho Estadual de Trânsito (CETTRAN) MS.

**23** Franklin Rodrigues Masruha: graduado em Direito, foi Diretor-geral do Detran/MS (1987-1990), Deputado Estadual pelo Mato Grosso do Sul (1991-1994; 1995-1998), entre outros.

Eu saí do DETRAN, fui para a Previdência do Estado de MS (PREVISUL). Fiquei lá entre 1992 e 2000, que era o órgão que prestava serviço de saúde para os servidores públicos. O PREVISUL foi extinto e foi criado a Caixa de Assistência dos Servidores de Mato Grosso do Sul (CASSEMS), e a gente tinha que optar por um órgão público e eu optei pela Polícia Civil e fui trabalhar numa delegacia como psicólogo para atender adolescentes infratores, na Delegacia de Atendimento à Infância e Juventude (DEAIJ). Foi um trabalho muito interessante, realizava entrevista, avaliação e quando necessário procurava encaminhar para atendimento psicológico. Eu procurava aliviar a situação emocional deles e com isto evitar as ações mais truculentas da polícia, além de atender os adolescentes infratores, às vezes, eu conseguia até encaminhar para atendimento. Às vezes, o problema não era policial, mas de transtorno mental. Consegui fazer intervenções desde a mudança do nome do setor para Centro de Atendimento Psicossocial da Polícia Civil (CEAPOC) até o desenvolvimento de projetos organizacionais e de suporte psicológico que impactaram fortemente a saúde mental dos policiais. Tive esse cargo de 2002 até 2016. Fui convidado, porque eu tinha uma colega que era coordenadora, psicóloga e ela teve um problema de doença e saiu. Eu já estava na Polícia Civil como psicólogo.

Nessa época, me convidaram para o Centro de Atenção Social da Polícia Civil (CASPOC). Eu tinha uma colega que era coordenadora, psicóloga e ela saiu para coordenar essa outra unidade da Polícia Civil. Ali eu fiquei até me aposentar do serviço público estadual em 2016, como psicólogo e coordenador. Então eu coordenava a equipe que tinha psicólogos, assistentes sociais, capelão, pastor, religiosos etc.; é uma clínica e fazia o atendimento clínico de policiais também. No decorrer do trabalho, percebi que este setor era estigmatizado, ou seja, todo policial que apresentava algum problema emocional no trabalho era encaminhado ao CASPOC, mas isso era uma espécie de castigo. Desta forma, o trabalho de atendimento psicossocial ficava prejudicado. Então, a nossa equipe apresentou uma proposta de mudança regimental para o setor, e conseguimos, passando a ser o CEAPOC. A partir daí fomos lentamente desenvolvendo um trabalho de atendimento dos transtornos mentais e na área organizacional, qualidade de vida no trabalho. Fizemos convênio com as universidades, e os/as acadêmicos de psicologia começaram a desenvolver projetos na área organizacional. Primeiro com a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e depois a Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). E assim funciona até hoje. Então, fomos desenvolvendo esse trabalho de tirar esse estigma do setor, de “punição” ou até mesmo vergonha.

Por fim, trabalho até os dias atuais, no ano de 2024, no atendimento de adultos, como psicólogo clínico na Clínica Médica Mendes e Medeiros.

## SISTEMA CONSELHOS DE PSICOLOGIA

Com a minha volta a Campo Grande e a inserção à docência universitária, tive o privilégio de me tornar amigo e colega de grandes profissionais como o professor José Chadid<sup>24</sup>, que me convidou para substituí-lo como delegado pelo Conselho Regional de Psicologia 6ª região (CRP-06), por dois anos. Com essa minha participação nas reuniões de São Paulo, do CRP, comecei a cobrar. Exigia uma cadeira no plenário, para nós de Mato Grosso do Sul (MS) e Mato Grosso (MT), nessas reuniões eu comecei instigar que deveria ter, pelo menos, um conselheiro de cada estado participando do plenário. Nesse meu posto também, administrava a parte burocrática, como emissão de carteirinhas, parte cartorial. Assim conduzi, atuando na faculdade, na clínica e como delegado no CRP. Tive de equilibrar diversas responsabilidades, desde as aulas na UCDB até os atendimentos em consultório. Esse papel se estendeu à necessidade de lidar com a burocracia da delegacia do CRP. Nessa trajetória, compartilhei o desmembramento do CRP-06 com grandes nomes, como Roberto Tozoni,<sup>25</sup> que era professor em Assis (SP) e conselheiro; Marlene Guirado,<sup>26</sup> que era também conselheira e foi presidente do CRP mais tarde, dentre outros. Nisso, era um grupo dissidente que ganhou a eleição, com isso, conseguimos participar como conselheiros suplentes, por MS e MT.

Assim, fui um dos articuladores para a desconexão e a subsequente criação do Conselho Regional de Psicologia da 14ª região (CRP-14), que englobava MT e MS. Essa luta política foi intensa e cheia de desafios, mas foi bem-sucedida. Em 1996, com a criação oficial do CRP14 MT/MS, atingimos o número de profissionais necessários para a criação de um conselho independente. Nisso, tínhamos mais profissionais no MS, e por isso a sede se instalou em Campo Grande e a subsede em Cuiabá, trazendo uma nova era de representação e autonomia para os psicólogos desses estados, com grandes representações de MT como Maria Aparecida de Amorim Fernandes<sup>27</sup>. O fato da sede se instalar em MS, gerou atritos, abrindo questões para também o desvinculamento do MT, o que se realizou em 2010. Muitos eram os plenários que fazíamos em Cuiabá, muitas viagens. De 2007 a 2013 foram dois plenários que participei no CRP-14. De 2007 até 2010, no quinto plenário, o grupo

**24** José Chadid é graduado em Direito e em Psicologia, atualmente é professor de cursos de Graduação e Pós-graduação, tendo sido vereador de Campo Grande de 2015 a 2016.

**25** José Roberto Tozoni-Reis é psicólogo e Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com experiência na área de Medicina (ênfase em Psiquiatria).

**26** Marlene Guirado é Professora Titular e Pesquisadora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**27** Maria Aparecida de Amorim Fernandes é psicóloga e presidente do Conselho Regional de Psicologia da 18ª Região de Mato Grosso (CRP/18 MT).

foi eleito como chapa única, e uma parte dos conselheiros era de MT. Tal grupo fazia parte de um movimento nacional da Psicologia chamado “Cuidar da Profissão”. Foi assim que nos organizamos para concorrer a eleição. De 2010 até 2013, no sexto plenário, a gestão já estava separada do estado de MT, havendo disputa, ainda sim, nosso grupo ligado ao Cuidar da Profissão venceu a eleição. Nesse decorrer do tempo, tivemos a felicidade de fazer a comemoração dos 50 anos da Psicologia, em 2012, com a realização de um congresso em Dourados (MS) que fez história, com a participação de vários profissionais do país, com Marcus Vinícius de Oliveira<sup>28</sup>, que era um psicólogo, foi presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP) posteriormente, ele era um guru para nós.

Além de servir como uma plataforma para troca de conhecimentos, o CRP teve um impacto emocional significativo em minha vida. Atribuí muita admiração e respeito por colegas de profissão, como a Maria Solange Félix Pereira<sup>29</sup> e o Paulo Godofredo Barbosa de Carvalho<sup>30</sup>, a essa convivência contínua proporcionada pelo conselho. Criar vínculos com outros profissionais e participar de projetos coletivos não apenas enriqueceu minha própria prática clínica, mas também reforçou meu compromisso com a ética e a excelência na psicologia. O CRP também funcionou como um impulsionador de mudanças pessoais e profissionais. A necessidade de lutar por mais independência e representatividade do MS no CRP-06 só revelou a importância da política dentro da Psicologia. Ao estreitar laços com conselheiros e membros da categoria, aprendi sobre a importância de balançar decisões e reivindicações que iam além da prática clínica, fortalecendo a Psicologia na região. Esse aprendizado me proporcionou uma nova amplitude de visão sobre o campo, vendo-o como uma profissão que também precisa estar inserida com vigor em discussões políticas e sociais, desde a necessidade de voz ativa, como a tomada de independência na história de organizações.

Finalizando, o CRP teve um papel transformador em minha vida ao proporcionar um espaço onde pude discutir, aprender e melhorar práticas relacionadas à Psicologia. Foi dentro deste ambiente que me vi envolvido em debates essenciais sobre a natureza da prática psicológica, implicações éticas e sociais, a autonomia e representatividade dos psicólogos, a necessidade de uma prática psicológica que seja regionalmente representativa etc. A luta pela independência do CRP-06 apenas refletiu a consciência de

---

**28** Marcus Vinícius de Oliveira (1959-2016) foi psicólogo e militante em defesa dos direitos humanos, assassinado em Jaguaripe (Bahia). Professor aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrou o Conselho Federal de Psicologia, em 1988 – 1989, 1992 – 1995, 1997 – 1998, 1998-2001 e 2004 – 2007.

**29** Maria Solange Félix Pereira (1953-2009) foi professora e psicóloga, pioneira na construção da Psicologia em Mato Grosso do Sul e na criação de novos modelos de educação para o trânsito. Ver Homenageada (2010).

**30** Paulo Godofredo Barbosa de Carvalho: psicólogo, eleito vice-presidente do Conselho Municipal de Saúde de Campo Grande, em 2024, marcando a primeira vez que o CRP14/MS e um psicólogo ocupam tal posição.

que a Psicologia tem um papel social e político que vai além do consultório. Com o CRP à minha frente, pude consolidar minha identidade tanto como profissional clínico quanto como agente de mudança dentro de uma comunidade, algo sem preço.

## REFERÊNCIAS

BORGES, F. C. (Org.). **O legado de J. A. Gaiarsa**. Editora Ágora, 2020.

HOMENAGEADA Maria Solange Felix Pereira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 444, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200017>.

# CELI CORRÊA NERES

Celi Corrêa Neres  
Laura Santos Belchior Vicente

Nasci em Campo Grande na data de 12 de janeiro de 1968, tendo vivido toda minha trajetória em Mato Grosso do Sul (MS). Já com encanto em Psicologia, mas por questões financeiras optei por cursar Pedagogia, tendo meu primeiro contato com a matéria de Psicologia, na disciplina de Psicologia da Educação. O decorrer de minha carreira se moldou pelo meu grande envolvimento nas atividades estudantis, como viagens, grupos de estudos e forte apego com minhas antigas professoras do curso de graduação em Psicologia, antigas ideias realizadas de abrir uma clínica com amigas de curso, entre outros. Tenho graduação em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB (1988), graduação em Psicologia pela mesma instituição (1993), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (1999), Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo – USP (2010) e Pós-doutorado na UFMS, Campus Pantanal (2014). Tive, além disso, forte envolvimento na história do desmembramento da Psicologia de Mato Grosso (MT) e MS do Conselho Regional de Psicologia 6ª região (CRP-06). Entre os anos de 1994 até 1996, participei da organização da primeira eleição do mais novo Conselho Regional de Psicologia 14ª região (CRP-14), com sede em Campo Grande. Meu cargo de Conselheira na Comissão de Educação, num primeiro momento e depois como colaboradora, perdurou por muitos anos, com idas e vindas, se intercalando com minha profissão de Coordenadora Pedagógica concursada e, mais tarde, prestei para um concurso da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), atuando como Professora Universitária concursada, até os dias de hoje.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Sempre tive o interesse em estudar Psicologia, contudo, quando eu saí da escola não tinha os recursos financeiros que possibilitasse iniciar tal graduação, além da Psicologia ser apenas de tempo integral à época. Aqui

no estado o curso de Psicologia existia apenas em Corumbá<sup>31</sup> ou nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), sendo inviável para mim, ir até Corumbá, me estabelecer financeiramente, além de que na época era muito complicado uma moça sair de casa e ir para longe. A possibilidade na época de ir apenas de trem, ônibus, tudo muito caro, eu não tinha condições.

Me formei em Pedagogia em 1988, com 20 anos, optei por fazer esse curso por ser noturno, conseguindo trabalhar para pagar a mensalidade. Tinha feito no ensino médio um curso de magistério de segundo grau, para ser professora de educação infantil até o quarto ano do ensino fundamental, então já saí habilitada para ser professora. Esse curso, semelhante aos três anos de ensino médio, chamava-se “Magistério do segundo grau”, era bastante presente em minha época, até por serem poucos os professores de crianças pequenas que tinha condições de fazer um curso superior, por serem poucos os cursos superiores aqui, sem tanta oferta como agora. Trabalhei por muito tempo como alfabetizadora, dando aula na primeira série do ensino fundamental. Meu interesse pela Psicologia aumentou por conta de uma aluna. Eu conseguia alfabetizar todas as crianças, mas ela, eu não conseguia alfabetizar. Fiquei muito intrigada com essa questão da aprendizagem, desenvolvimento das crianças, mergulhando cada vez mais e buscando respostas na Psicologia, me apaixonando também pela área da Educação Especial. Em sequência, passei em um concurso público da Secretaria de Estado e Educação para ser orientadora educacional em uma escola estadual, passando já no último ano da Pedagogia, o que me permitiu voltar à graduação. No decorrer desse curso, trabalhei por muito tempo como alfabetizadora, dando aula no “primeiro aninho”. Neste trabalho concursado, eu orientava alunos com dificuldades no aprendizado, questões comportamentais dos alunos, ajudava a supervisora escolar a orientar os professores, mas atendendo em maioria os próprios alunos da escola. O fazer de um orientador educacional é esse processo de acompanhar a aprendizagem do aluno, isso fora da sala de aula, como se fosse um coordenador.

Quando completei um ano dessa função, o estado veio com a proposta de fundir o trabalho do supervisor e o trabalho do orientador, transformando em Coordenador Pedagógico. Fiquei mais dois anos trabalhando como Coordenadora Pedagógica dessa escola, atendendo os alunos fora da sala de aula, montando grupos de orientação, grupos interativos, mas tudo isso no campo de aprendizagem, e não de Psicologia. Nessa época, meu interesse pela Psicologia aumentou por conta de uma aluna. Eu conseguia alfabetizar todas as crianças, mas ela, eu não conseguia alfabetizar. Fiquei muito intrigada com essa questão da aprendizagem, desenvolvimento das crianças, mergulhando cada vez mais e buscando respostas na Psicologia, me apaixonando um pouco mais pela área da Educação Especial. Mais tar-

---

**31** Corumbá: cidade localizada na região oeste de Mato Grosso do Sul, próxima à fronteira com a Bolívia.

de, fui trabalhar nessa área. Nesse meio tempo, o curso de graduação em Psicologia tornou-se meio período, então casaram-se as duas situações: tive a possibilidade de pagar esse curso, por já estar trabalhando em um emprego concursado em que eu tinha um salário maior, com 21/22 anos, e trabalhar de tarde e algumas noites, estudando de manhã. A carga horária do Coordenador era de 30 horas semanais, como já comentei, comparecia todas as tardes e algumas noites. Assim, já nessa época, ingressei no curso de graduação em Psicologia.

Em 1989, ingressei no curso de Psicologia da FUCMT, que posteriormente se tornou a UCDB, tendo a sorte de estar na primeira turma a se formar na nova denominação da universidade, em 1993. A formação em Psicologia na UCDB era predominantemente generalista, o que eu considerava ideal, por permitir que as especializações fossem realizadas após a graduação. Durante o curso, a Gestalt-terapia teve um papel marcante na minha formação por ter me identificado, fui influenciada por grandes professores, enquanto a Psicanálise não teve tanto impacto assim, devido à menor interação que tive com os docentes dessa área. Tinham disciplinas de várias áreas. As básicas, Psicologia Experimental, as de introdução, personalidade, Psicologia Social, teorias e técnicas psicoterápicas, organizacional, educacional, Psicanálise, Gestalt-terapia, psicologia do conhecimento religioso, muitas que desapareceram da grade com o tempo. A Psicologia Educacional e Clínica eram áreas muito valorizadas e exploradas, tanto pela maior ocorrência de atuação em escolas e clínicas, como estágios, como pela maior valorização das mesmas, enquanto outras como a Psicologia do Trânsito e Emergências ainda eram incipientes. Percebo hoje que o currículo, embora técnico, foi se ampliando com o tempo para incluir novas tendências e demandas emergentes da profissão.

Na minha época não tinha muito dessa coisa de estágio remunerado, era bem difícil, sem muitos Projetos de Pesquisa como iniciação científica, por exemplo. Então, fiz apenas os estágios obrigatórios, que eram todos concentrados no último ano; inclusive tinha aulas noturnas, uma vez por semana. Basicamente o último ano de graduação em Psicologia era esse estágio, bem pesado, atuando na Clínica, na Organizacional e na Escolar. Meu estágio de Organizacional, fiz em dois lugares: no Recursos Humanos (RH) da Santa Casa e na Clínica da professora Sônia da Cunha Urt<sup>32</sup>. Essa clínica era de serviços de Psicologia em que alguns psicólogos atuavam lá, prestando serviços também de seleção e recrutamento em empresas, além da aplicação, correção de testes e entrevistas. Havia também o estágio em Psicologia Escolar, no

---

**32** Sônia da Cunha Urt: é graduada em Psicologia, Pedagogia e Administração de Empresas. Pós-Doutorado pela Unicamp e pela Universidad de Alcalá de Henares - Espanha e Universidade de Lisboa - Portugal. Doutora em Educação com ênfase em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (1992). Mestre em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989).

qual minha orientadora foi a professora Lucy Nunes Ratier Martins.<sup>33</sup> Fiz em uma escola estadual, trabalhando com orientação educacional dos alunos, ligada à orientação vocacional. Fizemos um programa de orientação profissional vocacional, aplicando atividades, montando grupos para atividades práticas, grupos operativos, para fazer essa orientação vocacional de alunos do ensino médio, para descobrir e fazer análise do que eles poderiam seguir e fazer, que área seguiram, carreira.

Ao longo do curso, fui constantemente incentivada pelo corpo docente. Me aproximei de duas professoras que eu admirava, uma delas a que já comentei, Lucy Ratier, e a professora Marina Maria Ribeiro.<sup>34</sup> Ambas me auxiliaram a me inserir ainda mais no campo da Psicologia e, também, me inspiraram a me dedicar à área na qual eu decidira seguir posteriormente. Lucy, por exemplo, nos deu aula no primeiro ano de Psicologia Experimental, e ela foi uma professora muito carismática, muito caridosa com os alunos, acabando todos a se aproximarem muito dela. Depois, como tive essa proximidade com ela por essa ser área da Psicologia da Educação, além dela ser nossa professora de Psicologia Escolar, orientadora do estágio, ela passou a ser essa referência pra mim. Lucy foi minha orientadora do trabalho de conclusão de curso (TCC), na área da Psicologia Escolar, e fez esse trabalho atrelado a esse estágio de orientação vocacional.

Já a professora Marina Ribeiro trabalhava com Psicologia Social, sendo também uma professora que se aproximava muito dos alunos, nos convidando para os grupos de estudos que ela tinha. No último ano, ela nos convidou para participar do CRP, mais como experiência, por ela ser gestora do CRP-06 do estado. Conseguimos fazer parte dos eventos, das reuniões, conferências, mesmo após nossa formação do curso em 1993. Nós também tínhamos muita presença dela antes disso. Em 1989, participei de um encontro nacional de estudantes de Psicologia no Rio de Janeiro. Esse encontro ocorreu na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), um seminário, com várias mesas de discussão, apresentação de trabalhos e mesas redondas. Apenas participamos na época, por ainda estarmos no segundo ano, além de não termos tanto apoio na época da faculdade ou professores, para apresentar trabalhos. Ainda assim, foi uma experiência e tanto, conhecendo colegas do Brasil todo. Com isso, digo que éramos um grupo com muito engajamento em

---

**33** Lucy Nunes Ratier Martins (1960-2023), foi psicóloga e professora, sendo uma das protagonistas na atuação com Psicologia Educacional e Escolar no Mato Grosso do Sul e membro da Comissão de Educação do CRP14/MS.

**34** Marina Maria Ribeiro (1951-2021): Psicóloga, precursora da Gestal-terapia no MS, participante ativa das lutas pela psicologia, professora universitária e escritora com dois livros publicados. Marina coordenou o desmembramento e a implantação do CRP14, tendo papel de destaque no regional de Mato Grosso do Sul. Em sua última experiência profissional, atuou no CREAS, de 2013 ao início de 2020. Na maioria deste período atuou como psicóloga da medida socioeducativa, atuando com adolescentes em conflitos com a lei e suas famílias onde estava desenvolvendo um trabalho de pesquisa e prática.

envolvimentos sociais, movimentos estudantis, movimentos ligados ao CRP, e isso fazia com que a gente participasse desses movimentos nacionais, até o Conselho incentivou esse nosso envolvimento. Os eventos na época não eram muitos, em maioria relacionados ao CRP, além de eventos na área de eventos na área de psicologia educacional, muito envolvida graças à professora Lucy que chamava seus alunos, dentro e fora do estado.

Com a finalização da graduação em Psicologia, me casei e fui trabalhar. Nisso, trabalhando no serviço de educação especial, encontrei a professora Sonia Urt, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e a professora Alexandra Ayach Anache, também da UFMS. Ela dava assessoria para o Serviço de Educação Especial e a pesquisa dela, do doutorado, foi sobre o serviço da educação especial, o qual chamávamos de Unidades Interdisciplinares de Apoio Psicopedagógico (UIAP), que atendia crianças com deficiência na escolas. Contribuí com a Professora Alexandra, ajudando na coleta de dados e ela me incentivou a fazer o mestrado. Minha primeira intenção era fazer Mestrado com a Sonia Urt, assim, fiz o processo seletivo em 1995 para entrar nesse Mestrado. Porém, à época, a professora estava afastada por conta de seu Pós-Doutorado, então assim, fui orientada por Elcia Esnarriaga de Arruda.<sup>35</sup> Pesquisei no Mestrado sobre a Educação Profissional das Pessoas com Deficiência, por já trabalhar nesses serviços de Educação Especial, já sendo minha área de interesse de estudo. Nesse Mestrado, fiz uma análise dos programas de educação profissional que eram ofertados aqui no estado, no contexto de preparar as pessoas com deficiência para o trabalho.

Com a finalização do Mestrado em 1999, parei por um tempo para ter meus dois filhos. Sempre tive vontade de fazer Doutorado, contanto, não tinha Doutorado em Educação e nem de Psicologia aqui no estado. Em 1998 entrei na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), para trabalhar como professora. Em 2006, como professora universitária, tive a possibilidade de me aventurar a sair do estado para fazer o Doutorado na USP, em Educação, meu filho caçula, já estava um pouco maior. Lá, estudei sobre as Instituições Especializadas para o atendimento de pessoas com deficiência no âmbito das políticas de inclusão, ou seja, como era o trabalho dessas instituições nessa política de inclusão.

Em 2016, fiz meu Pós-Doutorado na UFMS, no *campus* de Corumbá. Fui bolsista por meio de um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e nessa época, pesquisei sobre a inclusão de crianças com deficiência na fronteira do Brasil com a Bolívia. Essa pesquisa envolveu entender como era esse processo de inclusão dessas crianças nas

---

<sup>35</sup> Elcia Esnarriaga de Arruda possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1979), mestrado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995). Foi professora associada 3, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

escolas, quais as dificuldades, como era a abordagem pedagógica da escola, como o serviço de educação especial trabalhava com essas crianças. Nisso, fiz uma análise dos cadernos escolares, tomando-os como objeto de avaliação.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Ao finalizar a graduação em Psicologia, por conta dessa ânsia de trabalhar, em conjunto com Elivane Aparecida de Oliveira Sandim<sup>36</sup>, Nidia Fátima Ferreira<sup>37</sup> e Aparecida Maria de Carvalho<sup>38</sup> – amigas e colegas de turma –, fundamos em 1994, o Centro de Psicologia Clínica e Educacional (CenPsi), fazendo de tudo um pouco, a fim de prestar serviços de atendimento clínico, de pessoas variadas, como também de aconselhamento a escolas. Ali, nós tínhamos uma sala de recrutamento e seleção, tínhamos um serviço de assessoria psicoeducacional, atendendo algumas escolas e seus alunos com dificuldades de aprendizagem, para fazer formação de professores, orientá-los, além de fazermos atendimento clínico, cada um em seu consultório. Era uma casa que alugamos, fazendo ali, esse trabalho. O CenPsi já não existe mais, perdurando até 1998, ano em que passei no concurso que prestei para a UEMS. Além disso, uma dessas colegas, Nídia, foi trabalhar em Cuiabá (MT), já outra colega, Elivane, passou em um concurso da Prefeitura Municipal de Campo Grande. Com isso, tivemos de desfazer a clínica, porém, continuei atendendo por mais dois anos lá. Por consequência da correria de estar atuando na Universidade e ainda atender clinicamente, o cansaço e dificuldade em me dedicar aos dois, me fez ficar apenas na Universidade.

Nós planejamos essa ideia da clínica, ainda em nosso terceiro ano de graduação. Pensamos inclusive em uma logo, cada uma cuidando de uma área em particular. Eu e Maria Aparecida tratamos mais das agendas ligadas à educação, fazendo capacitação de clientes, regularizando na prefeitura. Além desses trabalhos, as escolas poderiam nos chamar para realizar palestras, interagir com os alunos ou pais, dependendo da demanda da escola. Começamos a fazer vários convênios. Eu tinha convênio com o Banco Bamerindus, Banco do Brasil, Caixa de Assistência dos Servidores de Mato Grosso do Sul (CASSEMS) – na época possuindo outro nome –, além de levarmos cartões nas escolas oferecendo esses serviços, tínhamos uma lista bem vasta de contatos.

Minha mudança de ambientes, como antes professora em escolas para agora professora universitária, veio de forma muito rápida. Antes com uma

**36** Elivane Aparecida de Oliveira Sandim atua como psicóloga na Secretaria Municipal de Saúde de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

**37** Nidia Fátima Ferreira é psicóloga, mestra em Gestão do trabalho e Educação na Saúde, e trabalha em um Centro de Atenção Psicossocial em Cuiabá, Mato Grosso.

**38** Não foram encontradas informações sobre Aparecida Maria de Carvalho

clínica e trabalhando como coordenadora pedagógica, fiz o processo de seleção para fazer o Mestrado em 1996 e, entrando nesse processo do Mestrado, comecei a me interessar pela docência na educação superior. Achei interessante, comecei a gostar, vi que o professor na educação superior tinha uma carreira interessante e eu já gostava muito da pesquisa a essa altura, vi que estava em aberto o primeiro concurso da UEMS e fiz por fazer. Já era concursada, mas quis fazer pela experiência, no fim, fui aprovada. Por não ter UEMS em Campo Grande, assumi o concurso, fui trabalhar em Jardim, indo três dias na semana e aqui na clínica dois dias, algo que estava me cobrando muito, além de estar terminando o Mestrado ainda, faltavam seis meses, mesmo assim, já assumi o concurso e me exonerei do outro. Depois, eu defendi minha dissertação.

Atuando nesse novo capítulo, dava aula em curso de licenciatura, nas disciplinas de Psicologia da Educação, educação especial e legislação educacional. Além disso, dei aula de Didática, matéria que ensina os próprios professores a darem aula, trabalhando com as técnicas de ensino, além de lecionar uma disciplina de educação especial das licenciaturas. Até atualmente, trabalho como professora na UEMS. Como professora universitária, passei a contribuir diretamente para a formação de novos psicólogos e me envolvi ativamente em trazer a Psicologia para fora dos consultórios tradicionais, trabalhando com uma perspectiva de clínica ampliada e comunitária, integrada à realidade sociocultural e acessível a populações menos favorecidas. No período de 2001 a 2008, fui professora do Curso de Psicologia da Uniderp também, foi uma experiência interessante, entre os módulos que eu ministrava, havia um específico sobre psicologia escolar, além da supervisão de estágio na área da educação.

A docência daquela época para agora, mudou bastante, o próprio universo todo da universidade mudou bastante. Hoje estamos mais ligados a questões de desenvolver realmente a tríade pesquisa, ensino e extensão, temos muito mais oportunidades de bolsas de permanência para estudantes, bolsas de pesquisas, de extensão, então hoje acho que a vida acadêmica está muito mais viva do que antes. Na época, percebia limitações financeiras de bolsas, além da falta de articulação entre ensino, pesquisa e extensão. O estudante de graduação vivia mais a atividade de ensino do que das outras, algo desregular para a formação. Por exemplo, em meu atual cargo na UEMS, tenho alunos de iniciação científica, alunos de orientação de Programa Institucional de bolsas de Extensão Universitária (PIBEX)<sup>39</sup>, além de ter orientação de mestrado e Doutorado.

---

**39** Programa Institucional de bolsas de Extensão Universitária (PIBEX) é um programa que visa fomentar a interação entre estudantes e a sociedade, por meio de atividades que contribuam para a formação acadêmica, profissional e cidadã dos alunos.

## CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 14ª REGIÃO – MATO GROSSO DO SUL

Ao me aproximar da professora Marina Vinha, fui incentivada a participar das atividades do CRP nos anos de 1994 e 1995 (e.g. reuniões). Essa experiência me levou a reconhecer a necessidade de me inteirar, participando do grupo gestor em 1996. No ano de 1994, ainda estávamos vinculados ao CRP-06, pela quantidade insuficiente de profissionais em Psicologia para abrir um Conselho Regional em MS. Posteriormente, alcançando uma quantidade suficiente para a criação deste conselho, além do desmembramento do CRP-06. O mesmo acontecia em MT. Assim, começamos o processo de desmembramento dos dois estados. Me envolvi, com os demais colegas, liderados pela Professora Marina, na mediação entre os estados vizinhos de MT e MS, lidando com a logística e a complexidade política de formar uma chapa conjunta.

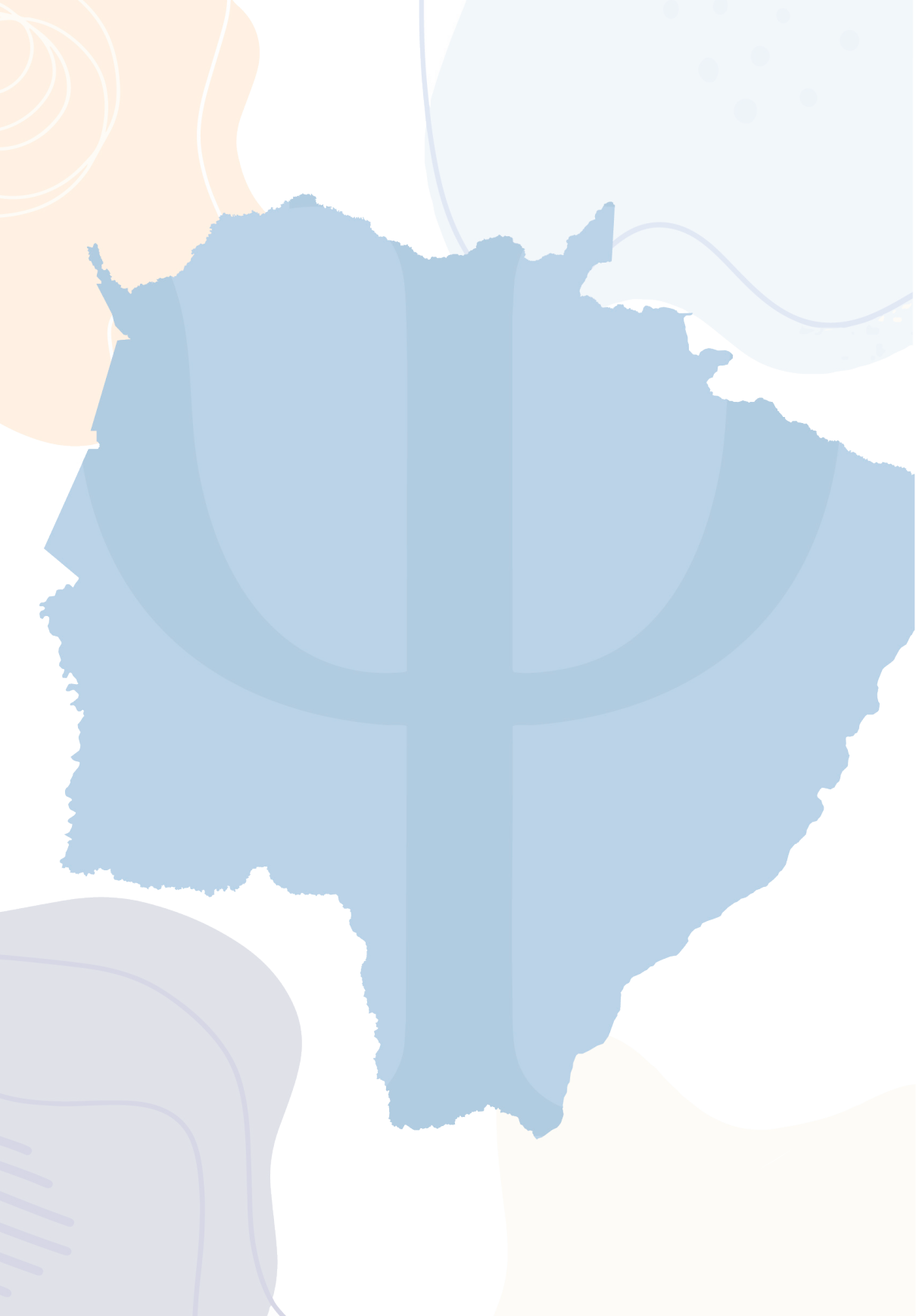
Relembrando das frequentes viagens que esse envolvimento com o CRP me proporcionou, minha primeira experiência dentro de um avião foi junto com a professora Marina, a caminho de um evento em Cuiabá, para trabalhar com esse desmembramento do CRP-06 e criar o CRP-14. Esse trabalho exigia deslocamento, nós tínhamos sessão também em Cuiabá, viajando frequentemente para lá, para realizar conferências regionais e participar das conferências nacionais também do Conselho Federal de Psicologia. Dos eventos do Conselho, nós discutíamos muito sobre as políticas da profissão, na área de educação, saúde, clínica, organizacional, entre outros temas. Isso foi muito importante, pois esse trabalho, da Psicologia no âmbito das políticas públicas, fortalecem a Psicologia como profissão. Me encantava, sempre gostei muito dessa parte das políticas públicas. Minha ocupação no Conselho foi na Comissão de Educação e fui Conselheira também, por uma época. Como eu estava no grupo gestor de transição do CRP-14, eu não pude participar da chapa, por fazer parte desse grupo que estava organizando a primeira eleição, em 1996. Após dois anos, fiz parte do segundo Plenário do Conselho como conselheira, e sempre trabalhando na educação dentro do Conselho. Nessa atuação, discutimos sobre as matérias, temas e pautas variadas, além de existir também as comissões, organizando eventos etc. Cada conselheiro organizava uma comissão, convidando colegas da área, estudantes, que podiam colaborar nesse desenrolar da comissão. Além disso, caso algum profissional da área da Educação tivesse alguma dúvida, nos procuravam. Discorremos sobre a regulamentação da profissão, cuidamos das carteirinhas, escrevemos um livro, sendo um dos únicos livros que o CRP 14 tem publicado sobre Psicologia da Educação e Escolar, e foi fruto de um seminário que a Comissão de Educação organizou. Além disso, sempre trabalhamos com a ideia de normatizar, por meio de lei, a criação de cargo de Psicólogo na Educação, uma luta existe há mais de 20 anos.

Assim, continuei trabalhando no Conselho, participando como colaboradora na Comissão de Educação. Na época em que finalizei meu Doutorado, cheguei a me afastar um pouco do Conselho, pela quantidade de afazeres. Dentro da Universidade, assumi vários cargos de gestão que também me ocupavam muito. Já para agora, em 2019, voltei a atuar e participar mais no Conselho, a pedido da própria organização, visando a reorganização da Comissão de Educação, além do trabalho da implantação da Lei 13.935/2019, sobre atuação de psicólogos no âmbito escolar. Assim, voltei para a Comissão de Educação para recuperar o trabalho. Coordenei a Comissão de Educação de 2019 a 2022, sendo uma articuladora das ações da Comissão, para juntar o grupo, organizar eventos, publicações. Em 2022, houve eleição para novo Plenário do CRP 14, e então elegemos outra Coordenadora para a Comissão de Educação, a Paola Nogueira Lopes.<sup>40</sup>

A Psicologia na Educação sempre foi negligenciada. É até um esforço que nós fazíamos, de lutar para que a Psicologia Educacional se fortalecesse, o trabalho era sempre esse. Essa área da não era reconhecida como uma área importante da Psicologia, ainda estamos nesse processo de construção de reconhecer esse espaço que a Educação tem, dentro da Psicologia. Ultimamente estamos militando bastante para a implementação da Lei n. 13.935/2019, que obriga a presença do Psicólogo e Assistente Social na escola. Ainda temos um longo caminho a percorrer. Nosso trabalho foi nesse sentido, de fortalecimento.

---

**40** Paola Nogueira Lopes é psicóloga educacional e escolar na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, com especialização em Psicologia Escolar, Educacional e Neuropsicologia. Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).



# IRMA MACÁRIO

Irma Macário  
Ana Beatriz Torres Mujica de Kamis

Nasci em 27 de dezembro de 1953, na cidade de Faxinal, interior do Paraná (PR), Brasil. Me mudei para o interior de São Paulo (SP) em busca de iniciar meu processo educacional. Formei em Psicologia no ano de 1978 pela Universidade do Sagrado Coração, atual UNISAGRADO<sup>41</sup>, localizada na cidade de Bauru, no interior do estado de SP. Em seguida, iniciei a minha especialização em Psicologia Clínica pela mesma instituição e a concluí no ano de 1980. Cinco anos após o término de sua especialização em Psicologia Clínica pela Universidade do Sagrado Coração, teve início minha especialização em Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em 1985. Logo após me mudar para Campo Grande (MS), ingressei no Magistério Superior em 1980, na Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), onde fiquei até 1992. Paralelamente, de 1993 a 1994, ministrei aulas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus Pantanal. Nos anos 2000, iniciei meu ingresso como docente na Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), onde permaneci até 2019. Participei também, de 2007 a 2012, do Centro de Educação a Distância da Universidade Anhanguera-UNIDERP.

Realizei diversas especializações ao longo de minha carreira, como Especialização em MBA em Gestão Empresarial, na Fundação Getúlio Vargas (FGV) em Campo Grande-MS no ano de 1999. Em 2002, iniciei meu mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, na UNIDERP, em Campo Grande-MS. Em 2005, teve início na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca minha Especialização em Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior de profissionais de Saúde e, em 2011, iniciei a Especialização em Metodologias e Gestão para a Educação a Distância, na Anhanguera-UNIDERP, cujo status está em andamento.

---

41 Unisagrado é uma instituição de ensino superior privada brasileira com sede em Bauru, São Paulo.

Em 2013, iniciei meu cargo como Gerente responsável pela Política Estadual de Humanização, na Secretaria de Estado de Saúde de MS, onde permaneci até 2019. Logo após, ainda entre 2019 e 2022, atuei como Tutora na Residência Multiprofissional no Hospital São Julião, Campo Grande-MS. Atualmente, trabalho em meu projeto com pessoas idosas na Fundação Manoel de Barros, que já realizava com os alunos da Psicologia da UNIDERP, e que em 2024 iniciei o trabalho de Memórias Afetivas.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A entrada no curso de graduação em Psicologia em 1974 foi via o curso de Ciências Sociais no Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON), após ter terminado o ensino médio em um colégio interno no interior do Paraná, razão de que na minha cidade de origem, Borrazópolis não possuía ensino superior, e o meu objetivo era cursar o ensino superior. Já no segundo semestre eu fiz a migração para o curso de graduação em Psicologia sem muito conhecimento da amplitude que a profissão oferecia, tanto por falta de conhecimento de que ciência era essa, como em razão de ser uma profissão nova, pois havia sido regulamentada em 1962 e ainda não tinha uma representação social significativa. Foi um desafio triplo, sobreviver em uma cidade que para mim era considerada grande e estava longe da família morando em pensionatos e repúblicas; estudar com os poucos recursos disponíveis e uma profissão que eu não conhecia; e viver um período de turbulência acadêmica já que vivíamos o período da ditadura militar e as representações acadêmicas viviam momentos de grande repressão. Foi com esse cenário que escolhi me tornar psicóloga e entrar na carreira acadêmica. O desafio que me apresentava à época era o significado de uma profissional formada em Psicologia e a representação social da profissão, já que ela era muito recente e não conhecida pela maioria da população.

O segundo desafio foi fazer a formação em Psicologia, em um curso que apresentava três habilitações: Bacharelado, Licenciatura e Formação de Psicólogo, e na instituição que eu estudava só habilitava a Licenciatura. A maioria dos alunos, ao concluir a Licenciatura resolveram se deslocar até Bauru (SP) para concluir a formação e receber o grau de Psicólogo na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFIL), atual UNISAGRADO, concluindo o curso em dezembro de 1978. Um dos aspectos que julgo mais importante foi durante a graduação fazer estágios extracurriculares, já que os obrigatórios eram somente no último ano, em uma instituição de abrigo de menores (Lar Anália Franco) o que me permitiu aprender muito com o atendimento de crianças e adolescentes, assim como apoio a gestão no trabalho com os funcionários da instituição. Durante a conclusão do quinto ano de formação

tive a oportunidade de fazer o Projeto Rondon,<sup>42</sup> passando um mês em Humaitá, estado do Amazonas (AM), desenvolvendo atividades em Psicologia Escolar junto aos alunos das escolas da cidade. Todas essas experiências me oportunizaram amadurecer pessoalmente marcando a minha formação e ganhando bagagem para a vida profissional.

Com o objetivo de complementar a minha formação profissional, em julho de 1979 iniciei o curso de Especialização em Psicologia Clínica na FA-FIL, visto que uma das áreas que mais me interessou durante a graduação foi a Psicologia Clínica para atuar em consultório particular. Porém, antes de terminar o curso, em 12 de março de 1980 vim para Campo Grande (MS) para trabalhar na FUCMT com o objetivo de montar a Clínica de Psicologia e estruturar os estágios curriculares obrigatórios a serem implantados no quinto ano do curso. Paralelo a essa atividade, iniciei o trabalho como docente nos cursos de Pedagogia, História e Geografia e retornei em julho a Bauru para concluir a Especialização.

Por conta de um convênio com a PUC-MG, iniciei outra Especialização em Psicologia em julho de 1984, oportunidade em que conheci o professor Dr. Wanderley Codo<sup>43</sup>, que me colocou em contato com o mundo da pesquisa e da Psicologia Social Crítica, uma abordagem construída pela professora Silvia Lane.<sup>44</sup> Após o término do curso em julho de 1986, pois o curso acontecia no período de janeiro e julho, os contatos com o professor Wanderley Codo se estreitaram e deu origem a participação dele em vários eventos de Psicologia que promovemos na FUCMT. Tais participações resultaram no Curso de Especialização Lato Sensu em Psicologia Social iniciado em julho de 1989 com duração de dezoito meses. Esse curso foi estruturado com Módulos Temáticos, em uma perspectiva de aprendizagem que integrava a teoria e a prática de cada aluno, tendo como orientadores os professores Silvia Lane, Wanderley Codo e Odair Sass.<sup>45</sup> Como resultado desse curso, muitos alunos hoje são professores e pesquisadores de Universidades renomadas no país.

Com o meu trabalho com os estágios em Psicologia, me interessei para área de Treinamento e Desenvolvimento Organizacional, realizando tra-

---

**42** O Projeto Rondon é uma ação interministerial de cunho político e estratégico do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Defesa, destinada a contribuir com o desenvolvimento da cidadania nos estudantes universitários, empregando soluções sustentáveis para a inclusão social e a redução de desigualdades regionais e visando ao fortalecimento da Soberania Nacional.

**43** Wanderley Codo é professor titular da Universidade de Brasília, Wanderley Codo é Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e conta com mais de 40 anos de dedicação profissional e acadêmica na área.

**44** Silvia Tatiana Maurer Lane (1993-2006) foi uma psicóloga brasileira, pioneira na Psicologia Social Crítica no Brasil. Sua obra destacou a importância dos contextos históricos e sociais na formação da subjetividade e no desenvolvimento das práticas psicológicas.

**45** Odair Sass é psicólogo, graduado pela UMC (1976), e em Estatística pela UNICAMP (1977), mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983) e doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992).

balhos para empresas. Visando melhorar os meus conhecimentos na área, iniciei em março de 1999 o curso de MBA em Gestão Empresarial pela Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV em parceria com a AgriCon Consultoria e Projetos, concluindo o curso em agosto de 2000. No momento da realização desse curso já havia deixado a instituição em que era docente e trabalhei com consultoria e com recursos humanos no Hospital do Coração de MS (Clínica Campo Grande e Procardio). Como em 2000 ingressei para trabalhar na UNIDERP, com o objetivo de implantar o curso de graduação em Psicologia baseado na metodologia ativas (particularmente, Problem-based Learning – PBL), em novembro de 2005 iniciei o curso de Especialização em Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior de Profissionais de Saúde, concluindo em agosto de 2006. Esse curso ampliou o meu conhecimento em PBL contribuindo para a multiplicação do conhecimento não só no curso como na instituição. Como parte das minhas funções na Universidade, atuei também na Educação à Distância (EaD) como coordenadora de curso e professora. Em outubro de 2011 iniciei o curso de Especialização em Metodologias e Gestão para a Educação a Distância, pelo Centro de Educação a Distância da Universidade Anhanguera UNIDERP, mas infelizmente em razão de outras atividades docentes ele ainda não foi concluído.

Iniciei o Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional em agosto de 2002 a partir do interesse em compreender as relações entre meio ambiente, saúde e as relações de trabalho, permitindo-me aprofundar os meus conhecimentos pautados pela ciência e rigor que a ciência e a academia. Durante o curso, tive a oportunidade de trocar muitos conhecimentos com os professores e colegas, contribuindo para a minha formação pessoal e profissional. Concluiu o Mestrado em 2004, com a dissertação: Quatro décadas de políticas governamentais para o desenvolvimento: o caso do reflorestamento de eucalipto em Ribas de Rio Pardo-MS, sob a orientação da professora Regina Sueiro de Figueiredo,<sup>46</sup> sendo aprovada em 20 de dezembro de 2004 pela banca examinadora constituída pelos professores Sônia da Cunha Urt<sup>47</sup> e Valdemir Antonio Laura (EMBRAPA/UNIDERP).<sup>48</sup> Nesta dissertação, buscamos a compreensão das quatro décadas, de 1970 a 2004, de

**46** Regina Sueiro de Figueiredo é docente da Universidade Anhanguera-UNIDERP, professora titular do Centro Universitário de Campo Grande-UNAES e funcionária da Faculdade Católica de Administração e Economia.

**47** Sônia da Cunha Urt é graduada em Psicologia, Pedagogia e Administração de Empresas. Pós-doutorado pela Unicamp e pela Universidad de Alcalá de Henares - Espanha e Universidade de Lisboa - Portugal. Doutora em Educação com ênfase em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (1992). Mestre em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989).

**48** Valdemir Antonio Laura é engenheiro agrônomo pela Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira-FEIS/UNESP (1990), mestre em Agronomia (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Federal de Lavras-UFLA (1993) e doutor em Agronomia (Horticultura) pela Faculdade de Ciências Agrônomicas-FCA/UNESP (2003). Professor e orientador em pós-graduação no mestrado em Biologia Vegetal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da UNIDERP.

políticas para o desenvolvimento de indústrias de Ribas do Rio Pardo, e que levaram a mudanças na paisagem e na configuração da atividade econômica da silvicultura, como fator gerador de emprego e renda, além da atividade agropastoril. O Mestrado, além de abrir horizontes com os conhecimentos teóricos e de pesquisa, ampliou a minha habilitação para trabalhar nos cursos de especialização em nível de pós-graduação e para a orientação dos trabalhos de conclusão de curso e monografias.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Quando iniciei a minha carreira como professora universitária, não havia a exigência de trabalho de conclusão de curso como parte da avaliação final da graduação, mas tínhamos os relatórios de estágios, especialmente na área Clínica que era o último estágio curricular obrigatório a ser realizado, permanecendo na FUCMT de 1980 a julho de 1992. Ao entrar na UFMS no campus de Corumbá, atuei nas séries iniciais e não orientei trabalhos de conclusão, mas quando iniciamos o curso de graduação em Psicologia da UNIDERP, em 2000, já havia esse requisito. Apesar de atuar no início do curso em módulos teóricos e supervisão nas escolas e creches, em razão da metodologia que utilizamos — PBL —, já no segundo ano implantamos a clínica de psicologia, e trabalhei coordenando esse serviço e supervisionando o módulo de habilidades específicas referentes à adolescência. Somente orientei três trabalhos da graduação em 2005, pois esses tinham temas correlacionados com a área de pesquisa que eu estava atuando, pois coordenava o Laboratório de Psicologia Social e do Trabalho, e os temas foram correlacionados a qualidade de vida e a relação com o trabalho.

Paralelamente ao meu trabalho como docente, atuei como psicóloga clínica nos anos de 1983 a 1992 e 1995 a 2000. Em 2001 trabalhei tanto na montagem da Clínica de Psicologia da UNIDERP quanto como coordenadora. Também atuei com Consultoria na área de treinamento de pessoal junto à Escola Fazendária Estadual de Mato Grosso no período de 1995 a 1996 e, em 1997 a 2004, atuei no Atendimento em Recursos Humanos: recrutamento e seleção, treinamento, avaliação de desempenho, desenvolvimento de pessoal e programa de qualidade. De 2013 a 2019, trabalhei como Gerente de Apoio a Transversalidade na Saúde sendo responsável pelo gerenciamento da Política Estadual de Humanização, trabalhando a implantação do Programa nas Macrorregiões do estado.

Deixei a coordenação da Clínica de Psicologia da UNIDERP em 2006 e fui trabalhar com os módulos do terceiro ano do curso (i.e., Psicologia da Adolescência, Psicologia Social e da Saúde e Psicologia da Educação) e com os módulos do primeiro ano (i.e., Introdução ao Estudo do Homem, Funções Biopsíquicas do Comportamento Humano e Métodos de Estudos em

Psicologia). Além disso, atuei no Programa de Integração Ensino Serviço e Comunidade (PIESC) da instituição. Trabalhei os módulos do terceiro ano e desde 2011 como tutora dos módulos de Neuropsicologia, Psicologia e suas Práticas Emergentes I e II e Psicologia e a Relação com o Meio Ambiente coordenando esses três últimos módulos e supervisionando e estágio em Psicologia Socioambiental I e II. Por fim, fui responsável pelo projeto do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), no qual obtivemos nota 4,0 na avaliação em 2012.

Ao entrar para trabalhar no curso de graduação em Psicologia no ano 2000, já no segundo semestre também atuei no curso de Administração e na pós-graduação no curso de Gestão Estratégica de Recursos Humanos, na disciplina de Qualidade de Vida no Trabalho. Em função dessa atuação orientei várias monografias relacionadas ao tema e a saúde do trabalhador. Essa atuação tem relação com minha história, pois havia feito entre 2006 e 2009, a coordenação regional da pesquisa nacional sobre a saúde mental do trabalhador em educação, cujo resultado foi o livro *Educação: Carinho e Trabalho* (Codo, 2002). O livro já se encontra na quarta edição pela Editora Saraiva, sob a organização de Wanderley Codo, que trata da síndrome de burnout como uma síndrome da desistência do educador que pode levar à falência da educação. Nesse trabalho, tínhamos como meta pesquisar dois mil trabalhadores em educação em cada estado, mas em MS chegamos a oito mil trabalhadores devido a parceria com a Federação dos Trabalhadores em Educação (FETEMS). Em Pernambuco, por exemplo, mantivemos a meta proposta. Eu fiz a coordenação regional nesses dois estados. As orientações das monografias foram as consequências dessas ações e do trabalho desenvolvido na docência na UNIDERP tanto na graduação como nos cursos de Pós-graduação que tive a oportunidade de trabalhar, orientei não só na UNIDERP, mas também no Centro Universitário de Campo Grande (UNAES) e na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ).

A minha atuação como gestora iniciou com a implantação e coordenação da Clínica de Psicologia da FUCMT no período de 1980 a julho de 1992 e, também, na implantação e coordenação Clínica de Psicologia da Universidade Anhanguera UNIDERP de 2001 a 2006. Ambas tinham como objetivo oferecer toda a infraestrutura física e pedagógica para as atividades práticas do curso de graduação em Psicologia. Em 2005, iniciamos os cursos sequenciais de formação específica em Gestão de Serviços de Saúde que em 2007 tornou-se EaD, encerrando o curso no presencial. Esse curso foi importante, pois ele deu a oportunidade para um número significativo de profissionais de saúde que exerciam funções gerenciais sem formação. Em razão do Catálogo do Ministério da Educação e Cultura (MEC), foi criado em 2010 o curso de Tecnologia em Gestão Hospitalar, e permaneci na coordenação desses cursos até julho de 2012. Neste último, ministrei as disciplinas: Comportamento Organizacional, Gestão de Pessoas, Humanização e

Atendimento Hospitalar, Comunicação e Atendimento ao Cliente e Gestão da Qualidade em Serviços Hospitalares.

Atuei também na Secretaria de Estado de Saúde (SES), na Coordenadoria Geral de Planejamento como Gerente de Apoio à Transversalidade na Saúde, gerenciando a Política Estadual de Humanização. Com essa função, fizemos em 2013 o mapeamento das ações da Humanização em cada uma das microrregiões do estado com o objetivo de fortalecer as ações da humanização e subsidiar o Contrato Organizativo de Saúde (COAP). Inclusive, vale lembrar que o Estado é pioneiro, subsidiando gestores e promovendo a regionalização da saúde. Em julho de 2014, iniciamos a formação dos apoiadores da política de humanização na macrorregião de Três Lagoas (MS) visando a otimização do apoio às ações de saúde na região. Ainda junto a esse trabalho na SES, iniciei em 2019 o trabalho como tutora na Residência Multiprofissional em Cuidados Continuados Integrados no Hospital São Julião. Este trabalho ocorreu em decorrência da implantação desse serviço no hospital com o objetivo de implantar esse serviço pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além do trabalho de tutoria, atuei como professora e orientadora dos trabalhos de conclusão do curso na área de Psicologia.

## CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 14<sup>a</sup> REGIÃO – MATO GROSSO DO SUL

Sempre estive envolvida em ações com a categoria profissional, e entrar na gestão do Conselho Regional de Psicologia (CRP) foi um trabalho de muitos desafios, mas também de muita aprendizagem. Cheguei em Campo Grande em março de 1980 e trabalhei na estruturação da Clínica de Psicologia e dos Estágios obrigatórios da FUCMT e os arquivos do Conselho Regional de Psicologia 6<sup>a</sup> região (CRP-06), do qual fazíamos parte. O responsável na época era o psicólogo Benedito Juberto Teixeira,<sup>49</sup> que atendia os profissionais quando havia alguma demanda. Com a formação das primeiras turmas da FUCMT foi criada a Delegacia Regional representando o Conselho, onde tive a oportunidade de ser representante como Delegada e, também, Conselheira, inclusive Federal, representando os estados de SP, Mato Grosso (MT) e MS. Com a minha participação nas Atividades do Conselho e no Sindicato, entrei na gestão do Conselho Regional de Psicologia 14<sup>a</sup> região (CRP-14), atuando em duas gestões, inicialmente como Vice-presidente e depois como Presidente. Os desafios foram grandes, mas trouxe muitas aprendizagens como gestora e como profissional nos contatos e participação nos muitos eventos tanto profissionais como públicos.

---

<sup>49</sup> Benedito Juberto Teixeira, psicólogo, foi professor do curso de psicologia da FUCMT, trabalhava na UFMS no Recursos Humanos, e era representante do Conselho Regional de Psicologia da 6<sup>a</sup> região, em São Paulo.

## REFERÊNCIAS

CODO, Wanderley (coord.). **Educação**: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome de desistência do educador, que pode levar à falência da educação, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, 3. ed.

# ANTÔNIO JOSÉ ANGELO MOTTI

Antônio José Angelo Motti  
Gabriel Pinheiro Barata de Macedo

Nasci no dia 07 de novembro de 1956, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS), e me mudei para Lucélia (São Paulo, SP) para estudar em um internato. Em 1971, me mudei para Araçatuba (SP) e após isso, voltei para Campo Grande, sempre estudando com os Salesianos. Do 3º ano do ensino fundamental, estudei por um tempo no Instituto Agrícola São Vicente chamado Lagoa da Cruz, voltei para o Colégio Dom Bosco e fui para as Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT) onde me formei. Iniciei o curso de graduação em Psicologia em 1975/1976 e em 1980 eu me formei. Em 1989 fiz minha especialização na FUCMT em Psicologia Social e no fim da carreira fiz mestrado porque já tinha produção para desenvolver um mestrado em 2017. Em fevereiro de 2020 eu terminei o mestrado, a pesquisa foi voltada às estruturas de controle social, com meus próprios relatos de minha experiência na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Não quis dar continuidade e desenvolver um doutorado, pois para mim o mestrado já era suficiente. Fui Pró-reitor da UFMS de gestão de pessoas em 2017, 2018 e 2019. Atualmente trabalho no Procon, com as questões referentes ao consumidor.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Estudei na FUCMT dos anos de 1976 a 1980. Fiz parte da segunda turma de Psicologia da instituição, em período integral – matutino e noturno. Nossa turma vivenciou o estabelecimento da grade curricular, apesar de uma base consolidada na Biologia – tendo disciplinas de Fisiologia, Histologia, Anatomia, Psicopatologia – também tivemos disciplinas de Filosofia, Teologia, Metodologia de Ensino, Práticas Pedagógicas entre outras. Além disso, também tivemos disciplinas de dinâmicas grupais, aconselhamento psicológico e orientação psicológica, Psicologia Geral, Teorias da Personalidade, Psicologia Industrial, Educacional e Clínica, Laboratórios de Histo-

logia, Anatomia e Psicologia Comportamental. Nossa formação foi densa e tivemos o privilégio de transitar em diferentes campos de atuação. Por ter feito meu segundo grau em Análises Clínicas, não tive dificuldades na adaptação às demandas relacionadas às disciplinas biológicas, foram a base dos dois primeiros anos. Um ponto relevante é que, à época, não existiam outras universidades/faculdades com oferta do curso de Psicologia na cidade.

No estado, havia apenas a UFMS de Corumbá<sup>50</sup> e que era só licenciatura, ou seja, após a graduação a pessoa poderia seguir carreira como professor de Psicologia e não como bacharel em Psicologia. Havia, ainda, os estágios obrigatórios, sendo uma das necessidades para a conclusão do curso de graduação em Psicologia. O estágio de Psicologia Escolar, ocorria em escolas públicas, privadas e outras instituições de ensino, de Psicologia Industrial que atualmente se chama Organizacional e do Trabalho e de Psicologia Clínica, compondo assim três áreas obrigatórias da formação. Fiz meu estágio de Escolar na Associação dos Pais e Amigos do Excepcional (APAE)<sup>51</sup>, em que o próprio termo atualmente já não é usado, pois o termo excepcional dizia tanto sobre a criança com deficiência quanto os superdotados. Nesse estágio eu me recusei a fazer os testes estadunidenses em crianças brasileiras com deficiência. Ademais, para mim não fazia sentido porque as crianças já haviam passado por avaliações psicológicas anteriormente, pois a primeira turma já havia feito ela, ou seja, já se tinha um diagnóstico, então não era necessário passar pelos mesmos testes psicométricos. Com isso fui conversar com minha orientadora Sonia Grubits<sup>52</sup>, professora da universidade que trabalhava também na APAE. Ofereci fazermos uma oficina Propus montarmos uma oficina pedagógica, ela ficou um pouco receosa, porque não era sua área, mas a realizamos com um suporte de um dentista Dr. Aldo. Ele disponibilizou todo o equipamento e material que foi um novo recurso pedagógico e caminho para as crianças. Sejam aquelas que tinham um desenvolvimento acima da média — e que muitas das vezes tinham uma “inquietação”, hoje em dia se chamaria Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) — sejam aquelas com deficiência e que já haviam cursado nas salas especiais nos anos anteriores. Dessa forma, usávamos sucata para fazer atividades, as apresentamos para eles e a partir das ideias que eles tinham começamos a construir e transformar a sucata. Usamos restos de madeira, tecido, chifre de boi, casco de boi, chifre de bode, e outros materiais que não fossem insalubres, por exemplo: lixar o cifre do boi para fazer a “guampa

---

**50** Corumbá é uma cidade localizada na região oeste de Mato Grosso do Sul, próxima à fronteira com a Bolívia.

**51** A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) é uma entidade civil, filantrópica, cultural, educacional e assistencial, voltada ao atendimento de pessoas com deficiência.

**52** Sonia Grubits, primeira psicóloga do estado uno de Mato Grosso e fundadora do primeiro curso graduação em Psicologia de Campo Grande, em 1975. Também criou o primeiro mestrado (1997) e doutorado (2012) na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

do tereré”.<sup>53</sup> Assim, pesquisamos as técnicas e métodos para a confecção desses materiais, buscando auxiliá-los a serem transformadores do meio em que eles estivessem. Por fim, vendíamos em feiras o que eles faziam, e eles ficaram com os recursos.

Já no estágio obrigatório de Psicologia Clínica, eu desenvolvi na Casa de Repouso ou Clínica de Repouso Campo Grande, atualmente a Clínica Carandá. No quarto semestre do curso já havia entrado na Casa que também funcionava como Hospital Psiquiátrico. Quando cheguei no fim do último ano da faculdade a professora Maria Teodorowic<sup>54</sup> me convidou para permanecer trabalhando lá, pois ela gostava do meu trabalho e da minha forma de trabalhar. Ficamos muito próximos, eu participava no grupo de estudos em Psicanálise. Ela era professora na FUCMT e na UFMS (na Medicina). Ela sempre me inseria em atividades que pudessem contribuir para a minha formação profissional às vezes financiando minha presença nos locais – pois eu fazia a faculdade com o crédito educativo –, por isso sempre remunerou meu estágio, apesar de não ser estágio remunerado. A Clínica muitas vezes pagava os custos de cursos que eu fazia em Psicanálise etc. Dessa forma, minha orientação de abordagem, nesse estágio, era psicanalítica. Porém não segui na formação psicanalítica, pelo alto custo financeiro, não tinha como custear a formação. Embora no estágio não pudesse fazer psicoterapia, fazia outras funções e técnicas, como: aconselhamento, orientação, acolhimento, dentre outras.

Em 1978, Maria Teodorowic me convidou a fazer um estágio no Rio de Janeiro (RJ), no Instituto Philippe Pinel. Ela estudou no RJ e fez a residência neste Instituto; ela tinha formação em Psiquiatria e em Psicanálise. No Instituto eu conheceria a Praxiterapia, que atualmente é chamada de Terapia Ocupacional. A Clínica me auxiliou financeiramente para cobrir despesas de passagem e estadia. Dra. Marila também participou na mediação da minha estada lá, conversando com o Dr. Paulo Edson<sup>55</sup>, diretor clínico no Instituto. Quando eu voltei para Campo Grande, estava cheio de ideias, pois aqui não havia terapeutas ocupacionais, no RJ eu aprendi diversos conhecimentos relacionados à própria rotina da Terapia Ocupacional, os métodos, o conteúdo, as finalidades das atividades e que no fim se aproxima muito da Psicologia. Existem as questões de acolhimento, aceitação, escuta e a partir disso pro-

---

**53** N.R. Guampa do tereré é o recipiente tradicional usado para tomar tereré – uma bebida típica do Paraguai, do Mato Grosso do Sul (no Brasil) e em partes da Argentina e Bolívia. Guampa (palavra de origem indígena) originalmente significa chifre – porque antigamente se usava mesmo o chifre de boi ou de outro animal para fazer o copo. Hoje, além do chifre, a guampa pode ser feita de metal, madeira, vidro ou cerâmica, mas o nome se manteve.

**54** Maria Teodorowic é médica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1964). Possui especialização em Metodologia do Ensino do Terceiro Grau pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1979), especialização em Saúde Mental Para Médicos pelo Fundação Oswaldo Cruz (1966) e especialização em Formação Psicanalítica pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (1976).

**55** Não foram encontradas informações sobre Paulo Edson.

por atividades que possam auxiliar no desenvolvimento do tratamento do paciente. Desenvolvimento de sua autoestima ou no mínimo demonstrar alternativas diferentes das que ela já tem, de forma imersiva. Não fiz um curso ou algo semelhante, eu fiz uma vivência profissional, em que eu aprendia sobre o fazer na prática de Praxiterapia.

Quando do meu retorno, Maria Teodorowic me recomendou fazer um programa de estágio para ensinar os alunos de Psicologia as práticas em Praxiterapia. Fui à FUCMT falar sobre esse programa que eu estava desenvolvendo. Muitos alunos se interessaram e dessa forma e comecei a coordenar e selecionar os estudantes de psicologia para estagiar no Hospital no período vespertino, já que as aulas ocorriam nos períodos matutino e noturno. Tínhamos em média de 14 a 16 estagiários, muitos dos alunos permaneceram por muito tempo. Esses estagiários, por estarem no curso de graduação em Psicologia, estavam aprendendo sobre essa escuta profissional diferenciada, o que auxiliou no desenvolvimento das práticas. Digo isso porque o enfermeiro, o médico e outros atores na área da saúde não são capacitados para essa escuta. Além disso, o estagiário poderia ficar a tarde inteira no local, o que auxiliava essa escuta. Portanto, muitos dos pacientes do Hospital iam apenas para falar e serem escutados, o que ajudava nesse processo de saúde.

No decorrer da minha formação, Maria Teodorowic e Sonia Grubits decidiram trazer a experiência do Psicodrama<sup>56</sup>, sendo feito isso entre 1979/1980. Elas fizeram um grupo de formação com profissionais e um grupo de terapia somente com alunos de Psicologia. Um ponto interessante é que no caso da terapia, ela era feita de forma muito pedagógica, pois elas ensinavam para a gente as técnicas, métodos e intervenção em Psicodrama. Era uma forma de terapia-formação, análoga a pesquisa-ação. Um dos exemplos de técnicas que aprendemos foi a inversão de papel, no qual a pessoa (paciente) faz a interpretação da pessoa com a qual o paciente está em conflito. Essa técnica que é dramatizada é muito interessante, em grupo é relativamente mais fácil, pois é necessário apenas o convite de outra pessoa para fazer o papel do paciente e o paciente em si faz o papel da pessoa em que tem um problema. Se não houver uma outra pessoa é necessário o ego auxiliar, que no caso é um outro terapeuta, e que ele assume o papel do paciente, isso é feito sob o comando de outro terapeuta, muitas das vezes mais experiente. Nesse sentido, a teoria do Psicodrama propicia esses insights ocorrerem mais brevemente, pois na Psicanálise esses insights demoram às vezes seis, sete sessões para apenas um *insight*, muito por conta da forma da terapia, com um terapeuta mais passivo. Por fim eu parei essa minha formação em psicodrama em 1990.

---

<sup>56</sup> Psicodrama é uma abordagem psicoterapêutica criada por Jacob Levy Moreno na década de 1920, que utiliza dramatização para explorar e tratar questões emocionais, permitindo que os indivíduos revivam situações e expressem sentimentos por meio da encenação de papéis.

Eu permaneci em toda minha formação clínica ali, na Clínica de Repouso. Entretanto, a atenção em Psiquiatria foi se modificando, abrindo novos serviços, um dos pontos principais foi a chegada do Luís Salvador de Miranda Sá Júnior<sup>57</sup>, abrindo a ala de Psiquiatria da Santa Casa em Campo Grande, onde ele foi o chefe de serviço na ala psiquiátrica, a partir de 1968. Por exemplo, um fato que permaneceu na minha memória relacionado à Psiquiatria foi sobre a utilização do eletrochoque, algo que era utilizado à época. Eu tinha uma grande indignação na utilização desse instrumento, assim sempre tentei ao máximo utilizar de outras técnicas terapêuticas para o paciente não ir para o eletrochoque. Quando eles iam para o eletrochoque no fim de semana, por exemplo, ficávamos muito frustrados, pois parecia que todo nosso trabalho não tinha efeito e que talvez o paciente estivesse dependente da nossa presença. Ou seja, quando saíamos, ele voltava aos seus antigos comportamentos. E sempre que eles iam eu levava os alunos para mostrar a importância do que estávamos fazendo e motivá-los a desenvolver as técnicas para não ser necessário a utilização daquele método nos pacientes, e o qual agressivo e intrusivo aquelas técnicas, e que não fosse aplicada aquelas medidas terapêuticas. Assim, Salvador ampliou as alternativas na Saúde Mental, sendo que as duas que existiam eram aquela casa de repouso e o Sanatório Mato Grosso. Quem não podia pagar e não tinha convênio, tinha acesso apenas ao Sanatório, assim ele tinha uma orientação orgânica da psiquiatria tradicional, chamando os acadêmicos da residência da Psiquiatria da UFMS. Com a abertura das alas de internação masculina e feminina na Santa Casa abriu-se um novo campo de estágio extracurricular e obrigatório para os acadêmicos de medicina e de psicologia. Desse trabalho participaram alguns professores da FUCMT e da UFMS, entre eles o Dr. Juberty Antônio de Souza<sup>58</sup>.

Eu tinha uma proximidade de vários psiquiatras, como a Maria Teodorowic, o Juberty Antônio de Souza, Luís Salvador de Miranda Sá Júnior e a Maria Lucia Otto Giordano<sup>59</sup>. Todo movimento que eles faziam eu participava, existiam muitos congressos na área deles em que vinham pessoas da América Latina inteira. Em um desses congressos, no período de 1985/1986, Salvador me convidou para desenvolver três temas; um deles era Saúde Mental da pessoa idosa – eu nunca tinha estudado sobre o assunto, então fui para a biblioteca que o Dr. Salvador tinha em casa e fui estudar para ministrar a

---

**57** Luís Salvador de Miranda Sá Júnior (1938-2022) foi um renomado médico psiquiatra brasileiro, com atuação destacada em Mato Grosso do Sul - fundador do serviço de Psiquiatria da Santa Casa de Misericórdia de Campo Grande - MS.

**58** Juberty Antônio de Souza é um médico, psiquiatra de destaque em Mato Grosso do Sul, professor-assistente aposentado da UFMS, e atual presidente da Academia de Medicina do estado. Ele também atua como conselheiro no Conselho Regional de Medicina e no Conselho de Políticas Públicas sobre Drogas.

**59** Maria Lucia Otto Giordano, é médica, psiquiatra, formada em medicina pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

oficina. Assim, eu aprendi muito com eles! Estudei muito, porque eles tinham uma forma de ensino muito autônoma, eles pediam para a pessoa fazer algo e ela tinha que fazer sozinha, porque eles acreditavam que você tinha a capacidade. Por conta disso, me desenvolvi muito, dando palestras sobre temas diversos e que muitas das vezes eu não tinha contato, conversando com pessoas muito experientes.

Foi um período de muito aprendizado, e nos levava a querer saber mais, um exemplo é que após esse congresso eu fui motivado pelos colegas a organizar o primeiro grupo de rorschach<sup>60</sup> no estado com o pessoal de São Paulo, eles tinham desenvolvido uma técnica de análise usando um *software*, a Sociedade Brasileira de Rorschach,<sup>61</sup> organizamos assim uma turma de 15 alunos, em 1985/86. As aulas ocorriam uma vez por mês, nas dependências da Santa Casa, normalmente sexta à noite, sábado o dia todo e domingo pela manhã, após dois anos, passei a coordenação para um dos colegas. Já atuando no serviço público federal, fiz um curso de pós-graduação, uma especialização em específico, em psicologia social, oferecida pela FUCMT em 1988/89, ministrada por professores da PUC de São Paulo.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Fiquei na Casa de Repouso por volta de um a dois anos, após formado. Em 1981, atuei ali já formado e utilizava as técnicas do Psicodrama também. Nesse mesmo ano, 1981, fui renovar minha CNH e em um determinado momento, encontrei com o diretor de trânsito do Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN) que me ofereceu a possibilidade de fazer avaliação psicotécnica na cidade de Costa Rica (MS), município recém-criado e em outras sete cidades que não dispunham de profissional Psicólogo. Ele já tinha conhecimento prévio sobre mim, devido ao estágio realizado no DETRAN e na Circunscrição Regional de Trânsito (CERITRAN), onde os serviços psicotécnicos eram necessários. Me tornei psicólogo de trânsito itinerante atuando em várias cidades no contexto do trânsito, como: Jaraguari, Bandeirantes, São Gabriel — cidade nova que havia sido criada a pouco tempo —, Camapuã e Costa Rica. Depois surgiu um outro trecho, que teve a intervenção do DETRAN mais ao extremo sul, que eram: Eldorado, Mundo Novo e Iguatemi.

---

**60** N.R. No método Rorschach, as pranchas são divididas em grupos baseados em algumas características, para ajudar na análise das respostas da pessoa. Cada grupo pode focar em aspectos diferentes da personalidade, como percepção emocional, impulsividade, controle etc. Resumindo: é parte do teste que revela como a pessoa começa a se posicionar diante da tarefa de interpretar figuras ambíguas.

**61** A Sociedade Brasileira de Rorschach é uma organização dedicada ao estudo, pesquisa e aplicação do teste de Rorschach, uma técnica projetiva usada em avaliações psicológicas. Foi fundada para promover a formação de profissionais e o desenvolvimento de estudos científicos nessa área, a sociedade oferece cursos, eventos e publicações que visam aprimorar o uso da técnica no Brasil.

Enquanto trabalhava na Casa de Repouso, também trabalhava no DE-TRAN, onde eu desempenhava a função de psicólogo avaliando a condição dos indivíduos para o trânsito. Usava assim muito o Psicodiagnóstico Miocinético (PMK), que é um teste psicométrico de medição de aspectos da personalidade, usávamos também o INV voltado para medir a inteligência. Naquela época eu trabalhava de domingo a domingo. Eu trabalhava na Clínica de segunda a sexta e no fim de semana eu ia às cidades para fazer o psicotécnico. Fazia o exame nas cidades do interior, fiquei dois anos nessa dinâmica, viajando no fim de semana e trabalhando na Clínica durante a semana. Porém, em maio de 1983 fui convidado a ingressar numa Fundação do Governo Federal, ingressando no serviço público federal.

Existia em Campo Grande o Centro Integrado de Desenvolvimento ao Menor (CIDEM) sob a responsabilidade da Seleta Sociedade Caritativa Humanitária, no bairro São Francisco. Nesse Centro eram desenvolvidas oficinas voltadas para jovens e crianças que estavam em situação de vulnerabilidade social ou que sofreram algum tipo de abuso ou porque eram pobres. Um fato relevante é que naquela época não existia conselho tutelar, era o juiz e as Organizações Não-governamentais (ONGs) que encaminhavam para este Centro. Walfrido um querido colega da primeira turma de Psicologia soube que estavam precisando de um diretor técnico para o CIDEM e, então, foi conversar com o Juberty Antônio de Souza. Assim, eles me indicaram. O governo me contratou como professor e fui cedido ao governo federal para trabalhar na Fundação Nacional do Bem-estar do Menor (FUNABEM).<sup>62</sup> Em 1985 fui contratado como servidor pela própria fundação. Depois, tornei-me estatutário com o advento do estatuto do servidor. A FUNABEM, com sede no Rio de Janeiro, tinha um escritório aqui, como em outros estados brasileiros. A chefe do escritório era a Professora Sylvia Cesco<sup>63</sup> com quem fomos estruturando a instituição, sendo que inicialmente éramos somente três profissionais.

Um fato interessante é que naquele momento, mesmo sem saber, eu passei a utilizar uma Psicologia Social. Eu não havia estudado sobre Psicologia Social e fui me encontrando nessa trajetória. Nesse sentido, eu trabalhei com o movimento nacional criança constituinte formado por pessoas que queriam a revogação do código de menores, que era um código totalmente autoritário. Aqui no estado esse movimento foi organizado pela delegacia

---

**62** A Fundação Nacional do Bem-estar do Menor (FUNABEM), criada em 1964, era responsável por políticas de assistência à infância e juventude vulnerável no Brasil, atuando na reabilitação e proteção de menores. Em 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a FUNABEM foi substituída por novos órgãos que adotaram uma abordagem centrada nos direitos das crianças e adolescentes.

**63** Sylvia Cesco é uma educadora com formação em Letras e Pedagogia pela FUCMT e especialização em Língua Portuguesa pela Universidade de Taubaté. Ela teve papel relevante na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), propondo políticas de acolhimento em casas-lares. Além disso, contribuiu para a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente e na criação de Conselhos Tutelares em Mato Grosso do Sul.

do MEC e pela OMEP, sob a liderança da Professora Marisa Serrano. Após a consagração da Constituição Federal em 1988 que trouxe no Art. 227 a Doutrina da Proteção Integral da Criança e do Adolescente, surgiu um outro movimento para a elaboração da lei de proteção com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>64</sup> e aproveitei meu trabalho de conclusão do curso de especialização – cuja temática era sobre o menor infrator. Nesse estudo, argumentava que deveríamos trabalhar com a história do indivíduo e não com o fato em si, pois eu entendia que se não levássemos em conta a história dele não teríamos sucesso nenhum em qualquer intervenção. A partir dali comecei a participar do movimento que construiu o ECA a nível nacional. Irene Rizzini<sup>65</sup> começou a procurar pesquisadores que estudassem sobre a trajetória da criança no sistema público brasileiro, nas Fundações Estaduais do Bem-estar do Menor (FEBEMs).<sup>66</sup> Portanto, ela já estudava sobre o tema e quando começou o movimento que ela encabeçou, os convidou para participar. Criamos o primeiro grupo que começou a atuar, com a ciência acima de tudo, sobre a questão da criminalidade e dos menores. Essa rede tinha pessoas do RJ, SP, Rio Grande do Sul (RS), Paraná (PR) e Minas Gerais (MG), sendo que eu fui o único chamado aqui do MS. Ajudei assim a debater os artigos do ECA até a sua aprovação em 1990 enquanto estava trabalhando no órgão que lida com essas questões aqui em Campo Grande, na FUNABEM.

Algo interessante é que em nosso estado não havia a FEBEM porque quando separado do MT não foi criada a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de Mato Grosso (FEBEMAT), assim, ficou com sede apenas naquele estado ela foi criada, o MS já tinha sido criado – ou seja separado do MT. Em 1988, teve um deputado que tentou fazer um projeto de lei para criar uma FEBEM aqui no MS. Como sabíamos que os projetos da FUNABEM, que deu origem às FEBEM'S, eram um modelo fracassado, o convencemos a retirar o projeto. Percebemos que devido à falta de desenvolvimento de reflexão sobre as questões que permeiam a infância e a adolescência em um aspecto social, era necessário pensar e repensar o que deveria ser feito sobre essas pessoas e a criminalidade. Por exemplo, a pessoa olha a criança na rua e a coloca em um local (i.e., FEBEM, FUNABEM). Porém, precisa pensar no porquê

---

**64** O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei n. 8.069 em 1990, é o principal marco legal brasileiro voltado à proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes.

**65** Irene Rizzini é socióloga, com doutorado pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), formação em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula e mestrado em Serviço Social pela Universidade de Chicago. Professora no Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e diretora do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI), onde desenvolve pesquisas com impacto internacional sobre a infância e políticas públicas.

**66** A FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor) foi criada nos anos 1970 para atender menores vulneráveis e em conflito com a lei no Brasil. A instituição enfrentou críticas por problemas como maus-tratos e superlotação. Após o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), foi reformulada e substituída por unidades menores, como as Fundações CASA.

a criança está na rua, como a criança foi parar na rua, quais as questões que a fizeram estar naquela situação etc. Não existia pensamento crítico, de como a cultura, a sociedade, a história pessoal afetava aquela criança! Comecei a estudar esse campo buscando literatura, principalmente dos relatos relacionados às grandes cidades, pois SP e RJ já produziam literatura sobre essas questões, algo que hoje é chamado de Socioeducação, medidas socioeducativas.

Com o advento do Estatuto da Criança e do adolescente em julho de 1990, a FUNABEM passou a ser o Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA). Um produto da Constituição de 1988 e do próprio ECA. Em 1992, assumi o cargo chefe da Superintendência Estadual. Nosso objetivo maior naquele momento era implantar as estruturas previstas no ECA aqui no estado, os conselhos tutelares, os conselhos da criança, os fundos da criança, as delegacias, defensorias etc. Assim, como começamos a financiar com recurso federal as pesquisas no campo dos direitos da Criança. Fruto desse trabalho em uma parceria com a UFMS, implantamos em 1994 o Centro de Referência de Estudos da Infância e do Adolescente (CREIA), pois eu entendia que eram necessários estudos e pesquisas na Psicologia, Pedagogia, Sociologia etc. O CREIA foi criado em Corumbá.

Em 1995, o CBIA foi extinto por decisão do Fernando Henrique Cardoso e, com isso, tivemos que administrar os espólios e fazer as prestações de conta dos recursos passados às organizações sociais e às prefeituras. Então, em 1996, fui redistribuído para a UFMS lá fui designado para trabalhar como técnico em Assuntos Educacionais. Um professor da Psicologia, David Victor-Emmanuel Tauro<sup>67</sup> viu minha inércia naquela função que exercia e me propôs para fazer algo sobre o que eu melhor sabia fazer. Indicando que elaborasse um projeto de extensão e colocasse o nome dele (na época somente professores podiam coordenar projetos dessa natureza) Elaborei um projeto denominado Núcleo de Estudos de Formação e Informação para a Infância e o Adolescente, que foi aprovado em 1997. Nesse núcleo existiam três pilares, sendo eles: a escola de conselhos, um centro de documentação e um banco de dados. A partir disso nós conseguimos um financiamento do governo federal. Em 1988, quando o Núcleo foi implantado, eu fora cedido para o governo do estado para ser superintendente da Cidadania de Secretaria de Justiça e dirigir os trabalhos com os conselhos de direitos humanos, dos negros, dos indígenas, da mulher e de coordenar as ações das casas de guarda do adolescente responsável pela internação e execução de medidas socioeducativas Embora estivesse fora da UFMS o Núcleo continuou, e quem

---

**67** David Victor-Emmanuel Tauro (1951-2024) foi professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) por 32 anos, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do qual foi um dos primeiros membros. Especialista em filosofia e sociologia, suas pesquisas ajudaram a fortalecer a base acadêmica do programa e a promover estudos em filosofia política.

coordenou o primeiro projeto foi a Agência de apoio aos municípios da UFMS sob a titularidade da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Terezinha Bazé, que convidou a Psicóloga Carla Pinheiro França<sup>68</sup> para fazer a coordenação técnica. Juntos iniciamos as ações de formação de conselheiros tutelares.

Fui conselheiro suplente do Conselho Federal de Psicologia (CFP) durante o IX Plenário, que se manteve ativo entre 1995 e 1996. Nesse período, atuei como colaborador e coordenador de um projeto para erradicar o trabalho infantil, em parceria com o governo federal, até 1998. Esse projeto culminou na criação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI),<sup>69</sup> e as soluções implementadas em nosso estado serviram de base para um programa nacional chamado Programa de Atenção Integral (PAI).<sup>70</sup> Além disso, em 1998, o governador me convidou para acumular mais uma função, e passei a ser superintendente do PROCON<sup>71</sup> Estadual. Nesse cargo, sou responsável por coordenar todas as ações na área de defesa do consumidor, planejando, organizando e executando iniciativas relacionadas à cidadania até o fim do governo.

Posteriormente, participei de um seminário sobre a violência sexual contra crianças, no qual aplicamos o modelo desenvolvido para o combate ao trabalho infantil às questões de violência sexual. O governador solicitou que eu coordenasse ambos os programas, de erradicação do trabalho infantil e de combate à violência sexual, de forma voluntária. Criamos o primeiro plano de erradicação do trabalho infantil e o primeiro plano de combate à violência sexual contra crianças e adolescentes, que se tornaram modelos nacionais, sendo implementados em nível nacional em 2000. Em 1999, desenvolvemos um segundo projeto e quando os recursos foram liberados em 2000, o governo de Fernando Henrique Cardoso<sup>72</sup> me convocou para coordenar o Programa Nacional de Combate ao Abuso de Crianças e Adolescentes. Fui para Brasília com a missão de implantar uma matriz nacional para esse combate, atuando no Ministério da Previdência e Assistência, dentro da Secretaria de Estado de Assistência Social.

---

**68** Carla Pinheiro França (falecida em 2024) foi uma psicóloga e ativista dos direitos humanos com quase 20 anos de atuação no Ministério Público da Bahia. Ela se destacou na defesa de causas como a luta antimanicomial e a proteção de crianças e adolescentes, além de integrar a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (2017-2019). Presidiu o CRP14/MS entre os anos 1998 e 2001.

**69** O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), criado em 1996, visa combater o trabalho infantil no Brasil, oferecendo apoio financeiro às famílias e incentivando a escolarização das crianças. O programa também promove ações de conscientização e fiscalização para garantir os direitos das crianças conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

**70** O Programa de Atenção Integral (PAI) é uma iniciativa de governos municipais no Brasil para promover a saúde e o bem-estar dos idosos, oferecendo serviços de assistência médica, suporte social e atividades de convivência.

**71** O PROCON é um órgão de defesa do consumidor no Brasil, responsável por fiscalizar e mediar conflitos entre consumidores e empresas, garantindo o cumprimento dos direitos do consumidor.

**72** Fernando Henrique Cardoso é professor, sociólogo, cientista político, escritor e político brasileiro. Foi o 34º presidente da República Federativa do Brasil, entre 1995 e 2003.

Iniciei o desenvolvimento de uma oficina nacional para compartilhar as melhores experiências relacionadas à violência e ao abuso infantil, resultando em um modelo que, em dezembro de 2000, estava pronto para ser implementado em todo o país: o Centro de Referência de Atendimento Especializado para Crianças e Adolescentes. Essa iniciativa introduziu a presença de psicólogos nas políticas de Assistência Social, um campo até então exclusivo dos assistentes sociais. A inclusão do psicólogo foi essencial para o acolhimento, compreensão dos danos da violência e acompanhamento das vítimas. Além disso, nomeamos esse programa de “Programa Sentinela”, que previa um espaço comunitário especializado no atendimento a crianças e adolescentes. Inspiramo-nos nos Centros de Referência de Atendimento ao Menor (CRAMIS), comuns em algumas cidades de São Paulo e nas práticas de territorialidade desenvolvidas nas Ciências da Saúde. Com isso, promovemos uma mudança significativa na abordagem do atendimento, que passou de um modelo assistencial tradicional, feito pelo assistente social no balcão, para um centro de estudos e pesquisa, entendendo profundamente as problemáticas que afetam a vida do indivíduo. Isso deu origem aos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) e aos CRAS. Estes programas foram desenvolvidos ao longo de dois anos, até a metade do governo de Fernando Henrique Cardoso. Quando deixei o programa, ele estava presente em 315 cidades do país, abrangendo todas as 27 unidades federativas. A primeira fase incluiu 32 a 33 cidades, sendo três delas no MS: Campo Grande, Três Lagoas e Corumbá. Já no governo do Presidente Lula em 2004, com base nos Centros do Programa Sentinela foram criados Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) e aos CRAS.

Os CREAS surgiram do Centro de Atendimento Especializado para Crianças e Adolescentes, expandindo sua atuação para todas as vítimas de violência em situação de vulnerabilidade. Essa estrutura foi consolidada durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2000. Embora eu não tenha continuado nesses trabalhos, pois havia muitos profissionais capacitados para assumir essas funções, os CREAS e CRAS foram organizados durante o governo Lula, em 2003 e 2004.

Ainda como Gerente Nacional do Programa Sentinela, em função da complexidade em que se revela o fenômeno da violência sexual contra crianças, mobilizei seis Ministérios para a integração de ações na proteção das crianças vítimas de violência sexual, em especial aqueles pertinentes aos serviços de saúde, educação, esporte, cultura, turismo e segurança. Para isso obtivemos o apoio de organizações internacionais como OIT, UNICEF e USAID, com quem conseguimos financiamento para o desenvolvimento de uma experiência piloto de integração de políticas públicas, denominado Programa de Ações Integradas e Referências – PAIR desenvolvido a partir de 2004 em 6 cidades do Brasil. O sucesso do PAIR, fez com que o governo ampliasse em 2005 para 11 Estados, chegando em 2008 a 500 cidades

no país e dando origem a um programa específico de integração de 15 cidades gêmeas que estão nas divisas entre o Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai, denominado Rede Regional de Proteção às Crianças e Adolescentes executado até 2013 sob a nossa coordenação técnica. Nesses trabalhos tive grandes contribuições de Profissionais da Psicologia e de outras áreas de MS e de outros estados, pela UFMS: Maria Lourdes Contini<sup>73</sup>, Sandra Maria Francisco de Amorim<sup>74</sup>, Edson Silva<sup>75</sup>, Eduardo Ramires Meza<sup>76</sup>; pela PUC de Goiás, Joselene dos Santos<sup>77</sup> e Maria Luiza Moura<sup>78</sup>; pela USP Jose Leon

---

**73** Possui Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1980), Mestrado em Educação/Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1989) e Doutorado em Educação/Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e participa como pesquisadora do Programa Escola de Conselhos da PREAE/UFMS.

**74** Graduada em Psicologia pela PUC -RJ. Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica pelo ISPA, Lisboa-Portugal. Título revalidado pela Universidade de Brasília (UNB). Doutoranda pelo ISPA/IU, Lisboa-Portugal. Professora Adjunta do curso de Psicologia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Trabalha principalmente com os temas: direitos humanos; políticas públicas; saúde mental; infância, adolescência e violência.

**75** Doutor em Comunicación y Periodismo pela Universidad Autónoma de Barcelona - Espanha. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduado em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina-PR. Atualmente é professor adjunto - Centro de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atuando principalmente nos seguintes temas: Construção social da realidade, Direitos Humanos e Cidadania, Jornalismo e Ética. Trabalha com Análise do Discurso (análise do discurso e semiótica) e Jornalismo como estratégia. Articula Ensino, Pesquisa e Extensão através do estudo da Entrevista/ Reportagem/Livro Reportagem.

**76** Servidor público da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Entre 1999 e 2008 participou do Programa Escola de Conselhos, colaborando com a elaboração, execução e monitoramento de projetos de pesquisa, extensão universitária e desenvolvimento de material instrucional direta ou indiretamente vinculados às temáticas dos direitos humanos (crianças e adolescentes, pessoas idosas, população indígena, diversidade sexual) e das políticas públicas (educação, assistência social, trabalho, emprego e renda).

**77** Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1984), Especialização em Políticas Sociais (PUC-GO, e Mestrado em Educação Brasileira pela UFG (2002). Foi Coordenador do Programa Sentinela do MDS (2003-2005), Assessor da SNAS-MDS (2005), Consultor da Proteção Especial da SNAS-MDS (2005-06). Coordenador do Fórum Goiano de Enfrentamento a Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, Membro do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (2010-12).

**78** Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e mestra em Psicologia Social PUC Goiás, professora convidada nos cursos de psicologia, medicina e serviço social na PUC Goiás. Atuou profissionalmente no âmbito da clínica-social, com ênfase em Atendimento Psicoterapêutico a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Foi conselheira no Conselho Federal de Psicologia (CFP); Foi eleita a primeira mulher da sociedade civil para presidir o Conanda. Tem estudos nas temáticas: Direitos humanos, políticas públicas, infância e adolescência, dentre outros.

Crochik<sup>79</sup>; pela Mackenzie, Marcelo Neuman<sup>80</sup>; pela UNB Maria Lúcia Pinto Leal<sup>81</sup>, Thais Dumet Farias<sup>82</sup>; pela UFRG Simone Paludo<sup>83</sup>; pela UFRS Silvia Helena Koller<sup>84</sup>, etc.

**79** Graduado em Psicologia (1979), Mestre em Psicologia Social (1985), Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (1990), Livre-docente e Professor Titular (2006) pelo Instituto de Psicologia da USP (1999). Professor Sênior do Instituto de Psicologia da USP; É bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; coordena a pesquisa "Ações de enfrentamento ao bullying e à discriminação na escola pública, no Programa de Ensino Público da FAPESP; coordenou, de 2018 a 2021, a pesquisa "Violência escolar: discriminação, bullying e responsabilidade".

**80** Graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo (1992), Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002), doutor em Serviço Social pelo Núcleo de Estudos da Criança e do Adolescente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010); Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e Jurídica, atuando principalmente nos seguintes temas: violência, violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes, desaparecimento infanto-juvenil e direitos humanos.

**81** Pós-doutorado pelo Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Portugal (2008). Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1992). Especialista em Saúde Pública-UFF-RJ (1988) Especialista em Política Social-SER-UnB. (1985) Graduada em Serviço Social pela Universidade de Brasília (1983).

**82** Possui graduação em Direito pela Universidade Católica do Salvador (1998), mestrado em Direito pela Universidade de Brasília (2007) e doutorado em Direito pela Universidade de Brasília (2013). Atualmente é Oficial Técnica em Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho para ALC da OIT. Tem experiência na área de criminologia, história do direito, discriminação, trabalho infantil, trabalho forçado, liberdade sindical e negociação coletiva. É autora de vários artigos e do livro História de um silêncio eloquente: construção do estereótipo feminino e criminalização das mulheres no Brasil.

**83** É Professora Titular na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena o Centro de Estudos Psicológicos (CEP-RUA/FURG). Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (2019-2023). É professora permanente nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal do Rio Grande. É membro do GT da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) "Juventude, Resiliência e Vulnerabilidade". Tem experiência com pesquisas na área de Psicologia, com ênfase no desenvolvimento em situação de risco e vulnerabilidade social de crianças, jovens e suas famílias, abordagem bioecológica e resiliência.

**84** Silvia Helena Koller - Professora Colaboradora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Professora Titular Aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Orientadora de Doutorado e Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Professora Honorária da Universidade de Chiclayo, Peru e da Universidade Autónoma de Peru. Foi presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) e da Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento. Sua pesquisa tem foco no desenvolvimento humano, abordagem bioecológica, direitos das crianças e adolescentes, resiliência e pró-socialidade. Lecionou em diversas universidades ao redor do mundo. Participou de vários programas de dimensão internacional, incluindo programa para prestar serviços a crianças vítimas de violência e suas famílias, implementado no Rio Grande do Sul e Peru e um programa que visa ao combate à violência sexual contra crianças e jovens dentro dos países do Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai). Seus estudos foram usados para desenvolver programas de formação e promoção dos direitos e políticas sociais dentro dos Ministérios da Saúde, Educação, Habitação, Assistência Social e Justiça.

## SISTEMA CONSELHOS DE PSICOLOGIA

O CRP começou a fazer parte da minha vida em 1992, quando assumi a função de delegado na 6ª região, que abrange São Paulo. Naquele período, todas as atividades eram realizadas na delegacia, onde tratávamos de regulamentação, inscrições e fiscalização. A delegacia funcionava como um escritório e o termo “delegado” se referia à nossa responsabilidade e poder de tomada de decisões, especialmente no contexto da época, marcada pela ditadura. Fui eleito delegado adjunto para gerenciar o recém-criado Conselho Regional de Psicologia 14ª região (CRP-14), em parceria com Pedro Kemp<sup>85</sup>, em decorrência da minha participação anterior no Conselho, quando a Irma Macário atuava como delegada. Quando ela se tornou conselheira, teve que indicar novos delegados e me escolheu, juntamente com Pedro Kemp, que na época era o delegado oficial. Como Pedro não viajava de avião por questões pessoais, eu era o responsável pelas viagens, sempre em um trabalho voluntário que desenvolvi paralelamente ao CRP e ao CBIA. Tínhamos um secretário contratado pelo CRP-06 que facilitava as operações e havia um grande desejo de fortalecer nosso Conselho de Psicologia.

Realizávamos reuniões mensais no CRP para discutir temas da profissão, sempre com o lema “ciência e profissão”. Abordávamos diversos problemas, incluindo desvios na prática profissional e a necessidade de promover estudos que consolidassem a Psicologia como ciência. Estabelecemos parcerias com universidades e centros formadores para ampliar a pesquisa. O conselho exercia um papel político e de controle sobre a profissão. Naquela época, a Psicologia ainda era uma área incipiente, tendo sido institucionalizada na primeira metade dos anos 1960, o que significava que contávamos com apenas 20 a 25 anos de prática profissional. Não havia um caminho claro para a ciência e tínhamos mais incertezas do que certezas. Sabíamos, no entanto, que não queríamos nos tornar Medicina, Psiquiatria, Religião ou nos restringir apenas à Filosofia ou Sociologia. Queríamos aplicar os conhecimentos das Ciências Humanas e Biológicas para promover o equilíbrio mental das pessoas, escolhendo a ciência como nosso caminho. Era um momento sensível, pois estávamos em um processo de transição para uma maior abertura política após 1986. Assim, ainda estávamos nos conhecendo como profissão e ciência. Lembro que havia dias em que nos reuníamos na sexta-feira à noite e permanecíamos debatendo até às duas ou três da manhã no sábado e domingo. Também realizávamos plenárias, embora com frequência mensal, o que facilitava a discussão.

---

<sup>85</sup> Pedro Kemp é deputado estadual no Mato Grosso do Sul pelo Partido Trabalhista (PT) e possui formação em Filosofia e Psicologia, além de mestrado em Educação.

Além disso, a produção científica na área era escassa e pouco organizada, o que nos obrigava a buscar referências externas, especialmente nos Estados Unidos da América (EUA), onde já existia uma certa construção do saber científico em Psicologia. Contudo, essa abordagem frequentemente não se aplicava ao contexto brasileiro. O exército brasileiro, por exemplo, utilizava muito desse conhecimento voltado para o comportamentalismo e nossa intenção no CRP era inverter essa lógica, evitando que as bases científicas se tornassem métodos de opressão, como ocorreu no Brasil e nos EUA por um período. Nesse contexto, comecei a lutar pela Psicologia em nosso estado. Havia um delegado em MT e um em MS. Buscamos uma aproximação com MT para viabilizar a criação do Conselho Regional. Fui eleito conselheiro federal suplente do Centro-Oeste com a promessa do CRP-06 e do CFP de financiar o CRP-14. Entrei na chapa com esse compromisso e a chapa que venceu era de transição, já que tinha apenas um ano de mandato. Assim, realizamos a transição com o CRP-06 custeando as despesas de estrutura e eu participei da comissão de criação do CRP 14. Assim, não fui membro da primeira diretoria oficial, mas sim da diretoria provisória.

O CRP, por meio da resolução do CFP nº 05/1996, nomeou novos integrantes para gerir o CRP-14, entre eles Marina Maria Ribeiro<sup>86</sup>, Celi Corrêa Neres, Carla Pinheiro França<sup>87</sup> e Alexandra Graboski de Castro<sup>88</sup>. Essa nomeação ocorreu em 30 de maio de 1996. Tomamos posse no primeiro Congresso de Psicologia do Mato Grosso do Sul, realizado no auditório do Clube dos Dirigentes Lojistas. Em 19 de setembro de 1996, foram empossados os membros da chapa vencedora oficial do CRP-14, composta por 18 profissionais, sendo nove titulares e nove suplentes, oriundos tanto de MT quanto de MS. No dia seguinte, 20 de setembro de 1996, foram definidas a Diretoria Executiva, a Comissão de Ética e a Orientação e Fiscalização.

Nunca tive interesse em concorrer às eleições dentro do Conselho Regional, pois considero que a função deve ser levada a sério e requer disponibilidade. Enquanto pude, como delegado, dediquei-me integralmente à criação do CRP-14. Contudo, no momento em que o Conselho foi criado, eu estava passando por um período delicado em minha vida pessoal, mudando-

---

**86** Marina Maria Ribeiro (1951-2021), foi psicóloga, precursora da Gestal-terapia em Mato Grosso do Sul. Coordenou o desmembramento e a implantação do CRP14, tendo papel de destaque no regional de Mato Grosso do Sul. Em sua última experiência profissional, atuou no CREAS, de 2013 até o início de 2020.

**87** Carla Pinheiro França (falecida em 2024) foi uma psicóloga e ativista dos direitos humanos com quase 20 anos de atuação no Ministério Público da Bahia. Ela se destacou na defesa de causas como a luta antimanicomial e a proteção de crianças e adolescentes, além de integrar a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (2017-2019). Presidiu o CRP14/MS entre os anos 1998 e 2001.

**88** Alexandra Graboski de Castro, é formada pela Universidade Católica Dom Bosco (2012). Presidente do Conselho Regional de Psicologia da 14ª Região, na gestão de 2022 a 2025. Atualmente é colaboradora do Centro Integrado de Atenção Psicossocial da CASSEMS e trabalha no atendimento de Adolescentes, Jovens e Adultos em consultório particular.

-me para trabalhar na UFMS. Assim, continuei meus trabalhos, mas ao longo da minha carreira, especialmente nesse período, acumulei de quatro a cinco funções, sendo apenas uma delas remunerada. Chegou um momento em que não consegui mais manter essa carga. Apesar disso, sempre estive atento às ações do CRP-14 e, sempre que possível, participei de eventos. Além disso, mobilizei os colegas da Associação dos Psicólogos de Corumbá para realizar um evento científico na cidade e que deu origem ao Primeiro Congresso de Psicologia do Pantanal, como uma ação de aproximação e fortalecimento da profissão devido à concentração de psicólogos, sendo o segundo maior centro de psicologia do estado, em função da presença da UFMS lá. Por isso, era estratégico estabelecer harmonia com eles, já que muitos pensavam que o conselho só existia para cobrar anuidade. Levei essa demanda ao CRP-06 e, após discutir a necessidade de um congresso na região, conseguimos financiar o evento por dois anos, que se tornou uma tradição.

Em relação a eventos mais recentes, em 2021, organizei uma discussão sobre os 32 anos do ECA, abordando os desafios atuais. Apesar dos anos de trabalho focados nas questões infantis, ainda percebemos a necessidade de discutir o tema. Em 2022, participei da comemoração solene dos 60 anos da Psicologia, marcada por homenagens e uma celebração da inclusão e diversidade. Fui homenageado como integrante da escola do governo, junto a outros profissionais, como Alexandra Ayach Anache, Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega<sup>89</sup> e Alexandra Graboski de Castro, que também foram reconhecidos. Durante a celebração, ouvimos falas sobre as questões da população indígena, proferidas por Vanessa Silva de Souza, que discorreu sobre o assassinato de um jovem guarani-kaiowá e sobre temas LGBTQIA+. Celi Corrêa Neres compartilhou sua trajetória na Psicologia, enfatizando a importância de uma profissão inclusiva. Walkes Vargas<sup>90</sup> discutiu a transformação da Psicologia de uma prática voltada para as elites para uma abordagem mais inclusiva e voltada para a população, enquanto Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega ressaltou o compromisso da Psicologia na luta contra qualquer forma de violência, negligência, discriminação e exploração. Finalmente, integrei outro evento de psicologia realizado nos dias 19, 20 e 21 de 2015, denominado II Seminário de Psicologia e Políticas Públicas e Primeiro Encontro do Núcleo da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) Campo Grande: Os Desafios e Contribuições da Psicologia no

---

**89** Ana Sandra Fernandes Arcoverde é formada em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa (2008), com Mestrado pela Universidade Federal da Paraíba (2012). Atuou como Conselheira presidente do Conselho Regional de Psicologia 13ª Região PB nas gestões: (2010-2013 e 2013-2016) e como Conselheira do Conselho Nacional de Saúde enquanto presidente da Comissão Intersectorial de Saúde Mental.

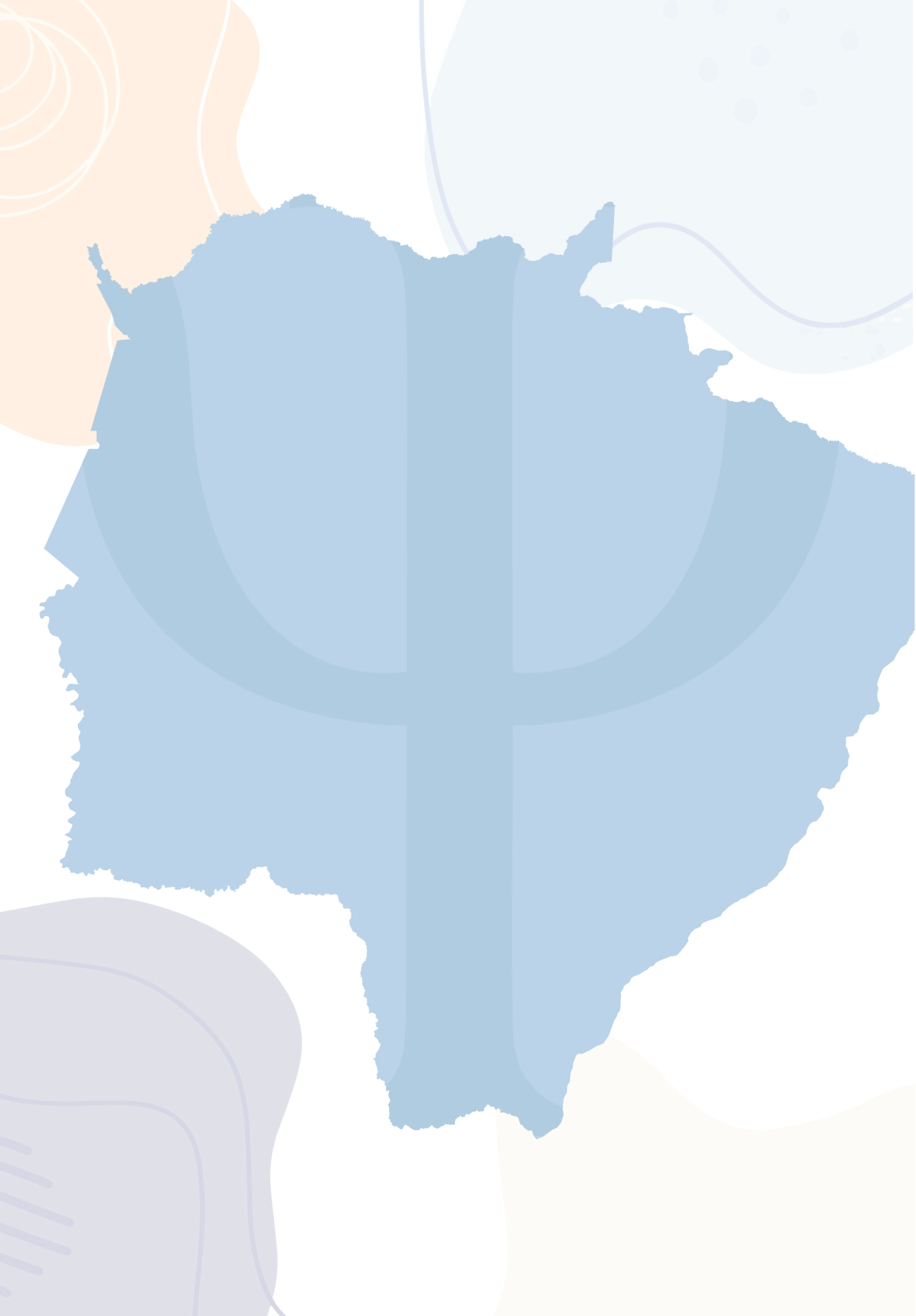
**90** Walkes Jacques Vargas é psicólogo graduado pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em 2012 e possui formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Granzotto de Psicologia Clínica Gestáltica, concluída em 2020. Atualmente, é presidente do Conselho Regional de Psicologia da 14ª Região (CRP14/MS), com mandato iniciado em 24 de setembro de 2022.

Campo das Políticas Públicas. Neste seminário, atuei ao lado de Simone Grisolia Monteiro<sup>91</sup>, discutindo o tema da criança e do adolescente no sistema socioeducativo e os 25 anos do ECA, um evento organizado pelo CRP-14.

Essas são algumas das minhas participações no Conselho Regional. Sempre que tenho disponibilidade, estou presente em eventos, congressos e palestras promovidos pelo conselho, discutindo as questões da infância e adolescência e como podemos desenvolver uma sociedade mais atenta a esses temas.

---

**91** Simone Grisolia Monteiro é psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Paraná (1997), com mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Possui especialização em Dinâmica dos Grupos pela Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos (SBDG) e em Psicopedagogia pela UNIDERP (2003), além de ser especialista em Psicologia Jurídica pelo Conselho Federal de Psicologia (2016). Desde 2001, atua como servidora pública no governo estadual de Mato Grosso do Sul, trabalhando como Analista de Medidas Socioeducativas no Sistema Socioeducativo Estadual.



# NORMA CELIANE COSMO

Norma Celiane Cosmo  
Gabriel Pinheiro Barata de Macedo

Nasci em 2 de julho de 1964, na Paraíba (PB). Quando criança, minha família se mudou para Três Lagoas e depois para Campo Grande e me considero uma sul-mato-grossense. Iniciei minha trajetória em Três Lagoas, onde estudei o ensino fundamental, e na adolescência vim para Campo Grande, onde permaneço até hoje. Sempre estudei em escolas públicas. Primeiramente, iniciei o curso de Educação Artística, atualmente conhecida como Artes. Após isso, ingressei na faculdade de Psicologia nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT) que, após minha saída, se tornou a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). A minha turma de 1987, participou da escolha do terreno que viria a ser a UCDB, mas em 1991 nos formamos na FUCMT. A partir de 1993, a instituição passou a ser a UCDB. Formei-me tanto na licenciatura quanto no bacharelado. Até o 8º semestre, graduava-se na licenciatura em Psicologia, o que permitia atuar como professora de Psicologia. Nos últimos dois semestres, concluí o curso como bacharel, tornando-me psicóloga.

Após a graduação, fiz uma especialização em Docência do Ensino Superior na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que ocorreu entre 2001 e 2002. Em seguida, iniciei meu mestrado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que se estendeu de 2003 a 2006. Naquela época, o processo de obtenção do mestrado levava três anos, diferente do que ocorre atualmente. Pretendo, futuramente, realizar um novo processo seletivo para a conclusão do doutorado, pois o Conselho sempre me exigiu comprometimento e, até o momento, não tive disponibilidade para avançar nesse sentido. Assim, planejo realizar o doutorado na UCDB em breve.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Minha graduação aconteceu ao mesmo tempo em que eu trabalhava como professora do Ensino Infantil. Meu início de carreira como professora na Educação Básica coincidiu com a entrada na graduação. Portanto, estou

inserida no contexto educacional desde os anos 1980, sempre no Ensino Básico, primeiramente como professora primária e, posteriormente, como professora universitária. Estar na Educação sempre foi uma realidade para mim.

No início do curso de graduação em Psicologia, minha rotina era bem movimentada. Eu trabalhava como professora à tarde e, pela manhã, cursava Psicologia. Logo no início da graduação, pedi demissão da escola privada onde trabalhava no período da tarde e fui exercer a mesma função em uma escola pública. Em 1987, fui aprovada no vestibular e iniciei o curso de Psicologia na FUCMT, simultaneamente com o curso de Educação Artística na UFMS.

Esse período foi bem desgastante, principalmente pela necessidade de disciplina e dedicação para me desenvolver em duas áreas ao mesmo tempo. Durante essa jornada tripla — FUCMT, UFMS e o trabalho como professora no ensino fundamental —, fui chamada no Concurso Público da Secretaria de Estado de Educação. Fiquei lá até o último ano da minha graduação, quando precisei me afastar do trabalho para focar no término do curso. Me formei em Psicologia em dezembro de 1991.

Durante minha formação, sempre participei das atividades oferecidas, muito por conta do Diretório Acadêmico (DA), que desempenhava um papel relevante ao engajar os estudantes. O DA estava sempre à frente da criação de eventos, palestras e da interação com o mundo da Psicologia. Eu participava sempre que tinha disponibilidade, especialmente em eventos relacionados à Psicologia da Educação ou com um viés mais social. Muitos alunos buscavam o DA para pedir conselhos ou auxílio em questões diversas, ou em relação aos eventos organizados por ele, pois o DA era responsável por intermediar os acadêmicos e a instituição. Naquela época, não havia a facilidade da internet como temos hoje. A divulgação das atividades era feita por meio de panfletos e murais. Mesmo assim, o DA conseguia manter uma boa relação com as instituições, possibilitando um diálogo eficaz tanto entre o DA e os estudantes, quanto entre o DA e a universidade.

Um ponto importante sobre a minha formação em Psicologia é que o curso estava em transição para funcionar apenas no período matutino. Esse período foi marcado por mudanças no currículo e pela necessidade de maior empenho da gestão do curso. A Universidade estava muito movimentada, especialmente com debates e reuniões para a formação de um currículo que pudesse atender às novas demandas. Na época, muitos cursos de Psicologia tinham uma duração de seis anos ou 12 semestres, mas o curso da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), em Goiânia, por exemplo, tinha 14 semestres, o que equivalia a sete anos de formação. Além disso, a FUCMT, que depois se tornaria UCDB, estava em processo de qualificação para ser reconhecida como universidade. Para isso, era necessário oferecer extensão e pesquisa, além de um quadro docente com mestres e doutores. Na época, a maioria dos professores eram especialistas, e só havia um doutor no curso, que era um padre. Com a transição para universidade, houve a necessidade de

contratar professores com mestrado e doutorado, e muitos docentes tiveram que buscar essas titulações em outros estados para continuar lecionando.

Lembro com carinho da minha graduação, mesmo que tenha sido um período rigoroso. Havia uma boa diversidade de disciplinas, como Desenvolvimento, Biologia (com foco na Fisiologia), Psicopatologia (estudo dos transtornos mentais), e Psicologia Social (com uma concepção mais tradicionalista). O estudo da Personalidade ocupava uma parte significativa do currículo, com predomínio da Psicanálise. Na área experimental, também havia uma grande carga horária. Minha percepção sobre o curso na época está muito atrelada ao contexto histórico. Era um curso mais conservador e tradicional, sem o foco nas políticas públicas, que são tão importantes na Psicologia atual. As áreas mais valorizadas eram a Clínica, seguida pela Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), que na época era chamada de Psicologia da indústria, devido ao contexto de industrialização do país. Naquela época, a área de POT tinha uma grande empregabilidade. Muitos alunos saíam empregados nas indústrias, o que se mantém até hoje, embora eu perceba que o psicólogo organizacional atualmente seja um pouco desvalorizado. A Psicologia no âmbito da Saúde, especialmente dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), tinha menos visibilidade social, o que só mudou com a Constituição de 1988, que trouxe a base legal para o desenvolvimento da saúde coletiva e da educação especial, área em que eu me inseri posteriormente.

Relacionado a esse panorama tradicional, os três campos obrigatórios para graduar-se em Psicologia se fazem relevantes, sendo eles: POT, Psicologia Clínica e Psicologia Educacional, porém com a educacional sem muita pertinência. Não havendo a possibilidade que temos hoje em dia, sem, por exemplo, as ênfases em psicologia. Além disso, no último ano foram feitos esses três estágios e um psicodiagnóstico, em que temos que fazer uma avaliação daquele indivíduo que também era obrigatório. Então, os estágios obrigatórios na minha época eram naquelas três áreas, embora a educacional fosse uma área de menos interesse por parte dos acadêmicos. Eu nunca pensei em seguir na área Clínica, mas tive que realizar os estágios e atender crianças de 7 a 8 anos nos processos de ensino e aprendizagem com queixas escolares com dificuldade na escola. Era uma clínica pequena no Colégio Dom Bosco. No estágio escolar, trabalhei com uma abordagem mais institucional, buscando auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem de forma integrada à escola e às famílias. Assim, via que o psicólogo era mais próximo de um dos profissionais que auxilia nos processos de ensino aprendizagem, possibilitando o melhor processo de ensino aprendizagem e considerando as condições que o estudante apresenta. Entendia que ele deveria abandonar os modelos clínicos, que muitas das vezes, dentro das escolas, culpabiliza o indivíduo. Ademais, eu não fiz estágios não obrigatórios pois trabalhava como professora, mas sempre existiu campos de estágios não obrigatórios, remunerado, mesmo que fossem poucos e, muitas das vezes,

em empresas. Algo que mudou muito na atualidade pois vemos que existem muitos estágios no momento para os acadêmicos. Muitos desses estágios são voltados para esse campo da inclusão. À época, na POT eu fiz um, em uma empresa muito grande, com mais de 100 funcionários, fizemos assim com o recrutamento, avaliação com os funcionários gerentes, fazíamos também o clima organizacional.

Nesse contexto, acredito que a mudança da Psicologia tradicional para uma Psicologia com foco em diferentes áreas, como a Saúde, reflete a necessidade de reconhecer a importância da atuação do psicólogo em diversos contextos. Onde há pessoas, há processos de saúde, e o psicólogo é fundamental. Nessa mesma direção, o Código de Ética Profissional também passou por mudanças significativas, especialmente após a pandemia de Covid-19, com o aumento do uso de recursos virtuais no atendimento. A regulamentação desses meios tornou-se essencial no contexto atual. Também observo um aumento expressivo no número de cursos de graduação em Psicologia no país, muitos deles em faculdades particulares. Isso exige uma formação sólida e crítica, algo que ainda é garantido nas universidades públicas e confessionais, que continuam comprometidas com a formação de profissionais de excelência.

Assim, a mudança, de uma Psicologia tradicional para uma psicologia com outros focos, vem na esfera de uma Graduação que não está delimitada a formar Psicólogos que estão fechados em seu local de trabalho, mas sim, sendo reconhecido pela sua atuação e contexto de domínio perpassado pelas ênfases da área, sendo uma delas a de saúde, pois, o Psicólogo da saúde é necessário em qualquer local com pessoas, onde há pessoas existem os processos de saúde.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Minha trajetória na Psicologia começa, de certa forma, ainda na minha formação como professora, no que hoje seria o Ensino Médio, mas que na época era chamado de Ensino Normal, voltado para adolescentes entre 14 e 18 anos. Após essa formação, ingressei como professora no ensino primário, em escolas particulares e públicas, por volta de 1982/1983. Nessa fase, eu ainda não havia iniciado o curso de graduação em Psicologia, mas foi a partir do contato diário com as crianças que comecei a me interessar por questões ligadas ao ensino e à aprendizagem. Eu percebia as diferenças no ritmo de aprendizagem das crianças: algumas aprendiam de forma mais fluida, enquanto outras, que tinham um histórico de vida com menos acesso a recursos, apresentavam necessidades que exigiam um trabalho diferenciado. Esse contraste despertou meu interesse pelos processos de ensino-aprendizagem e me levou a buscar mais conhecimento na Psicologia.

Em 1987/1988, fui professora na Fundação Educar, mas já com o desejo de aprender mais sobre Educação sob a perspectiva da Psicologia. Quando ingressei no curso de graduação em Psicologia, meu foco inicial era entender mais sobre os processos educacionais. Entretanto, ao longo do curso e com as orientações que recebi, acabei expandindo meus interesses. Após minha graduação, em 1992, deixei a docência com certa resistência e assumi o cargo de psicóloga escolar no governo do estado de Mato Grosso do Sul (MS), com uma carga horária de 40 horas semanais. Comecei a trabalhar dois meses após me formar e fui para um órgão que estava sendo criado para a inclusão de pessoas com deficiência na Secretaria de Estado de Educação, onde estou até hoje. Em 1994, atuei também na Unidade de Acessibilidade e Inclusão (UNAI), onde continuei com a mesma carga horária.

Minha experiência na Educação me levou a trabalhar em cursos de especialização e em Pedagogia, especialmente na modalidade a distância pela UFMS e na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atuei em várias universidades até 2009, quando vim para a UCDB. Aqui, desenvolvi projetos de pesquisa, como o “Formação Continuada, Trabalho e Bem-estar Docente: Estudos com Professores de Campo Grande-MS” em 2010, e outro em 2011, um estudo exploratório sobre as possibilidades de atuação do psicólogo na área jurídica de uma universidade. Atualmente, sou docente e supervisora de estágios obrigatórios, com foco na área educacional.

Quanto à minha formação acadêmica, fiz minha especialização pela UFRJ em 2001, com o título “Educar numa Perspectiva Inclusiva”. Em 2003, concluí meu mestrado pela UFMS, com a dissertação “As Contribuições da Psicologia da Educação para a Escola: Uma Análise da Produção Científica da ANPED e da ABRAPEE”. Minha inserção na UCDB foi graças à indicação da professora Lucy Nunes Ratier,<sup>92</sup> que na época estava no doutorado. Ela me recomendou para o processo seletivo e, assim, comecei a atuar nos estágios do noturno e a ministrar aulas. A partir daí, fui expandindo minha atuação para outras áreas, como Psicologia Social e a disciplina Psicologia: Ciência e Profissão. Hoje, continuo trabalhando na área de estágios educacionais e, também, em espaços ligados às políticas públicas, dialogando com a assistência social.

Em relação à minha atuação no Conselho Federal de Psicologia (CFP), fui Conselheira Tesoureira de 2016 a 2019, durante a XVII Plenária, e de 2019 a 2022, na XVIII Plenária. Nesses mandatos, além de cuidar das finanças, também atuei nas pautas relacionadas à educação, mobilizando regionais e entidades da Psicologia, tais como a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) e a Federação Nacional de Psicólogos (FENAPSI),

---

**92** Lucy Nunes Ratier Martins (1960-2023), foi psicóloga e professora, sendo uma das protagonistas na atuação com Psicologia Educacional e Escolar no Mato Grosso do Sul e membro da Comissão de Educação do CRP14/MS.

especialmente durante a aprovação da Lei n. 13.935/2019, que regulamenta a inserção de psicólogos e assistentes sociais nas escolas. Na minha primeira gestão no Conselho Federal de Psicologia (2016–2019), enfrentamos dificuldades para aprovar a Lei, pois o Congresso era bastante conservador. No entanto, os trágicos episódios em escolas, como as invasões em Realengo<sup>93</sup> e Suzano,<sup>94</sup> trouxeram pressão popular. Daí conseguimos avançar na pauta. Em 2019, organizamos audiências públicas e mobilizamos os conselhos regionais para pressionarem deputados a apoiar o projeto, o que culminou na aprovação da lei. Nesse sentido de luta pela Educação, ela historicamente sempre foi desvalorizada, temos uma história curta, porém que precisa da adesão dos atores dentro da Educação, como os professores e outros educadores. Assim, toda essa luta dos psicólogos junto dos educadores deve ser feita de maneira mais organizada, a nível políticos em processos democráticos, com debates e discussões junto com a categoria, fazendo um trabalho de enfrentamento, pois sozinhos e desorganizados não podemos superar os desafios que encontramos dentro de nossa atuação profissional.

Enquanto estive no Conselho, sempre busquei participar dos eventos que eram desenvolvidos, haja vista que uma das nossas funções está relacionada a essa divulgação de eventos e estar presente representando o CFP nós mesmos. Isso tanto a nível nacional com as pautas que eram pertinentes – e que muitas continuam sendo até a atualidade – quanto a nível internacional. Por exemplo, nós estivemos no Paraguai em um evento internacional Sul-americano, com a nossa participação como representantes do CFP, sendo que o Brasil sempre participa como país com mais psicólogos do mundo. Ademais, temos o Fórum Nacional de Entidades da Psicologia Brasileira (FENPB) pelo qual temos um evento que é muito relevante, e que é de grande repercussão, o evento se chama Psicologia: Ciência e Profissão. Os eventos coincidem nos anos de eleições nos Conselhos Federais, então são congressos muito importantes e com diversas contribuições significativas para a Psicologia, além de serem um local para o desenvolvimento da identidade de psicólogo, em que todas as discussões, teorias e abordagens podem ser debatidas. Além de demonstrar como a Psicologia brasileira tem se desenvolvido em diversas áreas e o que se tem feito para melhorá-la.

Além desse trabalho, minha participação no CFP envolveu a presença em eventos nacionais e internacionais, como o Fórum Nacional da Psicologia Brasileira e o evento Psicologia: Ciência e Profissão, que ocorre a cada quatro

---

**93** O Massacre de Realengo ocorreu em abril de 2011 na escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo no Rio de Janeiro. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes, deixando doze mortos, com idade entre 13 e 15 anos, e mais de 22 feridos.

**94** O Massacre de Suzano ocorreu em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil no município de Suzano, no estado de São Paulo. Dois atiradores, ex-alunos, mataram cinco estudantes e duas funcionárias da escola.

anos e é um marco importante para discutir o desenvolvimento da psicologia no Brasil. Também atuei na organização de palestras e eventos, escolhendo os temas e os convidados que seriam relevantes para compor essas discussões. Outro aspecto importante foi a produção técnica que desenvolvi enquanto estava no CFP. Um dos materiais mais recentes que ajudei a elaborar foi a “Política de Arrecadação dos Conselhos Regionais de Psicologia: Documento de Orientação” em 2019, que tratou da transparência nas práticas de negociação e recuperação das anuidades em atraso. Durante a pandemia de Covid-19, também produzimos materiais voltados para o ensino remoto, como o documento “Práticas e Estágios Remotos em Psicologia no Contexto da Covid-19”, que abordou os desafios do ensino a distância, especialmente nos estágios supervisionados. Em 2021, revisamos o documento sobre a Lei n. 13.935/2019, que orienta psicólogos e assistentes sociais sobre a regulamentação de sua atuação na rede pública de educação básica.

Portanto, minha trajetória na Psicologia, seja no campo da Educação ou em outros espaços, tem sido marcada por um compromisso contínuo com o desenvolvimento da profissão, seja por meio de pesquisas, ensino, produção técnica ou atuação em conselhos.

## SISTEMA CONSELHOS DE PSICOLOGIA

Entrei no Conselho Regional de Psicologia (CRP) por meio do Sindicato dos Psicólogos, onde eu atuava como uma das diretoras em 1997/98. Nessa função, já havia uma certa proximidade com o Sistema Conselhos. Além da experiência direta no Conselho, acompanhei processos históricos importantes, como a redemocratização do país, a promulgação da Constituição de 1988 e a mobilização política para a criação da Lei nº 8080, que regulamenta o SUS. Essas transformações abriram espaço para a inserção de psicólogos nas políticas públicas, incluindo a Assistência Social a partir dos anos 2000. Também foi nesse contexto que, em 1990, foi instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, com ele, a criação dos Conselhos Tutelares.

Em 1999, enfrentávamos uma situação financeira difícil no Sindicato, com dificuldades de manter as atividades, então a diretoria solicitou apoio à plenária do CRP, presidida na época pela Carla Pinheiro França.<sup>95</sup> Após uma discussão, foi decidido que o Sindicato poderia ocupar um espaço no Conselho por seis meses, para que pudéssemos nos reorganizar financeiramente. No entanto, havia a condição de que os membros do

---

<sup>95</sup> Carla Pinheiro França (falecida em 2024) foi uma psicóloga e ativista dos direitos humanos com quase 20 anos de atuação no Ministério Público da Bahia. Ela se destacou na defesa de causas como a luta antimanicomial e a proteção de crianças e adolescentes, além de integrar a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (2017-2019). Presidiu o CRP14/MS entre os anos 1998 e 2001.

Sindicato participassem das comissões obrigatórias do Conselho, como forma de colaboração. Fui inserida inicialmente na Comissão de Tomada de Contas, que é uma comissão fiscalizadora dos gastos da gestão, semelhante a uma auditoria. Minha função era analisar as contas do CRP, fiscalizando como os recursos eram utilizados, garantindo que os gastos estivessem em conformidade com as regras financeiras estabelecidas. Caso houvesse algum desequilíbrio ou irregularidade, emitíamos um parecer para a Diretoria, sugerindo ajustes. Esse trabalho me proporcionou uma visão mais ampla sobre organização de orçamentos, controle financeiro, contabilidade e gastos públicos.

Durante esse período, sempre percebi que havia uma dificuldade da categoria em compreender claramente as funções distintas do Sindicato e do CRP. O sindicato é uma associação que luta pelos interesses dos profissionais, incluindo direitos trabalhistas e salários, representando a categoria frente aos empregadores. Já o CRP é uma autarquia pública, com funções de regulamentação, normatização e fiscalização da profissão, seguindo as diretrizes do Artigo 5º do Decreto-Lei n. 200/1967. O Conselho tem como responsabilidade garantir que a prática profissional esteja alinhada às normas estabelecidas e, ao fim de cada gestão de três anos, uma nova chapa precisa ser eleita para continuar esse trabalho. O Conselho conta com 18 conselheiros (nove titulares), mas não consegue funcionar apenas com esse número, por isso conta com a participação de colaboradores, que são profissionais atuantes em diversas áreas, como Saúde, Educação, Esporte e Clínica. Esses colaboradores são aprovados pelo Plenário e desempenham um papel essencial no apoio à gestão, sem precisar ser eleitos. Eu mesma comecei como colaboradora na Comissão de Tomada de Contas, como disse anteriormente. Esta é uma das três comissões obrigatórias do CRP, ao lado das Comissões de Ética e de Orientação e Fiscalização. Na Comissão de Ética, por exemplo, atuamos como um tribunal de ética, analisando se a prática dos psicólogos está de acordo com as normas do Conselho. Um exemplo clássico é o uso dos testes psicológicos, que devem estar validados pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). A Comissão de Orientação e Fiscalização, por sua vez, age no caso de denúncias, orientando o profissional e, se necessário, iniciando processos éticos.

Essas experiências no CRP me prepararam para assumir papéis de maior responsabilidade. Depois de atuar como colaboradora, fui convidada a compor uma chapa e me tornei conselheira efetiva, assumindo o cargo de tesoureira no III Plenário do CRP-14, de 2001 a 2004. Graças à experiência prévia na Tomada de Contas, consegui desempenhar essa função com maior facilidade. Continuei como tesoureira também no IV e VI Plenários, de 2004 a 2007 e de 2010 a 2013, respectivamente. De 2013 a 2015, atuei como Conselheira Presidente na VII Plenária, sob o lema “Cuidar da Profissão” e, posteriormente, como vice-presidente entre 2015 e 2016.

Durante esse período, enfrentei desafios importantes, especialmente no que se referia à atuação do psicólogo nas políticas públicas. Discutimos no CFP a criação do Banco Social de Serviços, precursor do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). A ideia era criar um banco de horas em que os profissionais pudessem reservar parte de seu tempo para prestar serviços sociais, reforçando a atuação do psicólogo nas políticas públicas. No entanto, percebi que, naquele momento, os psicólogos não possuíam referências técnicas suficientes para atuar nas políticas públicas, já que a maior parte das diretrizes existentes estava voltada para a Clínica. Esse foi um dos motivos que nos levaram a desenvolver o CREPOP, que foi oficialmente criado em 2005 e lançado em 2006, com o objetivo de produzir referências técnicas para a atuação do psicólogo fora da Clínica, dialogando com o Estado e os gestores públicos para ampliar a atuação do psicólogo nos diversos equipamentos sociais.

Outro aspecto relevante dessa trajetória foi a luta para que a Psicologia deixasse de ser vista como uma profissão elitista e voltada apenas para quem podia pagar por seus serviços. O sistema Conselho buscava uma psicologia acessível a todas as pessoas, especialmente por meio das políticas públicas, que se expandiram significativamente durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003–2011), com a ampliação dos setores da Saúde e da Assistência Social. Essa foi uma fase importante, em que o Conselho passou a dialogar com o governo federal para garantir que a Psicologia estivesse presente de forma adequada e eficiente nas políticas públicas. A formação dos psicólogos também foi um ponto de atenção durante minha gestão. Havia uma preocupação constante em alinhar a formação universitária com as demandas da realidade social e profissional, especialmente no campo das políticas públicas. Esse debate influenciou mudanças nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos cursos de graduação em Psicologia, nos Códigos de Ética e nas resoluções internas do Conselho. Em 2005, por exemplo, realizamos uma ampla revisão no Código de Ética da profissão, que está vigente até hoje.

Outro desafio que surgiu nos anos recentes foi o atendimento online, que se expandiu durante a pandemia de Covid-19. Essa prática, que inicialmente era vista como provisória, acabou se consolidando e atualmente está sendo discutida a regulamentação dos atendimentos virtuais e a ética na publicidade profissional, com o advento das redes sociais. Além disso, sempre mantivemos um foco nas questões de Direitos Humanos, que são a base de toda a legislação que rege o trabalho do psicólogo no Brasil. Mesmo que a Comissão de Direitos Humanos não seja obrigatória nos Conselhos, foi criada como uma forma de garantir que os princípios dos direitos humanos fossem respeitados em todas as práticas profissionais.

Quando deixei o CFP, voltei a colaborar com o CRP-14, participando da Comissão de Educação e da Comissão Nacional de implantação da Lei n.

13.935/2019 que inclui psicólogos na rede pública de Educação Básica. Nessa função, organizamos planos de ação, mobilizamos a categoria, promovemos capacitações e dialogamos com universidades, sempre com o objetivo de integrar melhor os psicólogos nas políticas públicas e garantir que sua atuação fosse reconhecida e valorizada nas escolas.

Assim, esse foi um resumo da minha trajetória no Sistema Conselhos de Psicologia, tanto no CRP14 quanto no CFP. Trajetória marcada por desafios administrativos, financeiros e políticos, mas também por grandes avanços na inserção da psicologia nas políticas públicas e na garantia dos direitos humanos como base de nossa atuação profissional.

# PAULO GODOFREDO BARBOSA DE CARVALHO

Paulo Godofredo Barbosa de Carvalho  
Marcella Medeiros da Cunha

Nasci em 24 de janeiro de 1959, na cidade de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. Devido ao trabalho do meu pai, morei em diferentes regiões do país ao longo da infância, como: São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Recife (PE). Em 1970 retornei a Campo Grande, no ano seguinte ingressei no curso de graduação em Psicologia das Faculdade Unidas Católicas do Mato Grosso (FUCMT) — atual Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) —, concluindo minha Licenciatura e Bacharelado nos anos de 1981 e 1982. No ano de 2015 concluiu a sua pós-graduação em Atenção Básica em Saúde da Família pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Desde 2008 sou psicólogo pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, lotado na secretaria Municipal de Saúde, atuando no Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB). Em 2022, decidi voltar à academia e iniciei o mestrado em Saúde da Família no Programa de Pós-Graduação da UFMS.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O interesse em iniciar a formação em Psicologia pela FUCMT em 1978, ano em que ingressou na quarta turma do curso, foi traçado naturalmente. Eu estava extasiado com a possibilidade de auxiliar as pessoas por meio da escuta qualificada e do atendimento psicológico. Quando iniciei o curso, as aulas aconteciam tanto no período matutino quanto noturno – com as tardes livres para estudo e atividades extracurriculares. O currículo da graduação era dividido em duas grandes áreas de enfoque: as disciplinas biológicas (e.g., Anatomia Geral, Neurologia, Psicofarmacologia) e as disciplinas filosóficas (e.g., Introdução à Filosofia e Ética). Além disso, o curso oferecia matérias fundamentais para a prática da Psicologia, como Ética Profissional,

Psicologia Experimental, Estatística Aplicada e diversas abordagens teóricas (e.g., Psicanálise, Gestalt-terapia e Psicologia Comportamental).

Importante lembrar que durante minha graduação, vivíamos sob o regime da Ditadura Militar (1964-1985), o que implicava em disciplinas obrigatórias sobre política, como a Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Aos sábados, tínhamos aulas de quatro horas, realizadas no anfiteatro da Faculdade em conjunto com alunos de outros cursos, como Serviço Social e Filosofia. Nestas aulas, aprendíamos o funcionamento do Estado brasileiro, conceitos sobre o processo eleitoral, o sistema de poderes e o papel das instituições na sociedade. Ainda não existiam políticas públicas de Saúde Mental ou Social mais estruturadas, como o Sistema Único de Saúde (SUS), que só seria implementado em 1988. Portanto, esses temas não eram discutidos nessas aulas.

Quanto às abordagens teóricas, tivemos uma formação ampla e robusta, essencial para capacitar os futuros psicólogos. Pessoalmente, durante a graduação, observei que grande parte da turma se identificava com a Psicanálise, o que não era meu caso. Nunca me identifiquei com essa abordagem, pois não correspondia à minha visão sobre intervenções eficazes. Eu preferia a Psicologia Comportamental, que me atraía por sua resposta rápida: após a intervenção, era possível observar uma mudança imediata no comportamento do paciente, o que proporcionava uma redução significativa do sofrimento e da angústia. Com a chegada do professor Rômulo Said Monteiro<sup>96</sup>, fomos introduzidos ao Psicodrama, uma abordagem nova para nós. Foram organizados grupos de estudo focados na área, o que ampliou ainda mais nosso repertório teórico e prático.

Naquela época, ao ingressar no curso de graduação em Psicologia, os alunos tinham a possibilidade de cursar, paralelamente ao Bacharelado, a Licenciatura, algo que hoje não é mais oferecido dessa maneira. No terceiro ano do Bacharelado, os alunos faziam a escolha de realizar ou não a Licenciatura. Eu optei por cursá-la e, assim, além da grade comum de Psicologia, tive disciplinas específicas da área educacional, como Pedagogia, planejamento de aula, metodologia de ensino, entre outras. Durante o quarto ano, realizávamos os estágios obrigatórios em escolas, lecionando para o ensino médio. Por exemplo, eu fiz meu estágio na Escola Estadual Joaquim Murinho, em Campo Grande, onde preparei e ministrei aulas sobre Sociologia, Filosofia e Psicologia para turmas do Ensino Médio. Ao final do quarto ano, nós formávamos em Licenciatura, recebendo o diploma que nos permitia lecionar no Ensino Médio. Logo após, comecei a dar aulas. Minha escolha pela Licenciatura foi motivada pela necessidade de sustento e pela oportunidade de ingressar no mercado de trabalho mais rapidamente.

---

**96** Rômulo Said Monteiro possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Psicologia pela Faculdade Objetivo (atual Universidade Paulista). Atuou como professor universitário e realizou diversos trabalhos na área do Psicodrama.

No quinto e último ano da graduação, o foco era exclusivamente a prática profissional, sem disciplinas teóricas. Realizamos estágios supervisionados nas quatro grandes áreas da psicologia: Clínica, Social, Organizacional e Escolar. Na Clínica-Escola da FUCMT, atendi pacientes sob supervisão da professora Marina Maria Ribeiro<sup>97</sup>, que era Gestalt-terapeuta. Ela nos desafiava a adotar a abordagem gestaltista durante o atendimento, o que foi um aprendizado valioso, pois eu já estava mais inclinado à Psicologia Comportamental. Durante o estágio Clínico, era obrigatório atender pacientes de três diferentes faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos. No campo da Psicologia Organizacional, realizamos dois estágios importantes: no Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN) e no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) da Polícia Militar. No DETRAN, éramos responsáveis por aplicar e corrigir testes psicográficos para os candidatos à obtenção da carteira de habilitação, o que nos proporcionava uma ampla experiência com instrumentos de avaliação psicológica e elaboração de laudos. No CFAP, acompanhamos o processo seletivo da Polícia Militar, aplicando avaliações psicográficas nos candidatos e monitorando o desenvolvimento dos soldados. Nossas intervenções sempre visavam o bem-estar organizacional e o aprimoramento do sistema de trabalho.

Além desses estágios, também atuamos na área organizacional da Santa Casa de Campo Grande, mas sem contato direto com os pacientes. Nosso trabalho era voltado para melhorias nos processos administrativos e no bem-estar dos funcionários, como a reestruturação de fluxogramas organizacionais. Já na área de Psicologia Escolar, os estágios eram realizados em escolas públicas, sob a supervisão da professora Maria Solange Félix<sup>98</sup>, que fazia questão de priorizar o atendimento em instituições públicas, visando ampliar o acesso aos serviços psicológicos. Nosso trabalho envolvia a interação com famílias, apoio pontual a alunos com dificuldades de aprendizagem e intervenções para melhorar o ambiente escolar. Todos os estágios eram acompanhados de perto pelos supervisores e as supervisões ocorriam em pequenos grupos de três a cinco alunos. Nessas supervisões, discutíamos as questões práticas e teóricas de cada área de estágio, desde os desafios do atendimento clínico até as dúvidas relacionadas aos testes psicológicos nas avaliações organizacionais.

O último ano da faculdade foi especialmente intenso, com várias demandas a cumprir. Eu gostava de começar o dia cedo, atendendo na clínica pela manhã, para depois seguir para os demais estágios. Naquela época,

---

**97** Marina Maria Ribeiro (1951-2021), foi psicóloga, precursora da Gestal-terapia em Mato Grosso do Sul. Coordenou o desmembramento e a implantação do CRP14, tendo papel de destaque no regional de Mato Grosso do Sul. Em sua última experiência profissional, atuou no CREAS, de 2013 até o início de 2020.

**98** Maria Solange Félix Pereira (1953-2009), foi professora e psicóloga, pioneira na construção da Psicologia em Mato Grosso do Sul e na criação de novos modelos de educação para o trânsito. Ver Homenageada (2010).

não tínhamos o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como há hoje, mas precisávamos entregar relatórios detalhados de cada estágio, que compunham a nota final. Lembro que escrevíamos tudo à máquina de datilografia, e qualquer erro nos obrigava a reescrever páginas inteiras.

A FUCMT estava no início de seu desenvolvimento, e eu tive a sorte de participar da quarta turma do curso de Psicologia. Nossos professores nos incentivavam a buscar oportunidades extras de aprendizado, como os estágios voluntários. Um exemplo foi o estágio no DETRAN, incentivado pela professora Maria Solange Félix Pereira. Nossa relação com os professores era próxima e eles nos incentivavam a participar de congressos, seminários e palestras. Organizamos eventos como a Semana da Psicologia, com palestras e debates sobre diversos temas. Naquela época, além da FUCMT, o único outro curso de graduação em Psicologia no estado de MS era o da cidade de Corumbá. Frequentemente realizávamos trocas entre as duas instituições, com professores e palestrantes participando de eventos nas duas cidades.

Esses eventos eram organizados pelos alunos sempre com o apoio da faculdade, então tínhamos Semana da Psicologia, na qual falávamos sobre diferentes assuntos. O objetivo de realizar tais eventos era o de fomentar a Psicologia no estado, pois na época de 1978 e 1979, em MS, existiam cerca de oito psicólogos, à medida que as turmas da FUCMT foram se formando, esse número começou a aumentar. Ademais, percebemos que o curso de graduação em Psicologia era muito fisiologista, voltado para uma base médica. Tivemos aulas sobre anatomia geral e neurológica ministradas no biotério da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sendo as mesmas aulas que os alunos de Medicina e Odontologia tinham em sua grade curricular. Além disso, a Psicopatologia também apresentava uma base biomédica, voltada para síndromes e sintomas. Então os primeiros anos do curso tiveram esse foco médico, e percebemos a mudança desse cenário à medida que foram entrando psicólogos de outros estados como Maria Solange Félix, Sonia Grubits<sup>99</sup>, Rômulo Said Monteiro, Carlos Afonso Marcondes Medeiros<sup>100</sup>, entre outros. Desse modo, o intuito de trazer palestras e eventos também era para focar na Psicologia como profissão em si, trazendo psicólogos para palestrar e divulgar o trabalho do psicólogo no estado. Algo interessante de destacar também é que os palestrantes vinham para a cidade sem cobrar a mais por isso, pagamos apenas passagem e hospedagem, então observamos que eles vinham com o objetivo puro de divulgar a psicologia ao longo do país.

Para fortalecer ainda mais a profissão, criamos a Sociedade do De-

---

**99** Sonia Grubits, primeira psicóloga do estado de Mato Grosso e fundadora do primeiro curso graduação em Psicologia de Campo Grande, em 1975. Também criou o primeiro mestrado (1997) e doutorado (2012) na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

**100** Carlos Afonso Marcondes Medeiros graduou-se em Psicologia pela Universidade de São Marcos e fez mestrado em Filosofia Social. Atuou como professor dos cursos de psicologia, filosofia, letras e pedagogia, além de atuar como Diretor Técnico do Detran/MS. Atualmente trabalha como psicólogo clínico.

envolvimento da Psicologia, formada por estudantes e professores, com o intuito de promover debates, grupos de estudo e eventos que ajudassem a estabelecer a Psicologia em MS. Participávamos ativamente dessas iniciativas, sempre buscando expandir o conhecimento e a prática da psicologia. Assim, naquele período, o número de psicólogos no estado era extremamente reduzido – por volta de oito profissionais em 1978. À medida que as turmas da FUCMT se formavam, esse número começou a crescer, e nós, como pioneiros, ajudamos a desbravar o campo e abrir novas possibilidades de atuação profissional. Na minha visão, percebo que naquele período eram poucas as graduações em Psicologia, o que acarretava um número escasso de profissionais no mercado de trabalho. Além disso, as possibilidades de atuação também eram reduzidas, estando sempre voltadas para a psicologia clínica, para trabalhar em organizações, recursos humanos, escolas e concursos públicos. Vejo que, as turmas que se graduaram naquele período tiveram o trabalho de abrir o caminho, desbravar essa nova profissão e expandir os campos de atuação para os futuros profissionais, visto que era uma área deserta e desconhecida.

Penso que a Psicologia avançou muito atualmente, conquistando mais espaços e lugares na sociedade. Outra mudança que percebo como importante é a base curricular do curso de graduação em Psicologia, pois hoje vejo que os acadêmicos iniciam os estágios e as práticas nos primeiros anos da graduação, e acredito que isso seja de extrema importância para uma formação de qualidade.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Minha carreira começou antes mesmo de eu concluir a graduação. No quarto ano do curso, fui contratado como assistente administrativo no CRP, graças ao convite do meu professor José Chadid<sup>101</sup>. Ele me fez esse convite porque, durante a faculdade, eu era muito ativo em sindicatos e movimentos estudantis. Quando ele percebeu meu interesse nessas áreas, decidiu me chamar para essa função e eu aceitei. Eu estava próximo de concluir a graduação e vi ali uma oportunidade de me inserir no mercado de trabalho. A vaga de assistente administrativo surgiu quando o Conselho decidiu abrir um espaço físico para ser a delegacia em Campo Grande. Até então, havia apenas o delegado sem um local próprio para trabalhar. Antes disso, quando um psicólogo precisava emitir o Cadastro Nacional da Profissão, era necessário viajar até Presidente Prudente, estado de São Paulo (SP), para fazer o registro e a identificação. A abertura da delegacia em Campo Grande visava

---

<sup>101</sup> José Chadid graduou-se em Psicologia pela Universidade Católica do Paraná (1979) e em Direito pela Universidade Católica Dom Bosco (2001). Atuou como professor universitário de Direito e Psicologia. Atuou também como vereador nas eleições de 2012.

facilitar esse processo para os profissionais da região. Após ser contratado, passei por um treinamento em São Paulo, onde aprendi sobre as funções e a importância do Sistema Conselhos – CRPs e CFP –, além das obrigações administrativas. Ao retornar, eu assumi oficialmente o cargo de assistente administrativo, cujas atividades envolviam principalmente a elaboração de ofícios, memorandos, e a coleta de documentação para a emissão da identidade profissional.

Após me formar, continuei trabalhando no Conselho e comecei a distribuir meu currículo. Como gostei muito da experiência na Psicologia Escolar durante meu estágio, fui a uma escola para apresentar uma proposta de intervenção nas séries iniciais. Eles gostaram do meu trabalho e me contrataram. Assim, passei a atuar como psicólogo escolar pela manhã e à tarde continuava no CRP. Trabalhei como psicólogo escolar por quatro anos, atuando no então chamado ensino de 1º grau (ensino fundamental), realizando reuniões com pais, participando de conselhos de classe, auxiliando crianças com dificuldades de aprendizagem e oferecendo palestras para pais e professores, com o objetivo de levar os conhecimentos da Psicologia ao cotidiano escolar. Após quatro anos na escola, surgiu a oportunidade de fazer o concurso para agente de orientação e fiscalização no CRP. Fiz o concurso, fui aprovado e comecei a atuar no cargo em 1987, aproximadamente. A função exigia muitas viagens pelo estado de MS, o que me levou a deixar o trabalho na escola. Como agente de orientação e fiscalização, minha tarefa era garantir que o exercício da profissão estivesse em conformidade com as normas, orientando e fiscalizando os profissionais.

Na época, década de 1980, a profissão de psicólogo ainda era nova, o que fazia com que muitas irregularidades acontecessem, como o exercício ilegal da profissão por pessoas sem formação ou registro. Além disso, era comum encontrar materiais e testes que não estavam em conformidade com a legislação vigente. Utilizávamos o Manual Unificado de Orientação e Fiscalização como base para nossas ações e, em casos de irregularidades graves, tomávamos medidas administrativas ou, quando necessário, denunciávamos na delegacia. Atuei como agente de fiscalização por cerca de 12 anos, até que, em uma gestão do CRP-06 – ao qual ainda estávamos vinculados – decidiram eliminar a função de agente fiscalizador, transferindo as responsabilidades para os conselheiros. Acredito que essa foi uma decisão equivocada, pois os conselheiros já tinham outras obrigações e não conseguiam atender a demanda de fiscalização, o que prejudicou o exercício da profissão. Mais tarde, foi necessário restabelecer o trabalho dos agentes de fiscalização.

Após minha saída do Conselho, decidi explorar uma nova área da Psicologia, na qual não tinha experiência prévia. Pensei em abrir uma clínica para atuar com psicoterapia, mas acabei optando por um caminho diferente ao ver um edital para trabalhar na Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul (FIEMS), em 1991, na área de Psicologia Organizacional, com

a qual eu já tinha afinidade. Decidi não abrir o consultório e me candidatei à vaga. Fui selecionado e minhas atividades incluíam seleção e treinamento de funcionários, orientação profissional, processos seletivos e avaliações psicométricas. Trabalhei na FIEMS por cerca de seis anos e, durante esse tempo, também exerci a função de gerente do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) por dois anos.

Em 1996, resolvi prestar concurso público para o estado de MS, pois, apesar de nunca ter tido interesse em ser servidor público, percebi que já estava com uma idade avançada e que o emprego na Federação não era algo garantido. Fui aprovado e convocado para trabalhar na Secretaria de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (SEDAST), atuando no Programa de Inclusão Social (PIS), que atendia populações em situação de vulnerabilidade econômica. Meu trabalho consistia em supervisionar o andamento do programa e garantir a execução das atividades relacionadas à inclusão social. Depois de quatro anos trabalhando no estado, percebi que o trabalho na área social, principalmente por ser de supervisão e não de execução direta, não me satisfazia. Além disso, as constantes viagens para os municípios tornavam o trabalho cansativo. Por isso, decidi prestar concurso para a Prefeitura, onde tinha o desejo de atuar na área da saúde.

Quando fui aprovado no concurso da Prefeitura, acabei sendo alocado novamente na área de Assistência Social, atuando no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e no Serviço de Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI). Atendíamos famílias e indivíduos em situação de risco ou que tiveram seus direitos violados, como vítimas de violência ou negligência. Atuei nesse serviço por um tempo, mas, devido à distância do local de trabalho, solicitei transferência para o serviço de Medidas Socioeducativas, no qual comecei a trabalhar com adolescentes em liberdade assistida. Após adquirir estabilidade na Prefeitura, solicitei transferência para a área da Saúde. Nesse período, também comecei a lecionar no curso de Recursos Humanos da Faculdade de Mato Grosso do Sul (FACSUL), a convite de uma colega. Lecionei por cerca de sete anos, conciliando essa atividade com meu trabalho na Secretaria de Saúde, até que decidi me afastar da docência por conta da rotina exaustiva. Na Secretaria de Estado da Saúde (SESAU), comecei a trabalhar no Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), criado em 2008 pelo Ministério da Saúde. Atuo nas Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF), prestando atendimento em bairros carentes, oferecendo diversos serviços à população, como atendimentos psicológicos, orientações a gestantes e grupos terapêuticos. Hoje, continuo atuando no NASF, e me identifico muito com a área de saúde, especialmente na promoção e prevenção da saúde da população.

Ao longo da minha carreira, sempre busquei me especializar. Em 2015, finalizei minha especialização em Atenção Básica em Saúde da Família pela FIOCRUZ e, atualmente, estou concluindo meu mestrado em Saúde da Fa-

mília na UFMS. O tema da minha dissertação é “Saúde mental dos agentes comunitários de saúde no contexto da pandemia de Covid-19”. Retornar aos estudos foi um desafio, e acredito que poderia ter feito o mestrado mais cedo, mas, na época, o plano de carreira no serviço público não incentivava tanto a busca por títulos. Decidi fazer o mestrado agora, tanto pela remuneração quanto pela qualificação profissional. Além disso, atualmente exerço a função de conselheiro no CRP-14.

## CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 14<sup>º</sup> REGIÃO – MATO GROSSO DO SUL

Minha relação com o CRP começou ainda na graduação. Quando estava no quarto ano, comecei a trabalhar como assistente administrativo. Consegui essa vaga, como falei antes, mediante o professor José Chadid, que me convidou para o trabalho. Durante a graduação, eu sempre fui ativo em sindicatos e no movimento estudantil, e ele percebeu esse meu interesse. Como eu já estava quase me formando, vi isso como uma oportunidade de me inserir no mercado de trabalho e aceitei. A vaga de assistente administrativo surgiu quando decidiram abrir um espaço físico para ser a delegacia do Conselho em Campo Grande. Até então, existia apenas um delegado sem um local fixo de trabalho. Antes, quando o profissional se formava e precisava fazer o registro no Conselho, tinha que ir até Presidente Prudente para dar entrada e fazer a identificação. Abrir uma delegacia na cidade facilitou muito esse processo para os profissionais de Campo Grande.

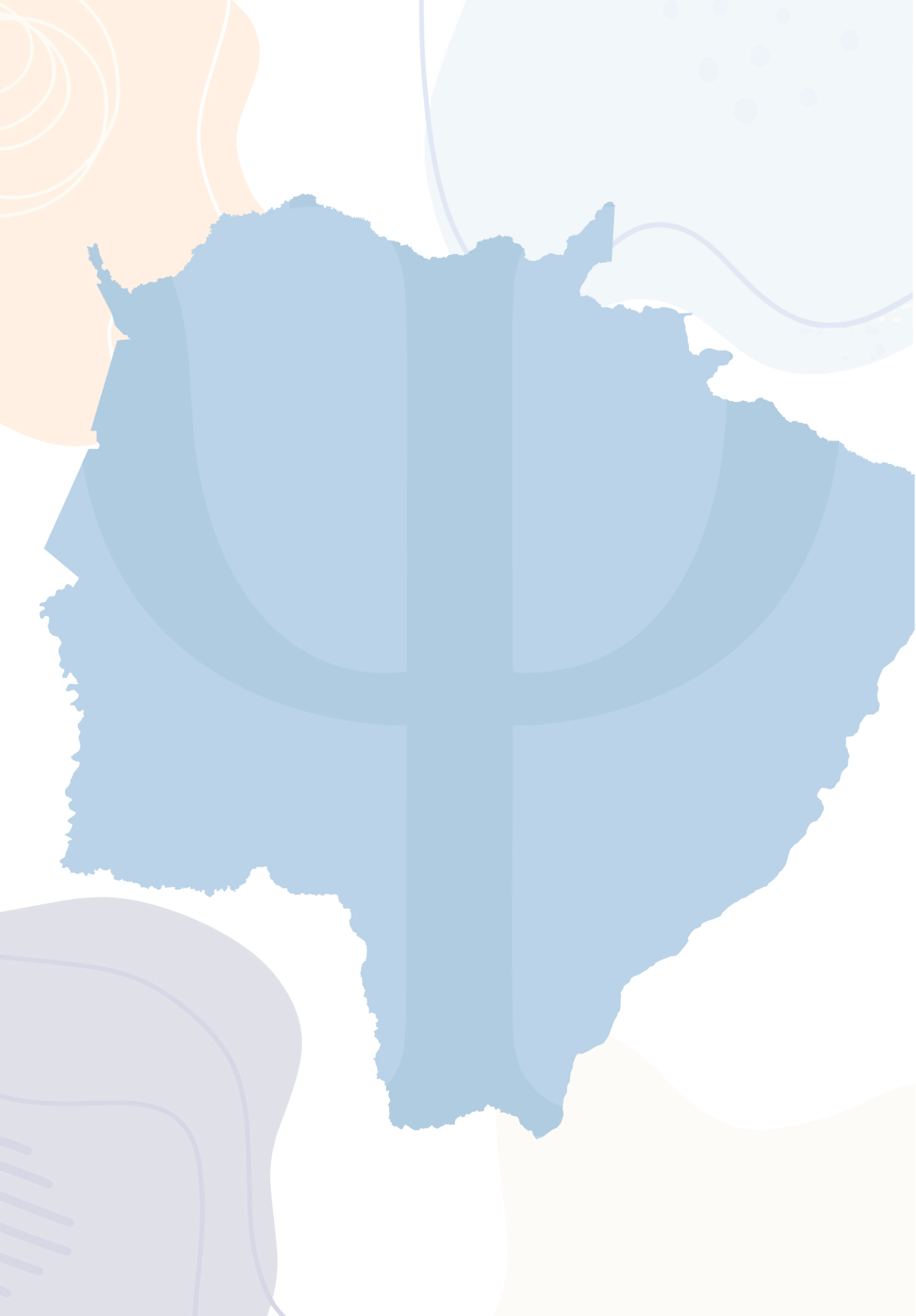
Naquela época, o Conselho era ligado ao Ministério do Trabalho e usava terminologias das autarquias federais, como o termo “delegacia”. Em Campo Grande, criaram a delegacia do CRP-06 e uma outra em MT. O objetivo era atender as necessidades administrativas e profissionais da nossa região. Trabalhei como assistente administrativo por cerca de quatro anos. Depois, prestei concurso para o cargo de agente de orientação e fiscalização, que exerci por doze anos. A principal função era fiscalizar o exercício da profissão em todo o estado de MS. Acabei deixando o cargo de fiscal quando uma nova gestão do CRP-06 decidiu que as atribuições de fiscalização passariam a ser feitas pelos conselheiros, decisão com a qual eu não concordava. Acredito que o papel do fiscal é indispensável, visto que os conselheiros já têm muitas outras responsabilidades. Com o tempo, os problemas começaram a surgir pela falta de fiscalização. A situação só mudou quando criaram o CRP-14, aqui em MS, e reabriram o cargo de fiscal. Para mim, o trabalho de fiscalização é essencial para garantir que a profissão seja exercida de acordo com as leis. Mesmo com fiscais atuando, ainda existem pessoas que trabalham fora das normas, e sem fiscalização seria ainda pior.

Quando deixei de ser fiscal, continuei colaborando no Conselho em outras áreas. Fiz parte da Comissão de Ética e da Comissão de Saúde Mental. Nessas comissões, trabalhamos para promover e divulgar a Psicologia e seus princípios éticos. Na Comissão de Ética, lidávamos com denúncias e realizávamos pareceres sobre processos éticos, preservando sempre o sigilo. Além disso, promovíamos debates e encontros para discutir as questões éticas da profissão. Já na Comissão de Saúde, atuo até hoje, principalmente no núcleo de saúde mental. Nosso objetivo é criar espaços para discutir e aprofundar as diretrizes do Congresso Nacional de Psicologia (CNP) e dos Congressos Regionais (COREP), contribuindo para o desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão.

Atualmente, sou conselheiro, um cargo que assumi em 2023. No começo, eu não pensava em assumir essa posição, pois sabia da grande responsabilidade que envolvia. Nas comissões, a gente tem a liberdade de delegar tarefas e se ausentar em alguns momentos, mas como conselheiro, isso não é possível. As pessoas esperam que você resolva os problemas. Foi só depois de muita insistência de colegas que decidi aceitar o desafio, já que eles acreditavam que minha experiência seria valiosa para o Conselho. No entanto, quando assumi o cargo, eu também estava fazendo o mestrado, então tive que equilibrar muitos compromissos. Além disso, sou presidente da Comissão de Orientação e Fiscalização, que coordena e executa as atividades de orientação e fiscalização do Conselho. Como presidente, minha função é estar presente semanalmente para assinar notificações, orientar psicólogos e coordenar o trabalho das fiscalizadoras. Não faço o trabalho de campo, mas supervisiono e dou suporte para que tudo seja feito da melhor maneira possível. Assim, ser conselheiro exige participar de reuniões quase toda semana e viajar para várias cidades do interior do estado para resolver denúncias graves. Também preciso viajar a Brasília a cada dois meses para reuniões com o CFP.

## REFERÊNCIAS

HOMENAGEADA. Homenagem à Psicóloga Maria Solange Felix Pereira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 444, dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200017>.



# RÔMULO SAID MONTEIRO

Rômulo Said Monteiro  
Ana Beatriz Torres Mujica de Kamis

Nasci em 16 de novembro de 1953, em Maringá, cidade do estado do Paraná (PR), Brasil. Em 1964, me mudei para a cidade de São Paulo. Em 1973, comecei a minha graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Posteriormente, ainda no ano de 1973, ingressei na Faculdade Objetivo – atual Universidade Paulista (UNIP) – para iniciar a minha graduação em Psicologia, concluindo-a em 1978. Participei da formação em Psicodrama promovida pelo Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos (GETEP), uma microempresa que promove o desenvolvimento das relações grupais nos campos educacional, profissional e social durante meu quarto ano de faculdade de Psicologia. Durante um período de dois anos, montei uma clínica com meu então colega de faculdade, Amadeu Pagnanelli. Em 1980 mudei para Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul (MS), onde prestei concurso para a recém-formada Secretaria de Educação, o qual organizei o serviço de Pré-escola e da Orientação Educacional. Em 1986 formei o Instituto Gaya de Psicodrama. Fui professor universitário da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) nas matérias de Psicologia do Desenvolvimento. Criei grupos de formação em Psicodrama, juntamente com Luiz Amadeu Bragante e Márcia Batista e, em 2017 lecionei aulas de Psicodrama para o curso de graduação em Psicologia da UCDB, tendo duração de dois semestres. No entanto, dei uma pausa de 10 anos, mas sempre exercendo em consultório.

Em 1996 a 1998 fui convocado para o cargo de Conselheiro Suplente do I Plenário do Conselho Regional de Psicologia 14ª região (CRP-14) e, de 2004 a 2007, assumi cargo de Conselheiro Efetivo no IV Plenário. Paralelamente, em 2005 fui Conselheiro Presidente durante o IV Plenário Psicologia: protagonismo e ação de todos. De 2019 a 2022, assumi meu último cargo no Conselho Regional como Conselheiro Suplente do IX Plenário.

## GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Formei-me em Psicologia na Faculdade Objetivo em 1978, depois de ter começado minha formação em Pedagogia em 1973, na PUC-SP. Antes de entrar na PUC, fiz cursinho no colégio Equipe. Tive filosofia no curso básico da PUC, fiquei encantado com a teoria existencialista. Durante o curso de graduação em Psicologia, tive contato com várias áreas, e meu interesse inicial era pela Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Na época, achei muito legal por causa da visão científica que ela trazia e me ajudou a ter uma visão mais científica do que realmente era a psicologia. No entanto, com o tempo, comecei a achar a abordagem muito americanizada, cheia de tabelas e esquemas. Então, me formei em Gestalt-terapia com Jorge Ponciano Ribeiro. Porém, minha verdadeira paixão sempre foi o Psicodrama, porque acho ele mais criativo.

Minha graduação em Psicologia foi bem intensa; tenho a impressão de que era mais rígida do que hoje em dia. Passei por muitas avaliações, que iam desde provas escritas até atendimentos em salas com espelhos, com o supervisor assistindo. Sempre me dei muito bem com meus professores e acho que, à época, havia uma liberdade maior. Tive aulas de fisiologia voltadas muito mais para o modelo biomédico, com médicos. Concomitantemente à minha faculdade, fiz minha formação em psicodrama durante o quarto semestre. Alguns professores eram mais fechados, mas eu sempre mantive uma boa relação com a maioria. Tive estágios variados, um que me lembro foi no setor organizacional, em um banco de investimento. Mesmo não seguindo, me ajudou muito a conhecer mais da área. No último ano tivemos estágio em clínica, e a faculdade objetivo possuía uma. Recordo que o paciente ficava em uma sala com espelho onde os alunos viam do outro lado e discutiam o caso em grupo. Às vezes era meio tenso, mas foi uma experiência que agregou muito no meu currículo. Lembro que havia matérias que, para mim, não faziam muito sentido, como Estatística, a qual acabei por pegar dependência e Educação Moral e Cívica, sendo essa última imposta pela Ditadura Militar.

O período da Ditadura teve uma grande influência na minha graduação, especialmente por eu estar na PUC-SP, que era uma universidade muito engajada nas lutas políticas. Em 22 de setembro de 97, depois de um ensaio do coral, Erasmo Dias, que era delegado, invadiu a PUC, e todos nós fomos levados para o estacionamento. O medo era grande, porque, se fôssemos presos, existia uma chance real de nunca mais sermos vistos. Por conta da censura da Ditadura, muitos conceitos eu não cheguei a conhecer na faculdade, como as teorias de Lev Semionovitch Vigotski, que era comunista. Meu interesse por Vigotski surgiu mais tarde, de forma inesperada. Quando comecei o mestrado, estudei sua teoria e me encantei. Na minha visão, a teoria sócio-histórica de Vigotski tem um paralelo com o que Jacob Levy Moreno diz, só que de uma maneira muito mais profunda.

Iniciei meu mestrado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2018, com o tema Orientação profissional para os aposentados. É um tema bastante atual e pelo qual eu mesmo estou passando. No entanto, não concluí o mestrado. Durante os seis meses que cursei, gostei bastante, mas percebi que não queria seguir na vida acadêmica, corrigindo trabalhos e provas. Então, acabei desistindo. Talvez, se estivesse no começo da carreira, tivesse sido diferente, mas na época em que me formei, não havia muitas opções de mestrado, e eu também não tinha muita noção do que isso envolvia. Inclusive, quando dou conselhos para alunos, sempre digo: estudem todas as áreas da Sociologia, Filosofia, Antropologia e Política. Isso vai ajudar muito a “entender o paciente” (sic). Quando um paciente traz uma crença, é importante saber de onde vem essa crença. Por exemplo, se usarmos a teoria de Vigotski, percebemos que nossos sentimentos não são só nossos, eles têm uma origem sócio-histórica. Portanto, quanto mais estudarmos Filosofia, Sociologia, Antropologia, melhor conseguiremos acessar a individualidade e a subjetividade da pessoa que está na nossa frente.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Após minha formatura, montei um consultório em SP com meu colega de curso, Amadeu Pagnanelli. Trabalhamos juntos por dois anos e planejamos nos mudar para Campo Grande com nossas esposas na época. Eu vim, ele ficou. Aqui, me inscrevi em um concurso para a recém-formada Secretaria de Educação. Nunca tinha feito concurso antes, e fiquei surpreso quando passei em segundo lugar. Ao mesmo tempo, aceitei a oferta de um conhecido para me tornar sócio em um restaurante italiano. Abri inúmeros bares e restaurantes.

Minha atuação profissional sempre foi marcada pela aplicação do Psicodrama em diversos contextos, desde presídios até praças públicas, além de envolvimento em projetos sociais, como na Organização Não-governamental (ONG) Entre Nós, que fundei juntamente com os diretores do Instituto Gaya e alguns alunos engajados em 2001. Já trabalhei em bairros carentes da cidade, como o Noroeste, onde a renda média é de cerca de R\$ 600,00. Lá, apliquei um pouco do Sociodrama inspirado no Sociodrama realizado em São Paulo (SP) com Marta Suplicy, criando a apresentação “Qual o bairro que eu quero e o que posso fazer por ele?”. Foi um sucesso e extremamente gratificante. Às vezes, me perguntam: “Por que você faz isso?” e eu respondia: “Porque alguém tem que fazer”, e ia com o maior prazer. Nunca me imaginei fazendo Sociodrama, até porque me considerava tímido. Pensava: “Jamais vou conseguir fazer isso”. Porém, depois de realizar o Sociodrama com a temática “A cidade que eu quero e o que posso fazer por ela”, em vários bairros de São Paulo, sob a direção de Marta Suplicy, senti confiança para

ministrar aqui em Campo Grande. Fiz uma intervenção na Praça Ary Coelho, e no meio da multidão, com o microfone em mãos, me senti realizado. Não tem sensação igual.

Sempre trabalhei com Psicodrama. Fui o primeiro psicodramatista de Campo Grande e trouxe o primeiro curso para cá em 1986, com Luiz Amadeu Bragante e Márcia Bragante. Formamos uma turma de 29 alunos, um número grande. Sonhava em ser assistente do Amadeu, mas já na primeira aula percebi que tinha muito a aprender e me coloquei como aluno novamente. O divórcio deles foi um grande choque para mim, tanto que fiquei alguns anos sem promover novos cursos. Até que conheci minhas atuais parceiras de trabalho, Luiza Barros e Alcione Dias Ribeiro. Também trabalhei como professor de psicodrama na UCDB durante dois semestres em 2017, a convite das professoras Sonia Grubits e Maria Solange Felix Pereira. Dei aulas teóricas e práticas sobre Sociodrama. Ser professor foi muito gratificante, poder compartilhar conhecimentos e experiências com os alunos era algo que eu gostava muito de fazer, embora não tenha seguido o caminho acadêmico. Hoje, não consigo me prender a uma rotina de horários fixos, então seria complicado corrigir provas e ministrar aulas com regularidade.

Ao longo da minha carreira, trouxe vários cursos para cá, incluindo um curso de atualização de testes de avaliação psicológica. Quando o Conselho Federal de Psicologia (CFP) decidiu moralizar os testes, muitos foram cortados por estarem desatualizados, o que deixou muitos profissionais perdidos. Fui ao Conselho Regional de Psicologia 6ª região (CRP-06), em SP, para um encontro internacional, em que todos os estados brasileiros estiveram presentes. Conversei com representantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade de Brasília (UnB) e, juntos, criamos um curso de 120 horas, com duração de 10 meses. Formamos turmas em cidades como Cuiabá (Mato Grosso, MT), Campo Grande e Porto Velho (Rondônia, RO).

Meu retorno à Psicologia foi inusitado! Depois que fechei meu último bar, fiquei sem saber o que fazer. Meu primo me perguntou se eu não queria voltar para a Psicologia. Agora, me perguntam o contrário: “Você é psicólogo o tempo inteiro?” E sim, sou. Não no sentido de ficar analisando as pessoas, mas como um arquiteto que entra num prédio e observa a estrutura, meus olhos vão para as pessoas. Então, sim, sou psicólogo o tempo todo e sou psicodramatista. Fiquei dez anos fora da área e quando voltei, trouxe comigo um espírito empreendedor. Muito do meu sucesso como empresário eu devo à Psicologia e o sucesso na Psicologia veio do empreendedorismo. Aprendi coisas que não se ensinam na faculdade, como administrar uma clínica. Foi depois desses dez anos que fundei a Cooperativa de Trabalho em Psicologia (Unipsico), que durou 18 anos, e o Instituto Gaya.

A Unipsico foi uma cooperativa inspirada no movimento dos psicólogos de SP, que lutavam contra os baixos valores pagos pelos convênios. Criamos uma tabela de valor mínimo por hora de trabalho. Nos anos finais, consegui-

mos fixar o valor em R\$ 100,00, um bom preço tanto para o paciente quanto para o psicólogo. Infelizmente, tivemos que fechar durante o governo de Michel Temer (2016–2018) por conta dos altos impostos sobre as cooperativas. O Instituto Gaya, fundado em 1986, promovia formação em Psicodrama com professores como Luiz Amadeu Bragante e Márcia Batista. Depois da separação dos dois, em 1988, continuamos com a professora Batista por mais três anos. A separação deles foi um grande trauma para mim, os via como figuras parentais. Fiquei sem promover cursos por 2 anos e voltei a focar nos bares. Hoje, o Gaya promove palestras. Pensei em fechá-lo, mas tenho carinho pelo instituto.

Importante dizer que sempre gostei da área Social, mas comecei a me envolver de verdade por meio do Conselho e do Sociodrama. Com eles, percebi que o psicólogo também tem a função de agente social transformador. O CRP me ensinou que, no consultório, não devemos fazer pregação partidária, mas precisamos entender o que motiva o sujeito e o que o leva a ter certas crenças, ajudando-o, muitas vezes, a superar essas questões. No Sociodrama, temos a capacidade de promover a troca de conteúdos psíquicos, atitudinais e comportamentais entre as pessoas. Eu acredito muito no poder transformador do Sociodrama. Aprendi muito com ele! Sempre trabalhei com o Psicodrama Clínico e a Gestalt-terapia, mas costumo brincar que estou me aposentando do consultório para focar no trabalho social. Não tenho mais disposição para aquela rotina de horários marcados, mas o consultório sempre foi importante na minha trajetória. Depois de 45 anos de profissão, estou me encantando mais com o social. Acho que o psicólogo tem um instrumento poderoso nas mãos quando trabalha com outras pessoas.

## CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 14<sup>ª</sup> REGIÃO – MATO GROSSO DO SUL

Minha estreia no CRP ocorreu de forma discreta, a convite da professora Irma Macário. Ela entrou antes de mim, quando o Conselho ainda era vinculado ao CRP-06. Ela costuma brincar dizendo que todo o conselho cabia em uma gaveta de escrivaninha na Clínica da UCDB. Tudo o que existia ficava ali, em uma gaveta. Naquela época, fiquei amigo da Maria Solange Félix Pereira, que também me convidou para participar do Conselho. Aceitei, e durante quase todas as gestões, estive envolvido, embora em algumas tenhamos perdido a eleição. No entanto, sempre exerci algum cargo, principalmente nas funções administrativas e de gestão. Lutei bastante pelo aumento do valor pago por hora trabalhada, pois acreditava que os valores cobrados, especialmente pelos convênios, eram um desrespeito, desvalorizando a profissão. Entre 1996 e 1998, fui Conselheiro Suplente do I Plenário e, posteriormente, de 2004 a 2007, atuando como Conselheiro Efetivo no IV Plenário, quando

desempenhei funções de gestão, representando politicamente o CRP, ajudando a definir as ações e contribuindo para o planejamento estratégico.

Quando assumi como Conselheiro Presidente em 2005, no IV Plenário, sob o tema “Psicologia: Protagonismo e ação de todos”, foi uma experiência extremamente enriquecedora. No início, não sabíamos ao certo como seria o trabalho como presidente, pois estávamos ainda em processo de formação e o Conselho abrangia tanto MT quanto MS, devido ao número insuficiente de psicólogos. Havia uma certa tensão entre os estados por conta da separação, então parte do meu trabalho foi de natureza diplomática. Além disso, colaborei significativamente com a digitalização e informatização do Conselho, algo essencial para tornar sua operação mais eficiente e acessível.

Em outras gestões, atuei como secretário ou conselheiro. Na última gestão da qual participei, como Conselheiro Suplente no IX Plenário, entre 2019 e 2022, comecei a trabalhar com a Psicologia do Esporte, uma área que ainda não tinha muito campo, mas que hoje vejo ganhando espaço. Acredito que o Conselho é absolutamente necessário, e que é fundamental para os psicólogos recém-formados participarem dele. Isso proporciona uma visão mais clara e ampla da profissão. A Psicologia não se limita ao consultório; existe toda uma rede sociopolítica por trás. O Conselho nos ensina ética e a importância do social na prática. Para nós, psicólogos, construir redes é crucial, pois trabalhamos diretamente com e para as pessoas.

## REFERÊNCIAS

HOMENAGEADA. Homenagem à Psicóloga Maria Solange Felix Pereira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 444, dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200017>.

# SOBRE ORGANIZADORES E AUTORES

## Alexandra Ayach Anache

Professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós-doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do grupo de pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação Especial (CNPq) e membro da Comissão Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

## Ana Beatriz Torres Mujica de Kamis

Acadêmica de Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## Ana Camila Marcelo (org.)

Psicóloga. Doutoranda em Psicologia da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Coordenadora do Núcleo de Saúde Mental do Conselho Regional de Psicologia 14ª Região - MS (CRP14/MS).

## Antônio José Ângelo Motti

Graduado em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco UCDB. Pós-graduado em nível de Especialização em Psicologia Social. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

## Carlos Afonso Marcondes Medeiros

Psicólogo especialista em Psicologia Clínica e Psicopatologia Forense, com mestrado em Filosofia Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Atuou como presidente do Conselho Regional de Psicologia - 14ª Região MS (2007-2013) e Diretor Técnico do Detran/MS (1986-1995). Lecionou nos cursos de Psicologia, Filosofia e Pedagogia da FUCMT, atual Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), de 1980 a 1986, e coordenou o Serviço de Atendimento Psicológico da Polícia Civil de Mato Grosso do Sul.

### Celi Corrêa Neres

Graduada em Pedagogia e em Psicologia, pela Universidade Católica Dom Bosco. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Tem pós-doutorado pela UFMS. É conselheira e preside o Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul. É avaliadora Ad hoc do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em curso de graduação e na pós-graduação em Educação. Foi vice-reitora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2019–2023). Preside o Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul e Vice-presidente do Foncede pela Região Centro-Oeste. Participa da Rede Estadual de Pesquisa em Educação Especial de Mato Grosso do Sul e da Rede Internacional de Pesquisa em currículo, Inclusão e educação escolar de países e regiões de Língua Portuguesa. Tem experiência na área da educação e psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: educação especial, currículo, educação e diversidade. É líder do Grupo de Pesquisa “Lápis-Laboratório de Pesquisa em Educação Especial, Acessibilidade e Inclusão Escolar”.

### Gabriel Pinheiro Barata de Macedo

Acadêmico de Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).

### Gabriela Pereira da Silva (org.)

Psicóloga. Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Coordenadora Técnica em Psicologia do Conselho Regional de Psicologia 14ª Região – MS (CRP14/MS). Co-coordenadora do Fórum Sul-Mato-Grossense da Luta Antimanicomial.

### Irma Macário

Psicóloga (CRP 14/06193-6), Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Pós-graduada em Avaliação e Perícia Psicológica pela UCDB, Pós-graduanda em Neuropsicologia Clínica pela Universidade Federal de São Carlos. Atua como psicóloga no Setor de Atenção Psicológica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na Pró-reitoria de Ações Afirmativas, Equidade e Permanência Estudantil e coordena o Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS (CESH/UEMS). Coordena o Núcleo de Psicologia e Relações Interespécies na Comissão de Saúde do Conselho Regional de Psicologia 14ª Região – MS (CRP14/MS). É

representante do CRP14/MS no Comitê Municipal de Enfrentamento ao Aedes aegypti, em Campo Grande, MS. É membra do Grupo de Resposta a Animais em Desastres (GRAD Brasil).

#### Jaqueline de Andrade Torres (org.)

Psicóloga. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

#### Laura Santos Belchior Vicente

Acadêmica de Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).

#### Marcella Medeiros da Cunha

Acadêmica de Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

#### Millene Soares Cardoso (org.)

Psicóloga. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cursando Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UCDB.

#### Norma Celiane Cosmo

Graduada em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora no curso de graduação de Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco. Técnica de apoio educacional no Centro Estadual de Educação Especial e Inclusiva da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul.

#### Paulo Godofredo Barbosa de Carvalho

Graduado em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Psicólogo da Prefeitura Municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na eMULTI (Equipe Multidisciplinar), na Secretaria Municipal de Saúde. Pós-graduado em “Atenção Básica em Saúde da Família” pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Saúde da Família pela UFMS.

### Renan da Cunha Soares Junior (org.)

Psicólogo. Doutor em Psicologia da Saúde (UCDB). Conselheiro Secretário do X Plenário do CRP14/MS na Gestão 2022-2025. Coordenador da Comissão de Memória da Psicologia do CRP14/MS.

### Rodrigo Lopes Miranda (org.)

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e vice-coordenador do referido Programa. Professor do curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Coordenador da Comissão de História da Análise do Comportamento da Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC) e segundo secretário da Associação. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### Rômulo Said Monteiro

Graduado em Psicologia pela Universidade Paulista e em Pedagogia – Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá. Tem formação em Psicodrama pela Federação Brasileira de Psicodrama e em Gestalt pelo Instituto de Gestalt Terapia de Mato Grosso do Sul.

